José Francisco Simões Dias Cortez

Mestrado em Gestão Estratégica dos Destinos Turísticos

Turismo da Memória

- As raízes judaicas na região centro de Portugal –

2021

Orientador: Professor Vítor Ambrósio

Agradecimentos

O desenvolvimento de um trabalho com este grau de dificuldade não é tarefa fácil. Só a ajuda e o apoio de outros, permitiram a sua conclusão.

Há várias pessoas a quem não posso deixar de agradecer.

Obrigado à minha mãe, pelo constante apoio, ajuda e por sempre acreditar em mim.

Obrigado ao meu pai, pela disponibilidade e palavras de sabedoria.

Aos meus avós, tio e tia, por quererem sempre o meu melhor e pela constante presença.

A todos os meus amigos, por acreditarem em mim, por me apoiarem e me ajudarem a descontrair nas alturas em que precisava urgentemente de uma pausa.

Ao Professor Vítor Ambrósio por ser um orientador dedicado e presente.

A todos os professores que me apoiaram, ensinaram e motivaram e que de alguma forma contribuíram para a instrução que tenho hoje.

A todos um grande obrigado!!!

Resumo

A presente dissertação, intitulada "Turismo da Memória - As raízes judaicas na região centro de Portugal", tem como objetivo compreender o grau de valor deste tipo de turismo na região centro do país e a viabilidade de criação de um roteiro judaico, dentro desta mesma região.

Portugal possui uma longa e interessante história com o povo judaico. No entanto, esta história é pouco conhecida até mesmo pelos portugueses. Tendo em conta a história e o património associado, é compreensível que o turismo judaico tenha sido um dos tipos de micro turismo com crescimento mais rápido dos últimos anos. Por outro lado, este tipo de turismo é de difícil enquadramento dentro das diferentes tipologias de turismo. Esta dificuldade criou a necessidade de o definir, bem como à história à qual está associado.

O estudo de caso por nós desenvolvido, requereu não só uma revisão bibliográfica, mas também a aplicação de dois conjuntos de entrevistas semiestruturadas. Embora fosse importante e interessante o desenvolvimento de um inquérito sobre este tema, tal não foi possível. O atual pequeno número deste tipo de turistas, agravado pela presente pandemia do Covid-19, inviabilizou essa possibilidade.

Este estudo permitiu concluir que a região centro não tem recursos nem desenvolvimento, para o turismo judaico ser um produto âncora na região. No entanto, este é, efetivamente, um produto âncora em algumas localizações da região centro e poderá um dia vir a ser, noutras regiões. Relativamente à possibilidade de desenvolvimento/criação de um roteiro judaico na região centro, verificou-se que pode ser desenvolvido, devendo ter-se particular atenção no interesse de cada grupo de visitantes e na tipologia em que estes se inserem. Por outras palavras, deve ter-se em conta se se trata de turistas judeus seculares ou ortodoxos.

Palavras chave: Produto âncora, turismo judaico, roteiro.

Abstract

This dissertation, entitled "Memory Tourism - Jewish roots in central Portugal", aims to understand the degree of value of tourism in the central region and the feasibility of creating a Jewish itinerary within this same region.

Portugal has had a long and interesting history with the Jewish people, however this history is little known, even by the Portuguese people. Given this history, and associated heritage, it is understandable that Jewish tourism has been one of the fastest growing types of micro-tourism in recent years. This type of tourism, in turn, is complicated to fit into the different types of tourism, and as such we feel the need to define it, as well as the history to which it is associated.

The case study developed by us required the use of not only a literature review, but also a series of exploratory and later practical interviews. Although in fact it was interesting to develop a survey on this topic, this was not possible due to the small number of tourists of the type analyzed here and the present covid-19 pandemic.

This study allowed us to conclude that the central region does not have resources and development for Jewish tourism to be an anchor product within this region, but this is effectively an anchor product in some locations within the central region and may one day be in others as well. Regarding the development of a tour, a Jewish tour in the central region can be developed, paying particular attention to the interest of each group of visitors and the typology in which they belong, or in other words, whether they are secular or Orthodox.

Keywords: Anchor product, Jewish tourism, itinerary.

Índice de Figuras

Figura 1. Divisão dos vários tipos de turismo cultural…… 6

Figura 2. Tipos de identidade criados por grupos que buscam identidade……..…. 7

Figura 3. O espetro do Sagrado e do Profano e a sua relação com o tipo de turista……...…. 8

Figura 4. Região centro e as localizações de património judaico significativo……..……. 33

Figura 5. Mapa da região centro com as localizações de património judaico…….…… 42

Figura 6. *Mikveh*……..…… 70

Figura 7. Pátio da Inquisição……..……. 71

Figura 8. Fonte dos Judeus…….…. 72

Figura 9. Centro Interpretativo Ephraim Bueno…….……. 73

Figura 10. Centro de Memória Judaica de Vila Cova à Coelheira…….. 74

Figura 11. Um poço na mesma localização rodeado pela estrela de David……..... 74

Figura 12. Poço do Mestre…….. 75

Figuras 13, 14 e 15. Casa do gato preto e figuras em pedra do leão, de jeová e do judeu encurvado…….…….….. 76

Figuras 16 e 17. Centro de Interpretação e Sinagoga……..... 77

Figura 18. Memorial aos refugiados e edifício do museu……...… 79

Figura 19. Interior do Museu……...…… 79

Figuras 20 e 21. Sinagoga/ Casa do Relógio…….…….. 80

Figura 22. Hospital da Misericórdia…… 81

Figura 23. Casa da História Judaica da Raia Sabugalense…….…. 82

Figura 24. Sinagoga Bet Eliahou…….…… 83

Figura 25. Museu Judaico de Belmonte…….…...… 83

Figura 26. Hotel Judaico de Belmonte - Belmonte Sinai……...…. 84

Figura 27. Estátua de António Ribeiro Sanches, em frente à Câmara Municipal……..……. 85

Figura 28. Casa da Memória da Medicina Sefardita, António Ribeiro Sanches……...….. 85

Figura 29. Estátua de bronze do escultor Joaquim Martins Correia, em homenagem a Afonso de Paiva, Amato Lusitano (1511-1568), médico judeu albicastrense……...…... 86

Figura 30. Casa da Memória Judaica e dos Cristãos-Novos…….. 87

Figura 31. Objetos judaicos - Casa da Memória……..……... 87

Figura 32. Casa do Passal…….…….... 88

Figura 33. Centro de Diálogo Intercultural……..…….... 89

Figura 34. Casa do Arco……..... 90

Figura 35. Foto de onde se pensa que seria a porta da entrada da judiaria……...…. 92
Figura 36. Uma das casas nas traseiras…….……. 93
Figura 37. Sinagoga Portuguesa em Amsterdão……..……94

Glossário

Ashkenazi: "Judeu originário da Europa central e oriental; judeu cuja ascendência remonta às comunidades judaicas da Europa central e oriental" (Infopédia, s.d.).

Cripto-judeu: "Criptojudaísmo é o termo referente aos judeus que praticavam a sua fé e costumes, em segredo (cripto), por medo das perseguições, de práticas de judeus que mantinham a sua fé em segredo, enquanto publicamente seguiam o cristianismo. Outros adeptos deste Criptojudaísmo foram os "xuetes" (Ilhas Baleares), os "marranos" (Península Ibérica) e "neofiti" (Itália)" (Infoescola, s.d.).

Judaísmo ortodoxo: "*Orthodox Jews are defined by their adherence to a traditional understanding of Jewish law as interpreted by rabbinic authorities over the centuries. Hallmarks of Orthodox religious life include strict observance of Shabbat (no driving, working, turning electricity on or off, or handling money) and of kosher laws*." (My Jewish Learning, s.d.).

Judaísmo secular (reformado): "*The movement emphasizes the primacy of the Jewish ethical tradition over the obligations of Jewish law. The movement has traditionally sought to adapt Jewish tradition to modern sensibilities and sees itself as politically progressive and social-justice oriented while emphasizing personal choice in matters of ritual observance.*" (My Jewish Learning, s.d.).

Judiaria: "(…) parte de uma cidade em que eram obrigados por lei, a residir os judeus. Por extensão, o termo aplica-se a qualquer parte de um aglomerado populacional habitado maioritária ou exclusivamente, por pessoas de cultura judaica" (Educalingo, s.d.).

Justos entre nações: "Mulheres e homens não judeus que, durante a Segunda Grande Guerra, puseram a vida em risco, para salvar da morte certa os judeus perseguidos pelo regime nazi" (Coelho, 2015).

Kasher/Kosher: "Literalmente significa próprio ou correto. É o termo usado para descrever o alimento permitido, de acordo com as leis alimentares judaicas" (Intedya, s.d.).

Marrano: "Que ou quem, sendo judeu na Península Ibérica, se converteu contra a sua vontade ao cristianismo, sendo suspeito de praticar secretamente a religião judaica" (Priberam Dicionário, s.d.).

Menhorah: "Entre os hebreus, o castiçal de sete braços tem o nome de menorah, símbolo da luz divina e corresponde à árvore de luz sagrada da Babilónia. Para alguns escritores judeus, o menorah simboliza o movimento do universo, com o sol ao centro e os seus planetas a rodeá-lo, sendo ao mesmo tempo a luz de Deus e nesse contexto utilizado como decoração nas sinagogas e nos túmulos funerários" (Infopédia, s.d.).

Mikveh ou mikvah: "(…) banho usado com o propósito de ritual imersão, no judaísmo. A palavra "mikveh", usada na Bíblia hebraica, significa literalmente uma "coleção" - geralmente, uma coleção de água. Vários regulamentos bíblicos especificam que a imersão total na água é requerida para recuperar a pureza, após ocorrerem incidentes impuros. Era necessário que uma pessoa fosse ritualmente pura, para entrar no Templo. Além disso, a um converso para o judaísmo, é necessário mergulhar em um mikveh, como parte da sua conversão. Uma mulher é obrigada a mergulhar em um mikveh após o período menstrual ou após o parto, antes que ela e o marido possam retomar as relações conjugais" (Educalingo, s.d.).

Rabi: "(…) palavra hebraica usada como uma expressão de respeito e honra. No hebraico, o termo rav significa "grande", "mestre" e acabou por tomar o sentido de "professor". (…) título atribuído a mestres e líderes religiosos" (Estilo a oração, s.d.).

Rabi-mor: "Na época medieval, era o judeu nomeado pelo rei para agir como principal representante da comunidade judaica, com responsabilidade pelo cumprimento das leis relativas aos judeus, além de competências administrativas e financeiras" (Infopédia, s.d.).

Sefardita: "Relativo aos sefarditas, judeus de Portugal e de Espanha, na Idade Média, ou aos membros da comunidade judaica que usam os ritos e costumes dos judeus imigrados da Península Ibérica, espalhados por várias partes do mundo" (Priberam Dicionário, s.d.).

Shabbat: "*Shabbat (שַׁבָּת; related to Hebrew verb "cease, rest") is the seventh day of the Jewish week and is the day of rest and abstention from work as commanded by God. Shabbat involves two interrelated commandments: to remember (zachor) and to observe (shamor).*" (Jewish Virtual Library, s.d.).

Sinagoga: "Trata-se do espaço no qual se reúnem as pessoas de religião judaica para rezar e estudar a Torá. A noção também permite evocar a congregação de judeus" (Conceito, s.d.).

Sionismo: "Doutrina relativa à formação de um estado israelita independente, na Palestina" (Priberam Dicionário, s.d.).

Talmude: "O Talmude é uma coletânea de ensinamentos judaicos antigos. As leis escritas do judaísmo são encontradas na Torá, que é composta pelos cinco primeiros livros da Bíblia." (Todas as Respostas, s.d.).

Tora: "*Torah, in Judaism, in the broadest sense, the substance of divine revelation to Israel, the Jewish people: God's revealed teaching or guidance for humankind. The meaning of "Torah" is often restricted to signify the first five books of the Hebrew Bible (Old Testament), also called the Law (or the Pentateuch, in Christianity). These are the books traditionally ascribed to Moses, the recipient of the original revelation from God on Mount Sinai*." (Britannica, s.d.).

Yad Vashem: "*Israel's largest Holocaust memorial*" (Tourist Israel the Guide, s.d.).

Yom Kippur: "*Hebrew Yom Ha-Kippurim, English Day of Atonement, most solemn of Jewish religious holidays, observed on the 10th day of the lunar month of Tishri (in the course of September and October), when Jews seek to expiate their sins and achieve reconciliation with God*" (Britannica, s.d.).

Índice Geral

Agradecimentos…… ii

Resumo…… iii

Abstract …… iv

Índice de figuras …… v

Glossário …… vii

Índice geral …… ix

Capítulo 1 – Introdução …… 1

Enquadramento Geral …… 1

Questões a abordar e objetivos…… 2

Estrutura da dissertação…… 3

Capítulo 2 - Metodologia…… 4

Problemática da investigação …… 4

Estratégia metodológica…… 5

Capítulo 3 - Enquadramento Teórico…… 5

Turismo cultural …… 5

Turismo religioso …… 7

- Peregrino…… 9

- Turista religioso …… 9

- Turista espiritual…… 10

Turismo religioso judaico …… 10

Diáspora, memória genética e turismo de memória…… 12

- Diáspora…… 12

- Memória Genética …… 13

- Turismo de memória …… 14

Capítulo 4 - Contextualização histórica - A história judaica em Portugal…… 16

Os primeiros judeus em Portugal …… 16

O período medieval (desde a fundação de Portugal até 1496) …… 17

O aumento da intolerância e da violência: os éditos de expulsão, o massacre de 1506 e a Inquisição…… 19

A diáspora judaica e o fim da Inquisição…… 20

O ressurgimento oitocentista e a legalização das comunidades judaicas…… 22

Durante a Segunda Guerra Mundial…… 24

O século XXI…… 25

Capítulo 5 - Caracterização do território…… 26

O património judaico nas várias regiões de Portugal …… 26

Algarve …… 26

Lisboa e Vale do Tejo …… 27

Alentejo …… 27

Norte …… 28

Açores e Madeira …… 29

Região Centro…… 29

- Aveiro …… 30

- Viseu …… 30

- Coimbra …… 30

- Guarda …… 30

- Castelo Branco …… 31

- Leiria …… 31

Mapa dos recursos de património judaico da Região Centro e crítica …… 32

Capítulo 6 - Estudo de caso: a criação de itinerários judaicos na região centro de Portugal…… 34

Rotas turísticas …… 34

- Europa …… 35

- Espanha …… 36

- Portugal …… 37

Análise das entrevistas…… 38

A região e os turistas …… 40

Itinerários ……...…… 42

- Itinerário A ……...…… 45

- Itinerário B…… 50

Capítulo 7 – Conclusão…….…… 55

Bibliografia …….…… 57

Anexo I - Caracterização dos recursos da Região Centro……69

1. Coimbra …….…… 71

1.1. Judiaria Velha (Rua Corpo de Deus) ……...……..…71

1.2. A casa onde morou Aristides de Sousa Mendes…….…….. 71

1.3. *Mikveh*…….. 72

1.4. Judiaria Nova ou de Sansão…….. 72

1.5. Tribunal da Inquisição/Pátio da Inquisição…….…… 73

1.6. Fonte dos Judeus……..……. 74

2. Figueira de Castelo Rodrigo…….…..…. 74

2.1. Centro Interpretativo Ephraim Bueno…….. 74

3. Vila Cova à Coelheira……..… 75

3.1. Centro de Memória Judaica de Vila Cova à Coelheira – Casa da Sinagoga……..….. 75

4. Trancoso ……..……... 76

4.1. Centro de Interpretação Judaico "ISAAC CARDOSO" e Sinagoga "BEIT MATIM HAYIM" (Casa das Águas Vivas) …….…..... 78

4.2. Museu Bandarra/Casa do Bandarra…….…..… 79

5. Almeida ……..…… 80

5.1. Vilar Formoso - Fronteira da Paz, Memorial aos Refugiados e Cônsul Aristides de Sousa Mendes…… 80

5.2. Malhada Sorda – Sinagoga……..…. 82

5.3. Castelo Mendo..……..…….. 83

6. Sabugal ……...…… 83

6.1. Casa da História Judaica da Raia Sabugalense (Espaço Interpretativo da Memória Judaica)…… 83

7. Belmonte……..… 84

7.1. Sinagoga de Belmonte ……. 85

7.2. Museu Judaico de Belmonte…….…… 85

8. Penamacor ……..… 86

8.1. Casa da Memória da Medicina Sefardita António Ribeiro Sanches……...…. 87

9. Castelo Branco …….….. 88

9.1. Casa da Memória Judaica e dos Cristãos-Novos…….… 88

10. Cabanas de Viriato ……...……..….. 90

11. Ourém……..….. 90

12. Leiria …….……..….. 91

12.1. Centro de Diálogo Intercultural e Sinagoga…….……...… 91

12.2. Casa do Arco/ Arco da Misericórdia……...…... 92

12.3. Rua Barão de Viamonte – antiga Rua Direita…….... 92

12.4. Travessa da Tipografia……...……..... 92

12.5. Rua Latino Coelho (Rua da Judiaria)……..…..…. 92

12.6. Praça Rodrigues Lobo……..... 92

12.7. Moinho do Papel…….……..….. 92

13. Guarda…….…...… 93

14. Localizações Secundárias ……..... 94

Anexo II - Sinagoga Portuguesa em Amsterdão……...……94

Anexo III - Entrevistas Semiestruturadas – Parte 1 ……....… 95

1. Alípio Diogo Henriques……...… 97

2. Isaac Assor……...… 98

3. Silvia Prata ……..……..... 99

Anexo IV - Entrevistas Semiestruturadas – Parte 2 ……...…… 99

1. Trancoso……...……. 100

2. Vilar Formoso…… 101

3. Penamacor…… 102

4. Castelo Branco……...…… 102

5. Cabanas de Viriato ……...……..……104

6. Ourém…… 105

7. Vila Cova à Coelheira ……..…… 106

8. Sabugal …… 107

Capítulo 1 – Introdução

Enquadramento Geral

Na fase inicial da elaboração de uma dissertação académica sobre turismo, há que clarificar, sumariamente, o conceito.

Pensa-se que a primeira definição de turista surgiu no dicionário de inglês de Oxford, em 1800. Este dicionário esclarece o termo como "*One who makes a tour or tours, sp. One who does this for recreation; one who travels for pleasure or culture, visiting a number of places for their objects of interest, scenery or the like*" (Dicionário inglês de oxford, citado por Panosso, 2009, p. 44). No entanto, a Organização Mundial do Turismo define o termo como: "*tourism is a social, cultural and economic phenomenon which entails the movement of people to countries or places outside their usual environment for personal or business/professional purposes. These people are called visitors (which may be either tourists or excursionists; residents or non-residents) and tourism has to do with their activities, some of which involve tourism expenditur*e." (UNWTO, 2008). Sendo esta a definição proposta pela Organização Mundial do Turismo, optou-se pela sua aceitação como a mais correta, sabendo, no entanto, que não é a mais aceite por todos os intelectuais de turismo.

O valor do turismo na economia de muitos países não pode ser desvalorizado. Entre os anos de 2010 e 2019, viu-se um aumento constante das receitas económicas produzidas pelo turismo, que, em quase todos os anos, excederam o aumento do PIB global. Este aumento pode, em parte, ser atribuído ao aumento progressivo da chegada de turistas a cada destino. Observou-se também (em 2019), uma diferença notável entre o Top 10 de países de chegadas internacionais (França, Espanha, Estados Unidos da América, China, Itália, Turquia, México, Tailândia, Alemanha e Reino Unido), que receberam cerca de 40% das chegadas e o Top 10 de países de ganhos financeiros (Estados Unidos da América, Espanha, França, Tailândia, Reino Unido, Itália, Japão, Austrália, Alemanha e Macau), que receberam quase 50% das receitas. A nível global, a Europa recebeu mais de 50% dos turistas internacionais e quase 40% das receitas internacionais do turismo. Portugal faz parte das localizações da Europa onde se notou em 2019, um crescimento mais robusto, à semelhança de outros países mediterrânicos como Itália, Grécia e Malta (UNWTO, 2020).

O aumento progressivo das receitas turísticas e das chegadas de turistas inverteu-se em 2020, com a chegada da pandemia do Covid-19. Esta queda no turismo continuou no início de 2021 com o surgimento de novas estirpes do vírus, com o aumento de casos e com uma distribuição de vacinas mais lenta do que o desejável. Para compreendermos exatamente quão esmagadora foi esta queda a nível global: em 2019 houve um aumento de 4% na chegada de turistas internacionais, em 2020 um decréscimo de -73% e em janeiro de 2021 houve também um decréscimo de -87%. A OMT prevê que, durante a primeira metade de 2021, haja um decréscimo no número de turistas internacionais, mas coloca duas possibilidades para o futuro. A primeira passa por um aumento do turismo internacional a partir de julho, a segunda por um aumento a partir de setembro. Ambas as possibilidades apontam para que, durante 2021, não ocorra um regresso aos valores do turismo internacional de 2019 (UNWTO, 2021). Os dados ainda por publicar esclarecerão a nova realidade.

Em Portugal, tal como no resto do mundo, o setor turístico sofreu muito. Em 2018 Portugal tinha recebido cerca de 25 milhões de hóspedes e em 2019 esse número aumentou para cerca de 27 milhões, mas em 2020, com a pandemia, esse número desceu para cerca de 10 milhões, tendo no mês de dezembro recebido menos de 500 mil. Naturalmente, esta descida no número de turistas diminuiu também as receitas turísticas. Em 2018 foram faturados quase 4 mil milhões de euros, em 2019

faturou-se 4,2 biliões e em 2020 cerca de 1,4 biliões (Travel BI, 2019; Travel BI, 2021; Travel BI, 2021). No nosso país, a região centro (onde a nossa proposta de itinerário se enquadra), à semelhança do resto do país, perdeu muitas receitas durante a pandemia. No final do ano de 2020 Portugal tinha assistido a uma perda de cerca de 78% de dormidas, tendo a região centro assistido a uma perda de 69,3% (um valor que embora seja uma perda menor do que a média nacional, não deixa de ser bastante significativo) (Sapo, 2021).

O website do Turismo Centro Portugal descreve a Região Centro como: "(…) uma terra de contrastes que lhe oferece o melhor do mar e da montanha. Onde pode descobrir as raízes da nossa nacionalidade, o melhor da nossa gastronomia e vinhos e um património cultural inigualável" (Turismo Centro Portugal, s.d.). Esta descrição marketirizada da região centro, pretende mostrar que se trata de uma região com muito valor turístico, com grande variedade de produtos turísticos para oferecer.

O turismo judaico em Portugal, apesar de pouco expressivo, está em rápido crescimento. Muito deste interesse associa-se à região centro e a localizações como Trancoso e Belmonte.

Apesar de já terem sido elaborados outros trabalhos sobre este tipo de turismo, inclusive sobre localizações dentro da região centro, não existe nenhum que aborde a região na sua totalidade. Desse facto, advém o que consideramos ser a importância deste documento, onde se pretende demonstrar as potencialidades de toda a região, em detrimento de apenas uma das suas localizações. Pretende-se ainda demonstrar como se podem interligar, propondo-se para isso, um itinerário.

Questões a abordar e objetivos

A inspiração para a proposta de título desta dissertação, Turismo da Memória, surgiu inicialmente, de uma palestra de Issac Assor, denominada "O perfil do Turista Judaico", integrada numa formação frequentada na Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra, sobre o tema genérico "Caminhos da Fé". Orador com largo conhecimento sobre o tema, Issac Assor realçou que, embora o judaísmo seja uma religião/cultura, o turismo judaico em Portugal não se enquadra exatamente no que se considera turismo religioso, mas sim no turismo de raízes/turismo de memória. O orador justificou a declaração com o argumento de que nenhum país (com exceção de Israel), recebe turistas judaicos por motivos religiosos e que, por outro lado, o turismo judaico na Europa e por extensão Portugal, resulta dos participantes quererem conhecer de onde vieram os seus antepassados. Este tema será largamente explorado no decorrer desta dissertação, explicitando-se, de forma breve, o que se entende por turismo religioso e turismo de raízes (Assor, 2019).

O subtítulo desta dissertação "As raízes judaicas na região centro de Portugal", remete para a localização que aqui será explorada/estudada, estabelecendo-se a relação com o título principal.

As localizações abordadas nesta dissertação serão não apenas as identificadas na Rede de Judiarias de Portugal, mas todas aquelas em que foi possível encontrar informação relativa a existência de património judaico, incluindo aquelas cujo património não se encontra identificado, ou devidamente explorado (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Embora um turismo de pouca dimensão e também pouco conhecido pelo cidadão comum, o turismo judaico em Portugal é um tipo de turismo que reconhecemos como tendo recebido bastante investimento e promoção, nos últimos anos (Silva, 2018). Embora os turistas judaicos venham de

vários países diferentes, segundo a autora, o número de visitantes vindos de Israel aumentou entre 2007 e 2016 de 17 mil hóspedes, para quase 105 mil, verificando-se um aumento de mais de 500%. Ainda segundo esta autora, este aumento nota-se também pelo acréscimo de serviços e de transportes, direcionados a estes turistas "Há novas linhas aéreas entre Portugal e Israel, novas agências especializadas, novos hotéis, novas lojas *kosher*, vários serviços adaptados às especificidades da cultura judaica, e intensifica-se a promoção junto de potenciais mercados" (Silva, 2018, p. 2).

Outro argumento que não nos podemos esquecer de mencionar e que, certamente, terá influência no crescimento dos turistas judaicos em Portugal, é a famosa (e por vezes criticada) alteração ao Regulamento da Nacionalidade Portuguesa, o Decreto-Lei, nº 30-A/2015. O Decreto-Lei nº 237-A/2006, que permite a dupla nacionalidade a quem conseguir provar que descende de judeus sefarditas expulsos de Portugal (com algumas outras condições) (Decreto-Lei nº 237-A/2006 de 14 de dezembro; Decreto-Lei nº 30-A/2015 de 27 de fevereiro).

Assim sendo, consideramos que as duas questões de partida na nossa dissertação seriam:

1. *A região centro tem recursos suficientes para o turismo judaico ser um produto âncora?*
2. *A região centro tem recursos suficientes para o desenvolvimento de um itinerário baseado no turismo judaico?*

A primeira questão leva à verificação dos recursos existentes na região, particularmente na área do património, bem como à averiguação do investimento turístico (hotéis, museus, casas de investigação/memória), que podem ser aproveitados para implementação de turismo judaico. Tendo em conta a pequena dimensão de algumas das localizações da região onde existe património judaico, torna-se pertinente avaliar se o turismo judaico pode ser, ou não, um produto âncora.

Na segunda questão pondera-se se o património judaico da região centro é suficiente para justificar a criação de um itinerário judaico na região. Aqui reflete-se também sobre o facto de muitos turistas judaicos terem interesse em visitar apenas algumas das localizações e não todos os pontos do itinerário, justificando-se, assim, a possibilidade de adaptação no itinerário proposto.

Os objetivos desta dissertação inserem-se nas questões de partida. Avalia-se a tipologia de turismo onde se enquadra o nosso tipo de turismo, definem-se os termos necessários para a compreensão desta tipologia, analisam-se as rotas judaicas já existentes, desenvolve-se a história judaica portuguesa, caracteriza-se a região e desenvolve-se o estudo de caso.

Estrutura da dissertação

A dissertação será dividida em duas partes, o enquadramento teórico e outros desenvolvimentos necessários para a elaboração da dissertação e o estudo de caso, onde se incluem as entrevistas. Cada uma das partes será posteriormente dividida em capítulos, incluindo-se assim todas as informações consideradas necessárias ao bom enquadramento da dissertação.

O capítulo 1 passará pelo desenvolvimento conciso da temática e de como esta se encontra estruturada. O capítulo 2 consiste na explicitação da metodologia utilizada na dissertação.

Os capítulos 3, 4 e 5 focam-se no desenvolvimento da parte teórica da dissertação. Estes serviram para melhor se compreender o subsequente estudo de caso e o tema em si. O capítulo 3 desenvolve os conceitos necessários à compreensão da dissertação, incluindo também outras informações

importantes. O capítulo 4 aborda a história dos judeus no mundo e particularmente em Portugal, informação importante para a compreensão da importância deste tema. O capítulo 5 refere as caraterísticas do território abrangido na dissertação.

O capítulo 6 cinge-se ao estudo de caso em si. Aqui apresentaremos os dados recolhidos, as pesquisas realizadas, as conclusões das entrevistas e possíveis soluções. No capítulo 7 procede-se à análise SWAT.

Por fim, no capítulo 8, apresenta-se o que se considera a conclusão da dissertação.

Capítulo 2 - Metodologia

Problemática da investigação

Como foi já referido, o estudo por nós desenvolvido, "Turismo da Memória – As raízes judaicas na região centro de Portugal", pretende analisar o valor patrimonial judaico de diferentes locais da região centro, analisando também a possibilidade de as interligar, através de um itinerário.

Em época pré-Covid-19, o turismo em Portugal (inclusive na região centro) encontrava-se em amplo crescimento, no entanto, com a chegada da pandemia, o turismo decaiu de tal forma que quase podemos considerar ter deixado de existir. Como tal, encontramos na criação de novos produtos turísticos (ou na expansão dos já existentes), uma forma de recuperar algumas destas perdas económicas. Como já foi mencionado anteriormente, também o turismo judaico se encontrava em crescimento em Portugal. É a pensar na possibilidade de revitalização desta vertente do turismo que se propõe a criação deste itinerário, pretendendo-se oferecer um novo produto na vertente do turismo judaico, explicitando-se possibilidades de exploração do produto.

A problemática da investigação foca-se, em parte, na possibilidade de existência de recursos suficientes para a implementação do projeto, aspeto essencial para encontrar resposta às questões de partida. Revelou-se imprescindível fazer o levantamento de possíveis recursos patrimoniais associados à vertente turística judaica, mas também de recursos de restauração e alojamento, verificando se são suficientes e adequados a estes turistas. Assim, utilizando pesquisa direta e indireta aos recursos existentes, procurou-se informação sobre aproveitamento/rentabilização e acessibilidade.

Em suma e face ao exposto, a problemática da investigação foca-se na criação de um itinerário turístico judaico na região centro (assim como uma componente de rota) e na possibilidade deste tipo de turismo ser um produto âncora para estas localizações.

Estratégia metodológica

No decorrer de uma investigação a metodologia é uma das fases mais importantes. Metodologia é uma palavra que provém da junção das palavras gregas "*meta*" (ao largo), "*odos*" (caminho) e "*logos*" (discurso). A metodologia em si permite-nos compreender e analisar a forma de fazer uma pesquisa académica, seguindo os métodos propostos. Estes métodos são utilizados para recolher e

processar informações, de forma a atingir os objetivos e responder às questões de investigação (Prodanov & Freitas, 2013).

Em suma, a metodologia é "(…) a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar a sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade" (Prodanov & Freitas, 2013, p. 14).

Para desenvolver a nossa investigação recorremos a métodos diversificados.

Na primeira fase procedeu-se a uma extensa pesquisa sobre o turismo judaico e sobre a região centro e a história do povo judaico em Portugal. Procedeu-se à pesquisa bibliográfica de autores que abordaram temas ligados ao estudo, selecionando informações e definições dos conceitos considerados essenciais e pertinentes para a investigação. Este estudo bibliográfico requereu o uso de várias plataformas web gráficas de pesquisa, nomeadamente o *Science Direct*, o Academia.Edu e o Google Académico. Através destas plataformas e de pesquisa bibliográfica física, analisámos documentos, livros, revistas e artigos de jornais, numa busca pelas informações necessárias.

Na segunda fase da investigação procedeu-se aos dois grupos de entrevistas semiestruturadas, obtendo-se informações relativas aos recursos úteis da região centro, assim como informações complementares a alguns dos conceitos teóricos desenvolvidos.

Durante o processo metodológico foram definidas as localizações da região centro a analisar, selecionando-se os entrevistados utilizando como critério o facto de, por alguma forma, se encontrarem ligados a estas localizações. Entre os escolhidos constam autarcas locais, gestores/diretores/conservadores de museus e casas de memória locais, o dono do Hotel Judaico de Belmonte e Silvia Prata, guia-intérprete com especialidade em turistas judaicos, bem como guias-intérpretes de tours judaicos locais.

Após a recolha de dados nas entrevistas foi feita uma análise qualitativa, procurando-se compreender a viabilidade do itinerário e o impacto e valor deste tipo de turismo nesta região.

Capítulo 3 - Enquadramento Teórico

Turismo Cultural

> "*Cultural heritage plays a crucial role in modern societies as a symbol of their past and as a way to keep their identity safe in the future. Its conservation is a challenge to ensure cultural diversity in a continuously changing world*" (Silva, 2019).

Definir turismo cultural em si, passa por algumas dificuldades, entre estas "*the diversity of known definitions and a complex relationship between culture and tourism underlines the problem of defining cultural tourism.* (…) *it is possible to assume that everything is cultural, therefore all tourism are somehow cultural tourism*" (Mousavi et. al., 2016, p. 70). Por outras palavras, o termo turismo cultural pode ser interpretado de uma maneira de tal forma abrangente, que praticamente todo o tipo de turismo pode ser inserido dentro desta tipologia. Como tal, há que procurar definir claramente este tipo de turismo e analisar como inserir turismo judaico, dentro deste. Na tentativa de Mousavi de definir turismo cultural, o autor utiliza um esquema de Ashworth (Figura 1.), que inclui três tipos de turismo que se relacionam diretamente com a cultura e o turismo (turismo artístico, turismo de herança e turismo de localizações específicas).

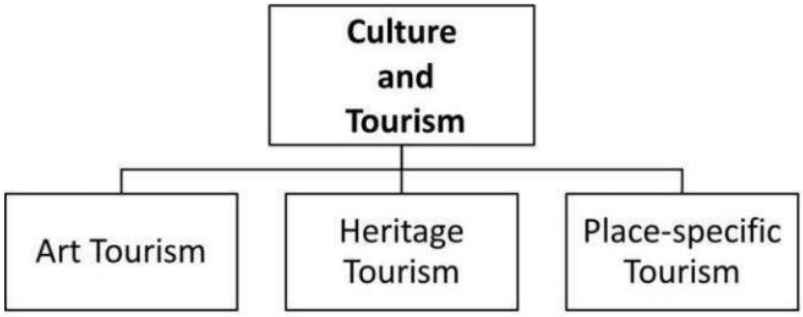


Figura 1. Divisão dos vários tipos de turismo cultural; Fonte: (Ashworth, 1995 citado por Mousavi, 2016, p. 72)

Tendo o seu início no séc. XVII no Grande Tour, na Grã-Bretanha, o turismo cultural é, por vezes, visto como o primeiro tipo de turismo, ou a forma original de turismo (Mousavi, et al., 2016). O Strategic Directions for Ontario's Cultural Tourism Product Main Report (1993, citado por Silberberg, 1995, p. 361), define turismo cultural como *"(…) the visits by persons from outside the host community motivated wholly or in part by an interest in the historical, artistic, scientific or lifestyle/heritage offerings of a community region, group or institution"*. O turismo cultural em si, em muitos casos, pode ser um interesse "adjunto" a outro principal, ou uma ocorrência acidental, para os que já se dirigiram a uma localização por outros motivos (Silberberg, 1995). Podemos também incluir dentro de turismo cultural todas as viagens feitas para aumentar os conhecimentos, ver novas localizações, interagir e apreender com novas culturas e civilizações (sejam estas vivas ou mortas), para comunicar e para melhoramento espiritual (Carvalho, 2017; Cunha, 2011).

No entanto, como podemos relacionar turismo cultural e a sua definição, com o nosso estudo sobre turismo judaico?

Podemos considerar que o turismo cultural serve para construir ou reconstruir a identidade (nacional, social ou transnacional) (Bauman, 1999, citado por Mousavi, et. al. 2016). Pereiro (2002, citado por Mousavi, 2016, p. 73), defende que o turismo cultural pode ser definido "(…) *as a process of commodification, a nostalgia for heritage and the past, a psychological experience, process of learning and curiosity, a modern form of pilgrimage, as an industry which represents cultural values and as a specific way of cultural consumption*". Estas ideias da construção da identidade, da busca de uma herança cultural e de uma forma moderna de peregrinação, correlacionam-se diretamente com o turismo judaico, procurando construir-se uma identidade judaica separada da nacionalidade/cultura/religião existente nos locais de onde vêm os turistas, fazendo uso da descoberta de uma herança cultural. Pode ainda este tipo de viagem ser referido como uma "peregrinação" moderna. Mousavi identifica num gráfico elaborado por Castells (2000) (Figura 2), três tipos de identidades básicas, nas quais grupos na busca de identidade podem criar: identidade legítima, identidade de resistência e identidade projetada.

'Legitimated' Identity	'Resistant' Identity	'Projectual' Identity
• Created by dominant institutions to legitimate their power over other social actors.	• A claim by social actors in low social positions who are stigmatized by the dominant groups. It is a construction of alternative social principles of organization, it is more communal and represents a defensive identity against exclusion and domination.	• Where social actors manipulate their cultural materials and construct a new identity that redefines their position in society and transforms the social structure

Fig. 7 Three basic types of identity. Source: Castells, (2000)

Figura 2. Tipos de identidade criados por grupos que buscam identidade; Fonte: (Castells, 2000, citado por Mousavi, 2016, p. 72)

Em suma, o turismo cultural é complexo, principalmente quando temos em conta a relação que este tem com a criação da identidade.

Turismo Religioso

Sobre o turismo religioso propriamente dito, foram propostas várias definições ao longo dos anos. Por exemplo, uma definição refere que o turismo religioso consiste no tipo de turismo "(…) *whose participants are motivated either exclusively or in part for religious reasons* (…) *the visit of religious ceremonies and conferences, above all the visit of local, regional, national, and international religious centers*" (Rinschede, 1992, p. 57). Morinis (1984, citado por Rinschede, 1992). Afirma também que o turismo religioso tem uma afinidade forte com turismo social e de grupo e que este está relacionado com o turismo de férias e cultural. Segundo este autor, tal decorre da importância para muitos destes turistas em viajar com outros crentes, com uma mentalidade semelhante e até de idade semelhante.

Rinchede (1992) separou também o turismo religioso em dois tipos diferentes, usando como critério a sua duração. Estas seriam o *short-term*, sem estada noturna e *long-term*, com estada noturna de pelo menos um dia. O autor desenvolve ambos os conceitos desta tipologia de turismo, afirmando que o turismo religioso de *short-term* se limita a curtas distâncias e tem por objetivo a visita a localizações religiosas locais, regionais e/ou suprarregionais ou ainda a participação em celebrações religiosas; por outro lado, afirma que o turismo religioso de *long-term* envolve a visita a lugares religiosos durante vários dias ou semanas e que este passa também pela visita a lugares nacionais mais longínquos ou até internacionais.

Hughes et al. (2013), na sua análise das interpretações dos visitantes à catedral de Canterbury, concluíram que as motivações propriamente ditas para as visitas a uma localização religiosa como esta, são variadas, podendo ser emocionais, físicas, intelectuais, ou as já esperadas, espirituais. Ou seja, é possível que nem sempre a principal razão para visitar uma localização ligada à religião seja um motivo religioso.

Os autores apontam ainda outros fatores motivacionais para a decisão de visitar localizações religiosas. Decisões de última hora (no caso analisado por estes autores foi o principal motivo, não devendo, no entanto, ser generalizado), conexões com o lugar de visita (como por exemplo a visita ao lugar de repouso de familiares), interesse em pessoas famosas relacionadas com a localização, ou

um interesse pessoal pela arquitetura e história do local (Hughes et al. 2013). Um outro estudo baseado num inquérito a 800 visitantes a catedrais no Reino Unido demonstrou que, quase dois terços dos visitantes, procuravam estas localizações por motivos históricos e arquitetónicos e que menos de um quarto dos visitantes o fazia por motivos espirituais (Winter & Gassons, 1996).

Turistas de localizações religiosas podem visitar estes locais também por estes estarem identificados ou publicitados como lugares de interesse cultural, artístico ou histórico. Estes podem ainda visitar os locais por interesse educacional na história da localização, por um desejo de melhor compreender a cultura ou religião do local, por se sentirem obrigados a visitar um lugar associado à sua fé, ou simplesmente porque desejam vivenciar experiências autênticas (Olsen, 2006).

Dentro desta questão dos motivos que levam alguém a visitar uma localização religiosa, entramos inevitavelmente na tipologia de turista que visita um local sagrado. Embora haja algumas divergências entre os vários autores que exploraram esta problemática, geralmente podemos identificar três tipos de turistas ligados à religião, o turista religioso, o peregrino e, mais recentemente, o turista espiritual.

A questão de separação destes três tipos de visitantes é exacerbada por autores como MacCannell (2013). O autor defendeu que os turistas modernos podem ser vistos como uma espécie de "peregrinos seculares", defendendo ainda que o motivo por de trás de uma peregrinação é semelhante ao de uma viagem turística, já que ambos buscam uma experiência autêntica. Mais tarde, este veio a defender que os turistas religiosos escolhem lugares religioso por motivos que podem não estar ligados à religião e, como tal, podem ser designados "peregrinos modernos". Dentro desta linha de pensamento, podemos também defender que "*a tourist is half a pilgrim, if a pilgrim is half a tourist*" (Turner & Turner, 2011, p. 20).

Smith (1992) como se pode verificar no esquema que propõe (Figura 3.), considerou que no espetro do sagrado (a) e do secular (e), o peregrino encontra-se no expoente do sagrado, enquanto o turista se encontra no expoente do profano. O turista religioso (c) por seu lado, encontra-se numa espécie de meio termo entre o sagrado e o profano. Este esquema ajuda também a demonstrar uma ideia já referida: os termos peregrino, turista religioso e turista, muitas vezes misturam-se, podendo um individuo ser uma mistura destes termos. As letras (b) e (d), servem para demonstrar exatamente isto, visto que "*Figure l(b) is, therefore, "more pilgrim than tourist," and (d) the converse, "more tourist than pilgrim.*" (Smith, 1992, p. 4).

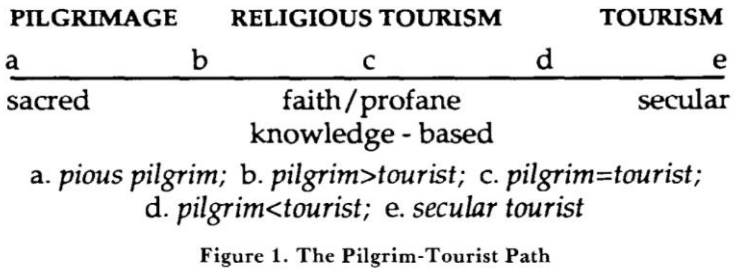


Figure 1. The Pilgrim-Tourist Path

Figura 3. O espetro do Sagrado e do Profano e a sua relação com o tipo de turista; Fonte: (Smith, 1992, p. 4).

Smith (1992), concluiu o que já referimos. Uma vez que os turistas e os peregrinos buscam localizações idênticas, torna-se difícil distinguir os dois termos. No entanto, baseando-nos nos argumentos defendidos por este autor, podemos apontar que para os peregrinos a religião é o principal fator de escolha no local, enquanto os turistas religiosos podem visitar os mesmos lugares por motivos recreativos (à semelhança dos turistas mais tradicionais), ainda que estas visitas "espelhem" as peregrinações.

Bremer (2005), apontou 3 "abordagens" na tentativa de definir os três conceitos e que iremos explorar: a abordagem espacial (os peregrinos e outros tipos de turistas visitam as mesmas localizações e atrações), a abordagem histórica (a relação entre formas de viajar relacionadas com a religião e o turismo), a abordagem cultural (as peregrinações e o turismo moderno).

- Peregrino:

Como se aborda os diferentes tipos de turismo religioso, faz sentido que se esclareça o que se entende por peregrino, conceito mais difícil de definir do que seria de esperar. Por vezes, os investigadores em turismo inserem o peregrino dentro do turismo religioso, atribuindo-lhe uma espécie de subdivisão, (Finney, et. al. 2009; Olsen & Timothy, 2006). Esta opção dificulta a separação de ambos os conceitos. O argumento a utilizar na diferenciação entre ambos, seria a realização da viagem, havendo diferença entre um turista religioso e um peregrino, razão pela qual vários autores procuraram explorar as motivações para estas viagens (Cohen, 1979; Olsen & Timothy, 2006).

Finney et al. (2009) inseriram o peregrino dentro do turismo religioso/cultural. Baseando-se num estudo feito por Cohen em 2003 sobre estudantes judeus de visita a Israel, os autores definiram quatro tipos de visitantes. Esta reclassificação do tipo de pessoas que visitam lugares de cariz religioso destaca-se do formato mais tradicional: peregrinos *versus* turistas religiosos. Dentro dos quatro tipos de visitantes propostos pelos autores, peregrino é alguém que viaja com objetivos religiosos em mente. Sendo a religião o principal motivo da viagem (e segundo muitos peregrinos, a única), a interação com aspetos seculares (restaurantes, hotéis, etc.), resulta apenas da necessidade. Será o turista ideal para os que gerem localizações religiosas, uma vez que verá as essas localizações como o foco da sua visita. No entanto, é um turista de difícil gestão para as localizações seculares, uma vez que não as vê como o foco da sua viagem.

Em suma, independentemente de vermos o peregrino como um tipo de turista religioso ou de separarmos os dois, podemos considerar que este é um viajante que busca primariamente o religioso, sendo a religião o principal (por vezes até o único) motivo para sua viagem. O peregrino, rejeita muitas vezes as atrações seculares ou as de uma religião que não a sua, utilizando aquilo que é secular apenas quando é necessário (Finney, et. al., 2009; Smith, 1992).

- Turista religioso:

"*Religious tourism can be defined as visitation to certain tourism places where visitors have the opportunity to experience religious events or sites, or the products they induce, such as art, culture, traditions, and architecture*" (Blackwell, 2007, citado por Chianeh, et. al, 2018, p. 2).

Geralmente confundido com o peregrino, parece-nos que o turista religioso difere, em alguns aspetos, das principais características do peregrino.

A principal diferença entre o peregrino e o turista religioso (já brevemente mencionado na secção sobre o peregrino), baseia-se na motivação. Cohen (1979), refere que o peregrino e o turista religioso

diferem um do outro. O primeiro faz a sua peregrinação por motivos religiosos/espirituais e o segundo visita os lugares culturalmente/religiosamente diferentes dos locais do seu dia a dia, podendo o valor religioso ser secundário. Por outras palavras, a busca deste turista centra-se numa "*journey from chaos into another cosmos, from meaninglessness to authentic existence*" (Cohen, 1979, p. 191). Outros autores corroboraram estas ideias, acrescentando que o turista religioso pode não se sentir sequer interessado no valor religioso do local que visita, preocupando-se unicamente com motivos culturais e artísticos. Consideram que é até possível que não esteja a par do valor religioso do local que visita (Richards & Fernandes, 2007; Griffin, 2007; Sharpley & Sundaram, 2005).

Em suma, o turista religioso pode estar, ou não, interessado no valor religioso do local que visita, dando grande importância aos fatores histórico-culturais e artísticos do local e, em algumas situações, até pode desconhecer, ou não dar valor, ao fator religioso.

- Turismo Espiritual:

Sendo um tipo de turismo pouco compreendido e muitas vezes ignorado, o turismo espiritual surge como um "novo" tipo de turismo, com tipologia idêntica à peregrinação e ao turismo religioso.

O turismo espiritual já foi definido como sinónimo de turismo religioso e, à semelhança do peregrino, já foi inserido no turismo religioso como um segmento deste. No entanto, geralmente este é usado com conotação de um tipo de turismo mais individual, de significado pessoal e de uma busca de conexão ou de desenvolvimento de uma identidade (Willson, et. al. 2013, citado por Stausberg, 2014).

"*Spiritual tourism is prompted more by a desire for a spiritual experience and personal growth, rather than the devotional aspects prescribed by traditional religions and their motives for pilgrimages*" (Kujawa, 2017, p. 1). Ou por outras palavras, o turismo espiritual diverge da peregrinação por se centrar na experiência e em motivos pessoais em vez da devoção, que, por norma, sente o peregrino, assim como dos motivos religiosos mais tradicionais, que por vezes sente o turista religioso.

No entanto, seria mais correto dizer que o turismo espiritual, ao mesmo tempo que se afasta do turismo religioso e da peregrinação, também se aproxima, ou por outras palavras: "*spirituality is 'semantically' located 'both within and beyond' religion as it has the same inward direction but it also strives to distance itself from religion*" (Stausberg, 2014, citado por Cheer, et. al. 2017, p. 2).

Turismo Religioso Judaico

Tendo já abordado o turismo religioso e as várias tipologias de turistas ligados à religião, onde podemos então inserir o turismo judaico?

Acredita-se que o judaísmo seja uma das religiões mais antigas do mundo. Em termos teológicos consiste na religião do povo judaico, caracterizando-se pela crença num único Deus que se revelou a Abraão, a Moisés e a outros profetas Hebreus. Dentro do judaísmo estabelecem-se as leis judaicas e as tradições rabínicas. Tendo Abraão como um dos seus principais profetas, é uma das três principais religiões Abraâmicas, ao lado do Cristianismo e do Islão. As duas últimas possuem localizações de importante cariz religioso em vários pontos do mundo (recebem regularmente visitas de turistas de motivação religiosa) (Britannica, s.d.).

No entanto, "*unlike the other two major religions, Jews do not have any major pilgrimage sites outside Jerusalem*" (Ioannides, & Ioannides, 2002, p. 18), o que advém, em parte, de o judaísmo como religião, estar "*primarily concerned with holy times or episodes of Jewish history*" (Ioannides & Ioannides, 2002, p. 19). Por acréscimo "(…) *there are few sacred spaces in Judaism can also be illustrated by the fact that synagogues are not considered holy in the same manner as Catholic churches*", ou seja, o judaísmo raramente vê as sinagogas como locais de peregrinação ou de visita turística religiosa (Ioannides & Ioannides, 2002, p. 19).

Jerusalém caracteriza-se como a única localização de turismo judaico religioso por motivos teológicos, por ser a cidade considerada como "*the origin of Jews, the location of the holy temple, and the location for the gathering of Jews when the Messiah comes*" (Ioannides & Ioannides, 2002, p. 18). É em Jerusalém que se encontra o muro das lamentações, localização que todos os judeus visitam quando vão a Israel (Ioannides & Ioannides, 2002). Dentro da cidade propriamente dita, o muro das lamentações (a única parte sobrevivente do Templo de Herodes), é o ponto fulcral destas peregrinações (Kreiner & Luz, 2017).

No entanto, apesar de apenas Jerusalém deter valor teológico para visitas religiosas por parte dos judeus, existem outros dois tipos de localização que podemos considerar como viagens de turismo religioso judaico. Nesta tipologia consideram-se:

1- Visitas a localizações onde estão sepultados ou viveram judeus eruditos, responsáveis por avanços da fé judaica ou pela fundação de grupos religiosos judaicos (Ioannides, & Ioannides, 2002). Tais como: a cidade Israelita de Safed, onde viveu o rabi Joseph (Yosef) Karo, responsável por terminar o *Shulchan Aruch*, um catálogo de análise de várias leis judaicas e que serviu de fundamentação ao Judaísmo Ortodoxo (Bamberger, 1970, citado por Ioannides, & Ioannides, 2002); a cidade ucraniana de Uman, onde se encontra sepultado o Rabbi Nachman, fundador do movimento religioso Breslov. Aqui acorrem participantes, que justificam a peregrinação com; "*Rabbi Nachman's promise to be a heavenly advocate for anyone who would make this journey*" (Gershom, 2001 citado por Ioannides, & Ioannides, 2002, p. 19). Outros exemplos incluem o túmulo do Rabbi Simon Bar-Yochai, localizado no Monte Meron, o túmulo do Rabbi Yonatan Ben-Uziel, o túmulo do Rabbi Meir Ba'al Hanes, o túmulo do Rabbi Akiva, em Tiberias, entre outros (Kreiner & Luz, 2017).

2- Visitas a localizações que mais tarde absorveram tradições fora do judaísmo (cristãs e muçulmanas) e se tornaram lugares de peregrinação. São exemplos as peregrinações ao Túmulo de David, no monte Zion, ao Túmulo de Raquel, em Belém e ao Túmulo dos Patriarcas, em Hebron, as quais se acredita serem "emprestadas" da tradição islâmica, denominada *ziyara* e na qual os crentes vão em peregrinação aos locais de repouso de figuras religiosas importantes (Kreiner & Luz, 2017).

Há que ter em conta que ambas as tipologias acima definidas são, por vezes, misturadas, ou consideradas como sendo apenas uma. No entanto, aceitamos nesta dissertação que estas duas tipologias são distintas, permitindo assim uma melhor compreensão das tipologias.

Depois de explicitarmos onde ocorre preferencialmente o turismo religioso judaico, há que referir que muitos dos locais que são visitados por turistas judaicos por motivos religiosos, não são universalmente aceites como localizações válidas para peregrinações. Segundo alguns autores, existem locais de peregrinação formal e locais de peregrinação populares. Resumidamente, as localizações formais são geridas por líderes religiosos e são constantemente vigiadas de forma a

garantir que os rituais são seguidos corretamente, enquanto nas localizações populares as atividades não ritualistas e menos rígidas, têm preponderância. O Muro de Lamentações e alguns outros locais, associam-se com maior facilidade à caracterização formal, mas muitos túmulos e localizações onde viveram/estão sepultados rabis, são mais facilmente vistas como localizações populares (Kreiner & Luz, 2017).

Entre os principais motivos para o aumento do interesse por parte dos turistas judaicos nestas localizações, o mais importante parece ser o facto de, desde os anos 80, ter ocorrido uma tentativa do governo Israelita de criar uma identidade nacional/cultural, inerentemente ligada ao movimento do Sionismo, através da promoção e até criação de lugares de peregrinação e turismo religioso judaico (Kreiner & Luz, 2017).

Assim, depreendemos que o turismo judaico pode ser interpretado como turismo religioso. No entanto, inseri-lo apenas nesta tipologia de turismo, é muito redutor. Ocorre-nos que muitos turistas judaicos visitam localizações espalhadas pelo mundo por motivos de memória e, assim sendo, exploraremos a tipologia de turismo de memória.

Diáspora, memória genética e turismo de memória

Depois da análise sobre onde inserir o turismo judaico português nas tipologias de turismo, chega-se à conclusão de que este deve ser inserido dentro do turismo de memória, por vezes também referido como turismo genealógico, de raízes, de herança ou de identidade. Nos tópicos seguintes explicitaremos esse raciocínio.

- Diáspora:

Sendo o turismo judaico em Portugal turismo de memória, há que abordar o seu significado, mas não sem antes se explorar o conceito de diáspora.

Ao investigar o conceito de diáspora, verifica-se a existência de duas definições contraditórias sobre o seu significado. Originalmente, o termo diáspora teria sido utilizado para referir a população judaica que se viu exilada da sua terra natal (Palestina) (Iorio & Corsale, 2013). No entanto, hoje utilizamos o termo para nos referirmos ao movimento ou expulsão de populações, migração voluntária, comunicações globais e transporte. Podendo as populações em questão ser refugiados políticos, residentes ilegais, trabalhadores convidados, imigrantes, "expulsos", minorias étnicas e raciais e comunidades fora do país (Shuval, 2000). No entanto, é importante também mencionar que embora esta seja hoje a mais usada, alguns autores consideram que deveria ser mantida a definição original (Basu, 2005).

Entre os grupos que passaram por uma diáspora encontramos os seguintes:

- Os cerca de 25 milhões de Russos que vivem em estados ex-soviéticos, grupos que depois da queda da União Soviética, se tornaram minorias dentro destas nações.

- O desenvolvimento desde 1948, de uma mentalidade de diáspora entre os palestinianos.

- A diáspora "negra" que muitos afro-americanos sentem, consequência da escravatura e deslocação forçada pela qual passaram os seus antepassados.

- A mais recente diáspora ocorrida depois da guerra do Kosovo e da situação de refugiados aí criada.

(Shuval, 2000)

Os exemplos referidos são apenas alguns entre os muitos que o autor refere para explicitar os diferentes tipos de diáspora que podem ocorrer.

Recentemente o termo "diáspora" ganhou ênfase num contexto de conexão com uma "terra natal", sendo esta conexão em si, um dos principais fatores na construção da identidade de populações em diáspora (Cohen, 1997 & Safran, 1991, citados por Leite, 2005). No entanto, esta terra natal pode em muitos casos ser comparada a uma terra natal "imaginária", uma espécie de fantasia à qual a população em questão é incapaz de realmente voltar (ainda que seja possível em alguns casos, visitar). Esta localização existe no passado, mais exatamente num passado imaginário, criado em parte por memórias de antepassados e novos conhecimentos (Brah, 1996 & Stratton, 2000, citados por Leite, 2005).

Clifford (1994) desenvolve a ideia de diáspora essencialmente através do exemplo de "trocas" de população entre os EUA e o México, afirmando que esta situação pode ser vista como sendo, ou não, uma diáspora, uma vez que apresenta características de uma. As diásporas geralmente envolvem longas distâncias e uma separação semelhante a um exílio e ao impedimento do regresso. Envolve sentimentos de saudade, memória e identificação, sentidos não só por populações em diáspora, mas também por várias minorias e populações emigradas que, em muitos casos, não seriam consideradas como incluídas no termo diáspora.

O autor refere ainda o que para ele são características da diáspora, utilizando as propostas por Safran (1991, citado por Clifford, 1994): uma história de dispersão, mitos e memórias de uma terra natal, alienação do país onde se habita, desejo de um eventual retorno, apoio da terra-natal e uma identidade coletiva. Clifford (1994) afirma ainda que as diásporas funcionam também para ligar comunidades da mesma população, em localizações diferentes.

Ben-Rafael (2013) abordou também o termo diáspora, afirmando que o termo regularmente recebe conotações religiosas ou ideológicas, sendo um dos claros exemplos a já referida diáspora judaica, definida pela palavra em hebreu *galut* (exílio). Considera também que existe uma certa dualidade nos que se encontram em diáspora, uma vez que procuram dois objetivos superficialmente opostos: 1- Uma integração na localização onde se encontram; 2- Um desejo de se manterem fiéis ao seu legado e herança cultural. De forma a atingirem estes objetivos, os envolvidos procedem à criação de instituições e "redes", onde podem praticar, na nova localização, a sua língua, cultura, religião, etc.

A partir da existência de um povo em diáspora em múltiplas localizações diferentes, é criada a ideia de transnacionalidade (a existência do mesmo povo em vários países ou regiões de um país diferente), permitindo uma multiculturalização da sociedade em geral e do povo em diáspora transnacional. Esta multiculturalidade por sua vez, permite uma maior flexibilidade entre os povos em diáspora e que estes variem a sua identidade entre si e a população nativa (Ben-Rafael, 2013).

Ben-Rafael (2013) ainda especifica a diferença entre os termos da "diáspora judaica", todos os judeus fora da terra de Israel e do "mundo judaico", todos os judeus, seja dentro ou fora de Israel.

- <u>Memória genética</u>

Leite (2005) (ela própria descendente de judeus portugueses), durante as suas investigações sobre identidade, memória e diáspora, enquanto visitava Portugal, entrou em contacto com turistas que

apesar de nunca terem estado no país, sentiam uma certa afinidade e memória por ele. Entre estes, sobressaiu um inglês de 60 anos cujos antepassados tinham emigrado dos Países Baixos cerca de 300 anos antes e, apesar disso, possuía na sua árvore genealógica uma meia dúzia de nomes portugueses. Este turista, perguntava-se por que sentia uma maior afinidade por alguns países, diferente do que sentia por outros. A resposta de Leite (2005) envolve um termo que esta afirma ser recorrente em grupos de internet de Portugueses-Judeus (particularmente entre descendentes de judeus-portugueses, que no passado terão sido exilados), a memória-genética.

Esta autora explicita a ideia de memória-genética como a busca não só e simplesmente de experiências do passado, mas também de experiências, sensações, sons, sabores, linguagens, paisagem, clima, etc, que os seus antepassados experienciaram. Nos casos explorados por ela nos turistas em questão, relacionam-se com o facto de descenderem de judeus e cristãos-novos exilados da Península Ibérica (Leite, 2005).

Num estudo sobre turistas de raízes que visitavam a Escócia, alguns psicólogos afirmam que a identidade do ser humano não vem do "fundo" do próprio, mas antes da narrativa que criamos nós próprios (Spence, 1984, citado por Basu, 2004). Por oposto a esta mentalidade, está a mentalidade presente nos turistas de raízes, que veem os seus genes e a busca das experiências dos seus antepassados como algo que os ajuda a identificarem-se (Waters, 1990, citado por Basu, 2004). Dentro deste pensamento, os turistas de raízes estudados consideram-se a si mesmos como sendo Escoceses, apesar de provirem de múltiplos países e de possuírem uma ascendência variada. Um deles refere "*For me, being Scottish is not a choice, it's in the blood, It is something which has no name, but yet lingers there within me*" (Basu, 2004, p. 343). Basu (2004), refere-se a este tipo de mentalidade como "memória racial", "memória ancestral" ou "memória genética".

- <u>Turismo de Memória</u>

Iorio e Corsale (2013) consideram que para aqueles que se encontram em diáspora, uma das formas mais comuns de manter contacto com a terra natal, é a de visita. Mesmo em situações em que os indivíduos nunca estiveram previamente na localização de origem. Ou por outras palavras, "(…) *connections to homelands are major motivators of tourism flow for migrants and their descendants, who wish to refind their roots, to re-experience the former homeland and thereby to re-locate their identity*" (Iorio & Corsale, 2013, p. 199). Como tal, é possível compreender que esta recorrência por parte das populações em diáspora para visitar a sua terra natal e/ou dos seus antepassados, se traduz num importante fator económico para certas localizações. Um dos mais claros exemplos surge nos estudos de Basu (2004, 2005), onde este refere que o governo escocês considera este tipo de turismo como válido para investimento (ainda que um turismo de nicho).

Uma questão importante que se deve colocar é por que razão, por vezes, estes "turistas" de memória não se identificam a si mesmos como sendo "turistas" propriamente ditos. Muitas vezes não consideram a sua viagem como sendo uma viagem de férias. Pelo contrário, visualizam a sua viagem mais como uma espécie de "peregrinação" em vez de uma simples viagem feita por prazer, na qual buscam voltar a uma "pátria" perdida ou deixada. Esta "peregrinação" pode até ser vista como uma experiência que tem a possibilidade de mudar a vida dos participantes (Basu, 2004; Lev Ari & Mittelberg, 2008). Esta última afirmação ganha força na seguinte citação relativa às viagens a Israel, planeadas e oferecidas pelo governo do País, a todos os judeus e descendentes de judeus (referidas como *Birthright* ou *taglit*): "*Closer to pilgrimage than to recreational tourism, the heritage tourism reported here was ambitious, purposive in its goal of educational transformation of participants in*

their ethnic identity, and to be sustained long after the return home" (Lev Ari & Mittelberg, 2008, p. 100).

A experiência destes viajantes pode ser bastante variada, tendo em conta o tipo de emoções que esta lhes proporciona. Tal como afirma Leite (2007, p.1) "(…) *tourism enables the materialization of what has long been absent, or immaterial, in an undifferentiated landscape. Objects play a key role, as it is their reframing in and through the tourist encounter that allows coherent material worlds to emerge*". Este ponto é também apoiado por Iorio e Corsale (2013), estes autores defenderam que as visitas a estas localizações, sejam túmulos, casas ou até simplesmente ruas, permitem aos turistas sentirem um certo reforço da sua identidade cultural e étnica, através de emoções de pertença e identidade. Estes vestígios podem ainda ser vistos como uma forma de contacto com os antepassados e, através da já referida "memória genética", traduzem-se na possibilidade dos visitantes se "relembrarem" de experiências dos seus antepassados, que teriam passado a vida naquele local (Leite, 2005).

Em certas situações os lugares encontram-se altamente modificados, assim sendo, os turistas podem ter reações negativas, sentindo que a "terra natal" existe apenas na sua memória. Esta situação advém de, com o passar do tempo, estes vestígios desaparecerem, deixando um lugar que pouco tem que possa ser usado como ligação física entre os viajantes e o local. No entanto, mesmo nestas situações, alguns turistas mantêm uma certa ligação familiar e conexão emocional com o local (Basu, 2005; Iorio & Corsale, 2013).

Curiosamente, casos onde a ausência de vestígios consegue até ser visto como uma situação benéfica, são referidos nos estudos da autora Leite (2005, 2007). A autora descreve o "Portugal Judaico" como "(…) *a phantom landscape, made up of much imaginative labor and few obvious physical traces. And yet in the case of Jewish Portugal, the absence of material remains is a fundamental part of the tourist attraction*" (Leite, 2007, p. 3), e coloca a questão: Como se pode tornar uma localização sem vestígios atrativa? Segundo Leite (2007), tal requer o uso de fontes de informação previamente disponíveis (documentários, websites, livros históricos, "*guidebooks*", *off-site markers* e guia-intérprete), assim como o uso da imaginação, por parte dos visitantes.

Leite (2005, 2007) centra-se também no que a autora refere como "práticas de substituição", em que o turista em si funciona como uma substituição do património histórico/cultural da localização. A autora explica que estas situações podem ocorrer em antigas judiarias, lugares onde ocorreram autos-de-fé praticados pela Inquisição (ou outros massacres e perseguições), localizações de antigas sinagogas ou judiarias, ou simplesmente casas onde teriam habitado judeus. Estes exemplos abundam em Portugal, incluindo na região centro.

Considera-se então, que o turismo de memória pode ser considerado como um método através do qual os turistas (descendentes de algum grupo em particular), visitam ou "regressam" à sua terra natal, através da recriação das atividades e experiências dos seus antepassados. Estes sentem necessidade de se sintonizar com as "linhas de sangue" dos seus antepassados e da sua herança cultural, consequência de sentimentos de "perda de memórias e tradições", "uma fome de identidade e pertença" e "uma sensação de se sentirem separados das suas raízes" (Basu, 2004; Leite, 2005).

Podemos ainda identificar duas características adicionais a este tipo de turismo:

1- O lado "sobrenatural": é notório em muitas situações, que os turistas de raízes declaram que sentem e passam por experiências que saem da norma científica. Desde sentirem a presença dos seus antepassados, a uma maior afinidade a certas localizações onde na verdade nunca estiveram, (como

tal, não a deveriam sentir), até mesmo a um sentimento de retorno. Aceita-se que estas sensações e experiências tenham um certo cariz "sobrenatural" (Basu, 2004; Leite, 2005). Estas experiências podem de facto ser tão fortes que têm o potencial de transformar a vida daqueles que por elas passam, tendo alguns revelado que depois de regressarem a casa, sentiam dificuldade em se reajustarem à sua rotina ou em resolver problemas pendentes (Basu, 2004).

2- Levar e deixar "recordações": como já referido, é habitual a motivação dos turistas de raízes ser em boa parte derivada da necessidade de visitar as localizações onde os seus antepassados viveram e experienciarem as "experiências, sensações, sons sabores, linguagens, etc", dos seus antepassados (Iorio & Corsale, 2013; Leite, 2005). Segundo Basu (2004), na tentativa de levarem consigo estas experiências e memórias, os turistas levam recordações do local (pedra, água de fontes locais, cerâmica, etc). Por vezes deixam uma parte de si, na forma de objetos pessoais.

Conclui-se, assim, que o turismo de memória permite às populações em diáspora reencontrarem-se com as suas raízes, seja a nível individual ou através de um contacto com as "memórias" dos seus antepassados (memória genética). O turismo de memória judaico é ainda especificamente motivado por questões de recordação, nostalgia e curiosidade (Kreiner & Luz, 2017).

Sumariamente, o turismo de memória judaico pode ser definido através da seguinte citação: "*JHT is defined as the supply of, and demand for, sites and activities connected to the Jewish faith, culture, and tradition, including both relics of the past and products of the present."* (Gruber, 2002; Krakover, 2013, citado por Kreiner & Luz, 2018, p. 18).

Gostaríamos também de referir que esta tipologia de turismo é a que melhor se aplica no tema por nós explorado nesta dissertação. Os turistas judaicos que visitam Portugal, como explicámos, fazem-no não por motivos religiosos, mas de forma a visitarem lugares por onde os seus antepassados e o seu povo passaram.

Capítulo 4 - Contextualização histórica - A história judaica em Portugal

A história dos judeus em Portugal e na Península Ibérica é conhecida e encontra-se bem documentada. Duas importantes fontes de informação sobre esta história e que foram preponderantes nesta investigação, são o livro de Jorge Martins - "Breve História dos Judeus em Portugal" e a informação existente no museu, Centro de Interpretação Isaac Cardoso, em Trancoso.

Os primeiros judeus em Portugal

Da presença do povo judaico na Península Ibérica (e em particular Portugal), é feita referência em muitos momentos da história do território, embora nem todos com a clareza e objetividade necessárias.

Martins (2015) afirma que existem várias teorias e estudos contraditórios, sobre quando terá sido o início da história judaica na Península Ibérica. Não privilegiando nenhuma destas teorias em detrimento das outras, procedemos à sua identificação:

Os judeus terão vindo para a Península Ibérica:

- Trazidos pelos fenícios em 587 a.C., durante a diáspora forçada, após a conquista de Jerusalém e a destruição do primeiro templo hebraico.

- Após a destruição do segundo templo de Jerusalém, pelo imperador romano Tito, em 70 a.C.

- Segundo alguns autores rabinos, a original entrada dos judeus ter-se-á iniciado no tempo de Nabucodonosor ou no primeiro século antes de Cristo, na época de Salomão.

(Martins, 2015)

No entanto, apesar das teorias defendidas pelo autor, importa fundamentar esta presença inicial, identificando alguns dos vestígios judaicos em território ibérico. São exemplos:

- Um conjunto de moedas descobertos perto de Mértola em 1968, as quais foram datadas do primeiro século depois de Cristo (Silva & Centeno, 2005 citado por Martins, 2015).

- Uma pequena peça glíptica (século II d.C.), com uma imagem de um *Menorah* (entre outros símbolos associados ao judaísmo), descoberta nas ruínas de uma antiga cidade romana perto de Marvão, Alentejo (Cravinho, 2004 citado por Martins, 2015).

- Uma lápide funerária, atualmente no Museu de Mértola, datada ao século V (Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 1994 citado por Martins, 2015).

- Duas lápides funerárias, que se encontram no Museu Arqueológico do Carmo, datados do século VI e descobertas no cemitério judaico de Espiche, Lagos (Schwarz, 1923 citado por Martins, 2015).

Em suma, apesar de não podermos ter a certeza absoluta de quando terá sido o início da história judaica em Portugal/Península Ibérica, podemos compreender, que os judeus já se encontravam aqui, muito antes da criação de Portugal como uma nação (Martins, 2015).

O período medieval (desde a fundação de Portugal em 1143 até 1496)

O período medieval em Portugal (até ao édito de expulsão de 1496), foi caracterizado por uma forte influência dos judeus na economia e um sentimento antijudaico, principalmente por parte do clero. No entanto, os judeus portugueses podiam incluir entre os seus aliados, a monarquia portuguesa (Martins, 2015).

Durante os reinados de D. Afonso Henriques (1143-1185) e D. Sancho I (1185-1211), os judeus foram utilizados para povoar e desenvolver o reino, sendo colocados em judiarias ou integrados com cristãos. De facto, D. Afonso Henriques teria como Mordomo-Real, D. Iahudah ben Iahish ibn Iahia, o qual viria a ser recompensado com terras e cujo filho (Ioseph ben Iahudah ibn Iahia), durante o reinado de D. Sancho I, fundaria a primeira sinagoga de Lisboa e seria nomeado de almoxarife-mor do reino (Martins, 2015).

Em 1215, D. Afonso II (1211-1223), rejeitou a norma proposta pelo Papa Inocêncio III, a qual tinha por objetivo obrigar os judeus a serem identificados pela roupa. D. Sancho II (1223-1248), eliminou muitos impostos direcionados aos judeus e elegeu vários para postos importantes. Facto que aumentou as tensões entre os judeus e os cristãos (Martins, 2015). “O poder régio comprova a aptidão dos judeus para as questões administrativas e financeiras, reclamam os cristãos” (CI – Isaac Cardoso).

Em 1248 chega ao trono D. Afonso III (1248-1279), muitas vezes considerado o legislador dos judeus, legislou a especulação bolseira por parte destes e declarou ainda a pena de morte a qualquer judeu que profanasse uma igreja católica (esta última medida foi consequência de pressões clericais), assim como a pena de morte a qualquer cristão instigador. D. Afonso III foi ainda conhecido por julgar sem discriminações e por conceder numerosos cargos públicos a judeus, bem como por não os obrigar ao uso do sinal de vestuário ou ao pagamento do dízimo, à igreja (Martins, 2015). O seu sucessor, D. Dinis (1279-1325), continuou esta grande proteção dos judeus portugueses, referindo-se a estes como "os meus judeus", mantendo a liberdade religiosa, a construção de sinagogas, a eleição de magistrados e a coabitação com cristãos. Estas medidas protetoras dos judeus feitas por parte de D. Afonso III e D. Dinis, apesar de pressões contrárias por parte do clero e da nobreza, foram concretizadas (CI – Isaac Cardoso; Martins, 2015).

Durante os reinados de D. Afonso IV (1325-1337) e D. Pedro I (1357-1367) vimos um retrocesso no tratamento dos judeus em Portugal. D. Afonso IV obrigou os judeus a usarem um chapéu amarelo (mais tarde alterado para vermelho), criou vários impostos e proibiu a saída de judeus, do reino, com mais de 500 libras. D. Pedro I impôs o afastamento entre cristãos e judeus e criou bairros próprios para os últimos. Contudo, ambos privilegiaram alguns judeus. D. Afonso IV concedeu privilégios ao Rabi-Mor, ao mestre Jacob da Guarda e a D. Moisés Navarro. D. Pedro I teve como médico privado um judeu de nome Moisés Navarro. Foi também no reinado de D. Pedro I que os judeus começaram a prestar serviço militar (CI – Isaac Cardoso; Martins, 2015; Visit Portugal – Caminhos da Fé, s.d.).

O reinado de D. Fernando (1367-1383) acabou por ser um dos últimos reinados positivos para os judeus portugueses. Foi um rei conhecido por muito proteger a população hebraica, atribui-lhes vários cargos públicos e cartas de confirmação de privilégios. Protegeu em termos legais vários judeus em particular, como fizeram vários dos seus antecessores. Foi o caso do Rabi-mor e o seu médico pessoal, Ibn Yahia ha Zaken ben Salomon (Martins, 2015; Visit Portugal – Caminhos da Fé, s.d.).

Os reinados de D. João I (1385-1433), D. Duarte (1433-1438) e D. Afonso V (1438-1481) associam-se ao começo dos descobrimentos e a um período de maior perseguição aos judeus na Península Ibérica. No reinado D. João I muitos judeus procuraram proteção em Portugal, aumentando as tensões e levando o rei a impor que estes usassem a estrela de David no vestuário. Com a chegada de uma grande população judaica durante o reinado de D. Duarte, aumentou o ódio por esta população, por parte da população portuguesa e o rei acabaria por aceitar as exigências destes últimos, publicando o édito de 1436 que os proibia de ter cargos públicos. O reinado de D. Duarte é geralmente visto como o ponto de viragem no tratamento dos judeus, por parte da monarquia portuguesa. Durante o reinado de D. Afonso V foi retomada a obrigatoriedade de os judeus viverem em judiarias, afastados de cristãos e fez ressurgir a obrigatoriedade do uso de alguns dos sinais já referidos. Procurando aumentar a quantidade de conversos, o rei oferece privilégios aos judeus que se convertam ao cristianismo. D. Afonso V veio a ter não um, mas dois médicos judeus, José Zarco e Ephraim ben Sancho (CI – Isaac Cardoso; Martins, 2015).

O período dos descobrimentos trouxe vários outros nomes ao panteão de judeus portugueses famosos: Pedro Nunes, um matemático fulcral para os descobrimentos; José Vizinho (Vecinho), que além de médico de D. João II, ainda melhorou o astrolábio náutico; Abrãao Zacuto, criador do Almanach Perpetuum, com as tábuas de declinação solar (utilizadas na navegação no alto-mar); Jehuda Cresques, construtor de bússolas; Mestre Jácomo cartógrafo do rei de Aragão; Gaspar da Gama, intérprete durante os descobrimentos da Índia e do Brasil (converteu-se ao cristianismo e adotou o nome do seu padrinho, Vasco da Gama); Afonso Paiva, explorador que ajudou Pero da

Covilhã a conseguir informações para o caminho marítimo da Índia (Autor do texto, 2009; Visit Portugal – Caminhos da Fé, s.d.; Visit Portugal, s.d.).

O aumento da intolerância e da violência: os éditos de expulsão, o massacre de 1506 e o início da Inquisição

Com o início do reinado de D. Manuel I (1495-1521), ocorreram alguns dos acontecimentos mais marcantes da intolerância aos judeus em Portugal (Martins, 2015).

Este período seria ainda marcado por um acontecimento em 1492, na vizinha Espanha, com o Édito de Expulsão de 1492, pelo qual a população judaica espanhola foi expulsa de Espanha e terão procurado Portugal como refúgio. Mais tarde, o próprio D. Manuel I decretaria em dezembro de 1496, a expulsão dos judeus (e mouros) e o subsequente batismo forçado em 21 de abril de 1497. Este ato resultou de um acordo com os reis de Espanha, estabelecendo que, em troca, se faria o casamento com D. Isabel (princesa castelhana) (Martins, 2015).

"Mandamos, que da publicação desta Nossa lei, e determinação até por todo mês de outubro (…), todos os Judeus, e Mouros forros, (...) se saiam fora deles sob pena de morte" (*Ordenações do Nosso Senhor Rei D. Manuel,* Decreto de Expulsão, 1496, citado por Martins, 2015, pp. 28 e 29).

Depois do Édito de Expulsão, vários judeus portugueses para não se tornarem cristãos-novos e manterem a sua fé, fugiram do país. Foi o caso de Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco), Garcia de Orta, Rodrigo de Castro e Zacuto Lusitano. Terão tido como destino, respetivamente, Salónica, Goa, Veneza e Amesterdão, (Visit Portugal – Caminhos da Fé, s.d.).

O pior momento da perseguição antissemita em Portugal nos tempos medievais, estaria ainda para ocorrer. Em 19 de Abril de 1506, uma população cristã já desconfiada dos "cristãos-novos", depois de um destes ter duvidado de um suposto milagre que ocorrera no Convento de São Domingues em Lisboa, cometeu o maior massacre antijudaico da História Portuguesa. O massacre duraria três dias, nele morreriam entre 2 a 4 mil judeus e muitos tiveram as suas casas pilhadas e sofreriam ferimentos (Martins, 2015).

Embora a maior parte das personagens de renome do universo judaico português sejam homens, uma das mais importantes foi uma mulher de nome Beatriz de Luna ou Grácia Nasci Mendes. Nascida em Lisboa a 1510 de uma família de cristãos novos recentes, mas que continuavam em segredo a praticar o judaísmo, tornou-se incrivelmente rica depois da morte do marido. Para escapar à Inquisição fugiu de Lisboa e viveu em várias cidades pela Europa, acabando por se estabelecer em Istanbul. Utilizou a sua enorme fortuna para ajudar vários judeus sefarditas a fugir à Inquisição (particularmente para o império otomano), assim como financiou a reconstrução de várias cidades na Terra Santa, entre Jerusalém e Gaza (Mateus, 2011).

Para além do ocasional ato violento pelo qual passavam os judeus em Portugal, estes sofreram muito mais às mãos da Inquisição Portuguesa, depois da fundação desta instituição em 1536. A bula de 17 de dezembro de 1531, terá sido a base da introdução do Santo Ofício em Portugal. Com a criação desta instituição, os judeus passariam por terrores como afogamento e queima nas fogueiras, à perda de todos os seus bens e o subsequente exílio (Martins, 2015).

Um dos reis mais hostis para os judeus foi D. João III. Em meados de 1524 veio a contratar Henrique Nunes, conhecido como Firme-Fé e colaborador da Inquisição Espanhola, foi contratado para espiar

os cristãos-novos. Este fracassou a incumbência e acabaria esfaqueado, tendo D. João III executado como represália, dois cristãos-novos. Por esta altura notou-se também um aumento da pressão para a criação do Santo Ofício, particularmente por parte dos Dominicanos (Martins, 2015).

Foi em 1523 que D. João III tentou, pela primeira vez, trazer a Inquisição a Portugal. Através de Brás Neto, seu representante em Roma, pediu uma bula ao Papa Clemente VII. Este, acreditando que D. João III queria simplesmente ficar com os bens dos Judeus, recusou-se. Infelizmente, mais tarde e por pressões clericais, o Papa cederia, publicando a bula de 17 de dezembro de 1531, que serviria como introdução ao Santo Ofício. Mais tarde ainda, e por influência de outras personagens, nomeadamente outros Papas, o tratamento aos judeus foi variando, ora melhorando, ora piorando. Neste processo, destaca-se pela negativa no tratamento dos judeus, a fundação da Inquisição em Portugal (Martins, 2015).

No ponto seguinte aborda-se para onde se dirigiram os Judeus, depois de expulsos de Portugal.

A diáspora judaica e o fim da Inquisição

- Diáspora judaica

No final do século XV e até meados do século XVIII, os judeus portugueses viram-se, como já foi referido, forçados a sair de Portugal. Estes espalhar-se-iam por vários destinos diferentes, desde África, Europa e Américas, entre outros. São exemplos desta diáspora:

África e Turquia: alguns dos primeiros judeus da diáspora judaica deslocaram-se para o norte de África, para Argel, Túnis e Egipto, assim como para Constantinopla, onde se juntariam às já existentes comunidades judaicas (Martins, 2015).

Américas: o continente americano foi também uma localização privilegiada para os judeus sefarditas, sendo que muitos foram para o Brasil, particularmente para a Baía, onde entre 1635 e 1645 constituíam entre "10% a 20% da população livre branca da cidade" (Martins, 2015). Um dos judeus que seguiu para o Brasil foi António José da Silva (1705-1736), apelidado de "o judeu" e que escreveu várias óperas. O seu trabalho foi de tal forma importante, que chegou a ser apontado que, sem ele, "teriam decorrido trezentos anos da nossa história teatral (entre Gil Vicente e Garrett) sem dramaturgos com obra digna de relevo." (Cardoso, s.d.).

Europa: sem dúvida, a Europa foi a região do mundo onde o maior número de judeus portugueses e espanhóis se refugiaram. Nos Países Europeus destacaram-se como destino, Itália, França, Holanda, Alemanha e (com menor importância) Inglaterra (Martins, 2015).

Em Itália destacaram-se as cidades de Veneza, Bolonha, Nápoles e Florença, enquanto em França privilegiaram o sul e Bordéus (Martins, 2015). Elijah Montalto (1567-1616), terá sido um dos que fugiu para Itália, dirigindo-se primeiro para Leghorn e mais tarde para Veneza. Enquanto vivia nesta última cidade chegou a receber uma oferta da família Medici para trabalhar como médico na corte francesa, onde acabaria por permanecer até à sua morte. Escreveu vários livros de medicina (Deutsch, s.d.).

Seria, no entanto, na Holanda, que os judeus em fuga encontrariam melhor tratamento, tendo paz e liberdade religiosa, sendo "autorizados todos os usos e costumes" (Martins, 2015, p. 75). Para este país dirigiram-se os pais de Baruch de Espinoza (1632-1677), filósofo holandês descendente de

judeus sefarditas, conhecido como um dos maiores filósofos racionalistas, à semelhança de René Descartes. Nascido em Amsterdão a 24 de novembro de 1623, os pais atribuíram-lhe o nome Português, Bento. Enquanto jovem questionou muito a religião, o que lhe traria problemas com as autoridades religiosas da altura, tendo sido acusado de heresia. Por esta razão mudou o seu nome Hebraico, para o seu nome Português. Durante a sua vida viria a escrever vários livros sobre filosofia e religião, nomeadamente o Breve Tratado, o Tratado Teológico Político e a sua obra mais importante, Ética (Ebiografia, 2020; Razão inadequada, s.d.).

António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), um cristão-novo (secretamente judeu), nascido em Penamacor. Formado em Salamanca em Medicina, fugiu pouco depois para a Holanda e mais tarde para a Rússia, onde se tornaria médico pessoal da Czarina Ana Ivanovna. Em 1747 mudou-se para Paris (Cm-penamacor s.d.).

Na Holanda surge um dos exemplos mais interessantes do legado judaico português, no país. A Sinagoga Portuguesa de Amsterdão (referida no Anexo II), possui uma história elaborada e demasiado longa para ser aqui incluída pelo se optou por incluir apenas um resumo. Desde 1616 devido à diáspora judaica dos judeus portugueses, existe uma comunidade em Amsterdão. Depois de criarem um seminário e uma biblioteca, criaram em 1675, a Esnoga, Sinagoga Portuguesa de Amsterdão. Séculos depois seria a única sinagoga em Amsterdão que sobreviveria à Segunda Guerra Mundial (Europa Nostra, s.d.; Martins, 2015) (Anexo II).

Para França dirigiu-se Jacob Pereira Rodrigues (1715-1780), filho de cripto-judeus transmontanos. Nasceu em Espanha e mudou-se para França onde se tornaria um dos primeiros reeducadores de crianças surdas-mudas (Porsinal, 2010).

A Alemanha acolheria também bastantes judeus portugueses, sendo Hamburgo designada "Jerusalém do Norte" (Martins, 2015).

- A legislação pombalina, emancipação judaica e a extinção da Inquisição

A hostilidade contra os judeus viria a mudar nos últimos 25 anos do séc. XVIII, em boa parte pelas ações de Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal (Martins, 2015).

Um dos primeiros atos do Marquês para melhorar as condições dos judeus, passou pela publicação do Alvará de 2 de maio de 1768, que pôs fim aos "Róis de Fintas", as listas de cristãos-novos, usadas para os identificar. Assim, deixou de ser permitido privá-los de certos cargos, deixaram de ser perseguidos pela Inquisição e de pagar impostos especiais. Outro documento criado pelo Marquês, seria o Decreto Confidencial de 5 de outubro de 1768, que obrigou as famílias nobres "puritanas" (que se recusavam a casar com famílias de cristãos-novos), a casar os seus filhos com filhos de cristãos-novos (Martins, 2015).

Neste período histórico houve uma contínua tentativa por parte do Marquês, de eliminar a distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos e de eliminar a opressão de que os segundos sofriam. Um dos pontos mais importantes das medidas tomadas associa-se à Carta de Lei de 25 de maio de 1773 que, embora ainda diferenciasse os dois tipos de cristãos assumindo-os como diferentes, os mantinha a ambos como hábeis e como não merecedores de opressão. "Sendo o sangue dos Hebreus o mesmo idêntico sangue dos Apóstolos, dos Diáconos, dos Presbíteros e dos Bispos por Eles, ordenados e consagrados" (Carta de Lei de 25/05/1773, Coleção de Leis, Decretos e Alvarás, citado por Martins, 2015, p. 96).

O Marquês de Pombal, teve ainda uma grande influência no fim da Inquisição. O estadista passaria o último Regimento da Inquisição a 1 de setembro de 1774 e a Carta de Lei de 15 de dezembro de 1774. As duas em conjunto proibiam a Inquisição de fazer autos-de-fé públicos e de confiscar os bens daqueles que puniam. Efetivamente, estas reformas seriam o início do fim da Inquisição (Martins, 2015).

Depois de Pombal, o Cardeal da Cunha manteria o seu posto. Este facto prova que o clima quanto à existência da Inquisição, piorava. Este ambiente adverso, em conjunto com o novo Regimento e as pressões estrangeiras (particularmente as que pertenciam ou eram influenciadas por autores portugueses a viver no estrangeiro), viriam a originar o fim da instituição (Martins, 2015).

O início do fim da Inquisição veio a ocorrer pouco depois do debate parlamentar de 5 de fevereiro de 1821, onde Francisco Simões Margiochi, liberal anti absolutismo, defendeu oito propostas de lei baseadas em ideias liberais, entre as quais a extinção definitiva da Inquisição. Este, depois de expor os crimes e evolução da Inquisição, terminou o seu discurso com a seguinte frase: "a Inquisição se pode igualar às maiores calamidades que têm afligido a espécie humana" (Diário das Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa, sessão de 24/III/1821, pp. 354-358, citado por Martins, 2015, p. 109).

Historicamente, a Inquisição em Portugal foi extinta em 31 de março de 1821, por ordem das Cortes Constituintes, na sequência do pronunciamento liberal de 24 de agosto de 1820. Com esta decisão por parte das Cortes Constituintes, a Inquisição viu-se extinta (ainda que não tenha sido tocada a questão dos ordenados dos funcionários da Inquisição), separando-se de vez o papel da Igreja, do julgamento das pessoas. Como curiosidade, refere-se que com a extinção desta instituição, a Inquisição seria saqueada e o Inquisidor-geral fugiria para Bayonne, em França (Martins, 2015).

O ressurgimento oitocentista e a legalização das comunidades judaicas

Embora saibamos que ocorreu um renascimento das comunidades judaicas em Portugal nos finais do século XVIII e no início do século XIX, iniciado pela legislação pombalina e finalizado pela extinção da Inquisição em 1821, a real forma como estes se estabeleceram, encontra-se rodeada de lendas e mistérios (Martins, 2015).

Apesar da incerteza deste período, duas coisas são certas: que terá sido de Gibraltar e de Marrocos que os primeiros judeus vieram e que estes se estabeleceram em Lisboa. Estes primeiros judeus estariam integrados em Lisboa, onde poderiam praticar a sua religião e onde vários fundariam casas comerciais. Seria também neste período que todas as sinagogas existentes em Lisboa seriam fundadas (as que existiam na época medieval, foram destruídas). As múltiplas sinagogas criadas em Lisboa, passariam por divergências dentro desta população, levando à criação de outras sinagogas, ora públicas, ora privadas, ora pertencentes a congregações. De forma a evitar mais separações, os judeus lisboetas juntaram-se em 25 de dezembro de 1894, na Câmara Municipal, onde reunificariam a sua comunidade, levando diretamente à criação da *Shaaré Tikvá*, a atual sinagoga de Lisboa (Martins, 2015).

Claramente, o reaparecimento das comunidades judaicas não ocorreu apenas em Lisboa. Há que referir outras localizações onde estas se terão estabelecido (ou sobreviveram às perseguições) em Portugal, destacam-se os Açores, a Madeira e Faro (Martins, 2015).

A família Bensaúde, previamente chamada Hassiboni, é um dos casos de descendentes de judeus marroquinos que fugiram da Península Ibérica e foram, em 1825, para os Açores, onde fizeram a sua fortuna (destacam-se particularmente nesta família Abrão, José, Salomão e Elias). Começaram com a venda de tecidos, mas mais tarde passaram para todo o tipo de negócios que vão do tabaco à pesca, tendo fundado organizações como a Parceria Geral de Pescaria, a Empresa Insular de Navegação, o Banco Lisboa Açores, a Companhia de Seguros Açoreana, a Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos e o Banco Micaelense (atualmente Banif) (Autor do texto, 2009; Gonçalves, 2009).

No espaço de Portugal Continental, fora de Lisboa, conhecem-se apenas duas sinagogas que sobreviveram ao período de perseguição judaica e anteriores ao ressurgimento oitocentista. Trata-se da sinagoga de Tomar e da sinagoga de Castelo-de-Vide. Da última pouco se sabe sobre a sua história. A sinagoga de Tomar, embora sobrevivente, teve uma existência atribulada, tendo sido convertida em vários tipos de edifícios para outros propósitos. Finalmente em 5 de maio de 1923, foi doada ao estado português e é onde, atualmente, se situa o Museu Luso-Hebraico (Martins, 2015).

Ainda em Portugal, há evidências e descobertas sobre os criptojudeus (marranos), judeus portugueses que maioritariamente viviam no interior e que mantiveram em segredo as suas crenças.

Samuel Schwarz (1880 – 1953), nascido a 12 de janeiro de 1880 em Zgierz, na Polónia, mudou-se para Portugal e adotou em 1915, a nacionalidade Portuguesa. Apesar de no início da sua vida ter trabalhado como engenheiro de minas, passaria mais de uma década a estudar o criptojudaísmo, culminando o seu trabalho numa obra intitulada "Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX". Schwarz terá ficado admirado, ao descobrir que em Portugal ainda se praticava o judaísmo, algo que depois de ter passado algum tempo em Espanha, não encontrara. Ao contrário de Espanha que expulsara os seus judeus, em Portugal, por razões económicas, estes foram forçados a converter-se e a praticar a sua religião em segredo, originando o que Schwarz considerou o marranismo português (Martins, 2015).

Belmonte, seria a localização onde Schwarz descobriria os primeiros indícios judaicos em Portugal e onde, apesar da destruição da sinagoga, ainda se praticava o judaísmo, existindo um antigo centro judaico. A descoberta dos judeus em Belmonte, por Schwarz, ocorreu através de um comerciante chamado Baltazar Pereira de Sousa, que terá apresentado Schwarz aos restantes judeus desta povoação. No entanto, seriam as mulheres judaicas que lhe abririam as portas às restantes comunidades judaicas na Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Idanha, Penamacor, Monsanto, Bragança e Argozelo (Martins, 2015).

Os contributos de Schwarz não podem ser subestimados, particularmente por ter ajudado grandemente à integração dos judeus portugueses na comunidade judaica internacional, assim como pelo seu contributo no resgate dos judeus marranos, protagonizado por Barros Basto (Martins, 2015).

Barros Basto (1887-1991), foi uma importante personagem na história do judaísmo em Portugal. Nascido em Amarante a 18 de dezembro de 1887 e filho de um criptojudeu e de uma cristã-velha, a sua autointitulada "Obra do Resgate", foi a sua tentativa de aproximar os criptojudeus das Beiras e Trás-os-Montes, ao judaísmo (Martins, 2015).

Entre os seus feitos, encontramos a constituição da Comunidade Israelita do Porto, batizada por comunidade *Mekor Haim*, cuja sinagoga foi construída na Rua Guerra Junqueiro, a 16 de janeiro de 1938 (data e localização da fundação final, visto esta ter existido anteriormente noutras localizações). Barros Basto terá fundado também o Instituto Israelita do Porto, em 1929 (Martins, 2015).

De todas as suas ações, a já referida "Obra de Resgate" terá sido o seu maior feito. Durante os anos vinte do século vinte, tentou convencer os judeus marranos do interior do país de que já não era necessário esconderem o seu culto e herança. No entanto, terá encontrado muita resistência por parte destes, que ainda se sentiam assustados com a ideia e mantinham o receio das represálias que podiam sofrer (Martins, 2015).

Por esta altura verificou-se também o ressurgir de novas tentativas para trazer judeus estrangeiros para território colonial português, no que podemos apelidar de tentativas de colonização.

No ano de 1886, um judeu lisboeta (apelidado de *Anahory*, termo usado para definir os judeus lisboetas), tentou, sem sucesso, colonizar Angola com famílias judaicas. Mais tarde, em 1912, W. Terló (judeu russo residente em Portugal), sugeriu que se entregasse 45000km² de território central angolano, a judeus russos. O parlamento português da altura aprovou esta sugestão, mas por motivos de instabilidade política e "receio da constituição de um Estado independente", acabou por recusar. No ano 1938, o advogado J. Politis (envolvido com a família Rothschild), sugeriu ao Estado Novo que cerca de 250 mil judeus alemães e austríacos, perseguidos pelo regime nazi, fossem instalados em Angola. No entanto, mesmo depois de oferecer a Salazar 230 milhões de dólares em troca, este terá recusado (Autor do texto, 2009).

Durante a Segunda Guerra Mundial

O período da Segunda Guerra Mundial foi um dos períodos mais negros da história humana, particularmente no sofrimento que causou ao povo judaico. Durante este particular período histórico, Portugal encontrava-se sobre o controlo do Estado Novo, encabeçado por Salazar (Martins, 2015).

O interesse por parte do Estado Novo, em manter boas relações com a Alemanha, levou a que durante os anos 40 fossem censuradas as informações relativas ao holocausto. De facto, vários censores reportavam que censuravam estas notícias, considerando que eram demasiado horrorosas para serem verdadeiras. Embora o governo salazarista não defendesse ideias antissemitas, a polícia política chegou a declarar que se devia evitar a "concessão de vistos de entrada ou trânsito, especialmente a judeus, polacos, russos e apátridas" e, mais tarde, declararam ainda que "Portugal não é entreposto de judeus" (Maria da Conceição Macieira, ob. Cit, p. 77 citado por, Martins, 2015, p. 167).

Felizmente para muitos que fugiam ao regime nazi, houve vários portugueses que tudo fizeram para salvarem pelo menos algumas vidas.

Aristides de Sousa Mendes é o exemplo mais conhecido. Nomeado para o consulado de Bordéus em 1938, terá passado milhares de vistos. Desconhecendo-se o número exato, a história aponta para cerca de 30 mil vistos, dos quais, 10 mil a judeus. Há registos de que o cônsul terá mesmo convencido outros diplomatas a fazerem o mesmo. Considera-se que terá sido pela sua ação, que muitos dos judeus que chegaram a Portugal, sobreviveram. Pelas suas ações terá sofrido consequências. Foi forçado a abandonar o seu posto, passando por dificuldades económicas e pela dificuldade de manter a sua família (Martins, 2015). Esta figura importante da história judaica portuguesa tem ganhado nos últimos anos, um maior reconhecimento, tendo Israel declarado que iria atribuir o seu nome a uma praça e tendo o seu nome referido no memorial do holocausto em Israel (Yad Vashem), como "justo entre as nações" (Machado, 2020; Público, 2020). A 19 de outubro do presente ano, Aristides recebeu honras no Panteão Nacional, em Lisboa (RTP, 2021).

Outros dois exemplos destes "salvadores portugueses de judeus" terão sido, Carlos Sampaio Garrido (1883-1960), Embaixador de Portugal na Hungria entre 1939 e 1944 e Alberto Teixeira Branquinho (1902-1973), encarregado dos Negócios em 1944, em Budapeste (Rede de Judiaras de Portugal, s.d.; Sebastião, 2017). Garrido, à época, terá informado o governo português da perseguição por que estavam a passar os judeus. Para escapar aos bombardeamentos aliados mudou-se para a cidade de Galgagyörk, perto de Budapeste, onde albergou dezenas de civis, alguns dos quais judeus. Neste grupo inclui-se a sua secretária Magda Gabor e respetiva família. Infelizmente, Garrido e os civis que protegia, acabaram por ser presos pela polícia. Tal como Aristides, também Garrido seria declarado em 2010 pelo governo de Israel, como "justo entre as nações" (Sebastião, 2017). Branquinho conseguiu que o governo português lhe permitisse oferecer salvo-condutos a todos aqueles que tivessem parentes no Brasil ou em Portugal. Recebeu autorização para emitir 500, mas emitiu mais de 800. Implementou também um escritório da Cruz Vermelha para refugiados judeus (Rede de Judiaras de Portugal, s.d.).

Por fim, não nos podemos esquecer de mencionar Monsenhor Joaquim Carreira (1908 – 1981), padre e reitor do Colégio Pontifício Português de Roma. Em setembro de 1943, quando Roma é ocupada por tropas alemãs, Monsenhor Joaquim Carreira salva dezenas de pessoas, entre as quais, alguns judeus. Quando questionado porque tinha protegido estas pessoas, respondeu: "Concedi asilo e hospitalidade no Colégio a pessoas perseguidas com base em leis injustas e desumanas." Foi também reconhecido em 2014 por Israel, como "justo entre as nações" (Sebastião, 2017; Coelho, 2015).

O apoio aos milhares de refugiados, muitos deles judeus, que fugiram para Portugal, terá sido encabeçado numa fase inicial, pela COMASSIS (Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados). Segundo os seus relatórios, apoiou entre 1933 e 1941, cerca de 40 mil refugiados. Os dados do Alto Comissariado para os Refugiados da Sociedade das Nações, por outro lado, apontam para que, entre junho de 1940 e 1941, tenham entrado em Portugal cerca de 50 mil refugiados, maioritariamente vindos da Alemanha (Mucznik, 2001, citado por Martins, 2015).

A COMASSIS seria, no entanto, dissolvida e a partir de 18 de dezembro de 1941, teria começado a Comunidade Israelita de Lisboa a ajudar os refugiados, substituindo a sua função. A comunidade viria também a ajudar Aristides de Sousa Mendes, depois do seu afastamento do corpo diplomático (Martins, 2015).

Como se pode verificar, embora milhares de judeus tenham encontrado refúgio em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial, o governo Salazarista acabaria por não lhes permitir permanecer, vendo-os como elementos estrangeiros e uma ameaça ao seu poder (Martins, 2015).

O século XXI

Portugal teve, sem dúvida, uma história complexa com os judeus, ora com momentos de alta opressão e perseguição, ora com momentos de salvação e proteção. No entanto, no século em que vivemos, após fatores como a instabilidade republicana, a Guerra Colonial e o Estado Novo, o povo judaico viu o seu número descer em Portugal (Martins, 2015). Em Censos feitos ao longo dos anos, notamos que o número de judeus em Portugal passou de 5493 em 1981, para 3519 em 1991 e para 1773 em 2001, mantendo-se a maior percentagem, em Lisboa. Esta tendência apenas se reverteu recentemente, quando em 2011 podiam ser contados em Portugal 3061 judeus, verificando-se uma inversão da tendência (INE, 2021).

Hoje a comunidade judaica varia consideravelmente na sua cultura e origens. Encontramos judeus cuja presença já dura cerca de 200 anos, com origem na Europa Central e no Norte de África (de cultura marroquina) e que se concentram essencialmente em Lisboa. Um judaísmo criptojudaico no interior, particularmente em Belmonte, também está presente no Porto e em Lisboa. Também se verifica um judaísmo mais recente, particularmente em Lisboa, Porto e Algarve, consequência da globalização e da abertura política e económica, judeus vindos predominantemente da América Latina (Visit Portugal – Caminhos da Fé, s.d.).

Como referimos no parágrafo anterior, a abertura política e económica, trouxe um crescente número de judeus a Portugal. Esta abertura não pode ser explicada sem se mencionar os Decretos-Lei nº237-A/2006 e n.º 30-A/2015. Ambos os decretos permitiram a "concessão da nacionalidade portuguesa por naturalização, a descendentes de judeus sefarditas". Ou seja, todos aqueles que possam provar que descendem dos judeus sefarditas expulsos de Portugal no final do século XV e no início do século XVI (Decreto-lei n.º 237-A/2006, de 12 de dezembro; Decreto-lei n.º 30-A/2015, de 27 de fevereiro).

Esta mudança na lei portuguesa está a aumentar a procura pelos judeus, para residirem em Portugal. De facto, entre o início de 2018 e abril de 2019, foram feitos mais de 20000 pedidos (Lusa, 2019).

Capítulo 5 – Caracterização do território

O património judaico nas várias regiões de Portugal

O turismo judaico de memória tem sido um turismo em rápido crescimento em várias localizações no estrangeiro, inicialmente naquelas que detinham no passado populações judaicas e que ainda têm alguns dos seus vestígios. Entre estas localizações encontram-se: Sevilha, Córdova, Veneza, Budapeste, Praga, Cracóvia, Lublin, Vilnius, Berlim, Frankfurt, Varsóvia, Moscovo, Viena, Paris, Munique, Copenhaga, Tessalonica e Budapeste (Kreiner & Luz, 2017).

De forma a melhor enquadrar o valor judaico de Portugal, iremos explicitar sumariamente os valores/património judaico em Portugal, excluindo intencionalmente a região centro, por ser abordada mais pormenorizadamente no tópico seguinte e ser preponderante no tema desta dissertação.

Faremos uma introdução sobre cada região e daremos alguns exemplos importantes.

- Algarve:

Tendo sido a última região de Portugal e ser conquistada (1248), foi também a região onde mais tempo se demorou a implementar uma forte presença judaica. Apenas começou a formar-se no séc. XIV (Rede de Judiarias, s.d.).

Tendo em conta a sua localização, as comunidades judaicas do Algarve podem ser divididas em dois grupos. Os centros urbanos, como Silves, Tavira, Lagos e Faro e as localizações mais pequenas, como Alcoutim, Alvor, Loulé, Portimão, Silves e Castro Martins (Rede de Judiarias, s.d.).

Lagos, graças à sua localização privilegiada para o comércio com África, ganhou uma forte comunidade judaica de comerciantes. O número de judeus nesta cidade no tempo medieval era de tal maneira alto, que estes pediram a D. Henrique que lhes permitisse viver nos bairros cristãos (este pedido foi mais tarde aprovado durante o reinado de D. Afonso V); mais tarde no reinado de D. João

II, criar-se-ia uma "judiaria nova em 1481". Infelizmente o terramoto de 1755 destruiu a maior parte dos vestígios (Rede de Judiarias, s.d.).

Faro foi, durante a idade média, um importante centro do judaísmo em Portugal. Foi aqui, em 1487, que se iniciou a imprensa em Portugal, graças a Samuel Gacon, o Pentateuco, em hebraico. Em 1496, o édito de expulsão levou ao declínio da judiaria, só se restabelecendo no séc. XIX com judeus vindos de Marrocos e Gibraltar. Por volta de 1830 existiam aqui duas sinagogas e um cemitério. Infelizmente já não existem as sinagogas, mas o cemitério foi restaurado em 2003, transformando-se no Centro Histórico Judaico de Faro (Rede de Judiarias, s.d.).

- Lisboa e Vale do Tejo:

A Região de Lisboa e Vale do Tejo tem uma história relativamente aos judeus, tão interessante como frustrante.

A história judaica desta região é antiga, facto que pode ser confirmado por achados arqueológicos como a Placa de Silves e a Lápide de Mértola, que apontam respetivamente, para os anos 476 e 482. A primeira sinagoga da cidade teria sido edificada durante o reinado de D. Sancho I (1185-1211) e a cidade teria quatro judiarias diferentes (embora não funcionassem todas na mesma época). Por ordem de antiguidade seriam: a Judiaria Velha (também referida como judiaria grande), que já existia durante o período muçulmano da cidade; a Judiaria de Alfama, oficialmente edificada em 1373; a Judiaria das Taracenas (também referida como nova ou pequena da moeda), erguida por D. Dinis em finais do séc. XIII; por fim, a Judiaria da Pedreira, sobre a qual pouco se sabe (a única das quatro que não se pode afirmar ter tido sinagoga) e que se assume como tendo sido edificada por volta de 1303. Estas judiarias, embora cheias de história, tiveram à semelhança do resto do país, o seu património eliminado (Carvalho, 2021).

O já referido massacre de 1506, ocorrido em Lisboa no Convento de São Domingos, levou a que a cidade colocasse o Memorial no Largo de São Domingos. Feito em pedra e com uma enorme estrela de David, nele pode ler-se a seguinte inscrição: "Em memória dos milhares de judeus vítimas da intolerância e do fanatismo religioso, assassinados no massacre iniciado a 19 de abril de 1506, neste largo". No referido Memorial também se encontra o calendário cristão (1506-2006) e o calendário judeu (5266-5766). Muito perto deste Memorial, ao lado do Rossio, pode também encontrar-se o Teatro Nacional D. Maria II, implementado onde anteriormente estava o Palácio dos Estaus, sede da Inquisição de Portugal, entidade perseguidora dos judeus e dos cristãos-novos (Carvalho, 2021).

Hoje a cidade de Lisboa tem uma forte comunidade Israelita, com inícios no século XIX, assim como as importantes Sinagoga *Shaare Tikvah* (inaugurada a 18 de maio de 1904) e Sinagoga Ohel Jacob (inaugurada em 1934 e a única sinagoga asquenaz em Portugal). Recentemente foi aprovada a criação do Tikvá, Museu Judaico de Lisboa, um museu dedicado à história judaica de Portugal e, mais especificamente, em Lisboa (Carvalho, 2021; Cipriano, 2021; Hehaver, s.d.).

- Alentejo:

Sendo a região do Alentejo a maior região de Portugal, naturalmente encontramos múltiplas localizações onde, no passado, existiam comunidades judaicas. Estas localizações, incluíam: Beja, Olivença, Estremoz, Castelo de Vide, Portalegre, Serpa, Elvas, Santiago do Cacém, Arraiolos, Avis,

Montemor-o-Novo, Moura, Nisa, Portel, Viana do Alentejo, Arronches, Crato, Borba e Monsaraz (Rede de Judiarias, s.d.).

Em Évora, sendo a capital do Alentejo, encontra-se uma das maiores judiarias do País, que no passado teria duas sinagogas e todas as infraestruturas necessárias para a comunidade residente, como escola, hospital, estalagem, "*mikveh*" e até uma leprosaria. Nesta cidade encontrávamos também no passado, um dos tribunais da Inquisição e o Palácio do Inquisidor (Rede de Judiarias, s.d.).

Hoje, em Évora, encontramos uma série de portais ogivais góticos ligados à judiaria e à obra de Abraham Zacuto, *Almanach Perpetuum* (na biblioteca pública) (Rede de Judiarias, s.d).

Castelo de Vide, uma das localizações mais conhecidas do turismo judaico do Alentejo, tem segundo o website da autarquia, quatro localizações de interesse judaico. Estas são: a Judiaria, a Sinagoga, a Casa do Arcário e a Fonte da Vila (as últimas três encontram-se dentro da judiaria). Da Judiaria localizada na encosta da vila (à semelhança de outras no país) apenas restam alguns vestígios, nomeadamente marcas nas ombreiras das portas de algumas ruas - as designadas *Mezuzah*. A Sinagoga chamada "*beit-ha – midrasch-sefardin*", foi reconstruída em 1972, obedecendo ao que seria o seu traçado original, incluindo o tabernáculo. A casa do Arcário teria sido a casa onde vivia aquele que cobrava os impostos aos judeus; a Fonte da Vila assume-se que teria feito parte da judiaria, uma vez que se encontra no espaço abrangido por ela (Castelo de Vide, s.d.; Visit Portugal, s.d.).

Documentos datados a partir de 386 comprovam a existência de uma judiaria em Elvas. Esta seria a Judiaria Velha de Elvas e mais tarde terá sido criada uma nova. Elvas terá no passado possuído uma das maiores sinagogas medievais. Em período posterior ao batismo forçado de 1497, a sinagoga foi convertida pela Inquisição, num açougue. Felizmente a sinagoga foi restaurada e em 2017 foi convertida na Casa da História Judaica de Elvas (Rede de Judiarias, s.d.).

- <u>Norte:</u>

Apesar de ser a única região de Portugal continental que não se encontra identificada na Rede de Judiarias de Portugal, tem um significativo património judaico. Aqui podemos encontrar localizações que tiveram, em tempos, comunidades judaicas. Tais como: Porto, Bragança, Lamego, Torre de Moncorvo, Vila Flor, Freixo de Espada à Cinta, Vila Real, S. João da Pesqueira, Vila Nova de Foz Côa e Freixo de Numão (Visit Porto & The North, s.d.).

No Porto medieval sabe-se que existiu uma forte comunidade judaica, instalada em várias judiarias diferentes. A judiaria velha estaria situada perto da Sé Catedral, com a sinagoga original na rua de Santana. Outra judiaria que terá existido, teria a sua sinagoga com epicentro na Rua do Comércio. No séc. XIV, na rua do Monchique, terá sido erguida outra sinagoga, da qual apenas sobreviveu a inscrição guardada no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa (Visit Porto & The North, s.d.).

No Porto existe a maior sinagoga da Península Ibérica, a *Kadoorie Mekor Haim*, inaugurada em 1938, que também funciona como sede da Comunidade Israelita do Porto e o Museu Judaico do Porto. Atualmente podemos encontrar também o recente Museu do Holocausto, inaugurado em 2012 (Visit Porto & The North, s.d.; Lobo, 2021).

Em Bragança pensa-se que existiria uma comunidade judaica desde o reinado de D. Dinis, tendo esta aumentado depois do édito de expulsão de 1492. Pensa-se que a judiaria desta época estaria

localizada na Rua dos Gatos. No séc. XX, em Bragança, foi recriada a comunidade judaica com base nos cripto-judeus da cidade (Rede de Judiarias, s.d.).

Hoje, o município tem duas principais localizações de interesse judaico: o Centro de Interpretação da Cultura Sefardita do Nordeste Transmontano e o Memorial e Centro de Documentação – Bragança Sefardita (Rede de Judiarias, s.d.).

O primeiro dos centros acima identificados foca-se na História Sefardita no território, incluindo os personagens de renome, começando na era medieval e terminando nos tempos modernos. O segundo, usa uma abordagem que mistura o material e o virtual, complementando o primeiro (Rede de Judiarias, s.d.).

No início do séc. XV existiam dois bairros judeus em Lamego. A Judiaria Velha, também chamada de "fundo da cidade", era onde se situava também a sinagoga da antiga Rua da Esnoga. Esta judiaria situava-se junto à Porta do Sol e ligava o Castelo ao Couto da Sé (Rede de Judiarias, s.d.).

A judiaria Nova (ou Grande ou da Pedra), da qual se sabe que também tinha sinagoga, ocupava a atual Praça do Comércio (Rede de Judiarias, s.d.).

- Açores e Madeira:

Nas ilhas de Portugal encontramos uma situação bipolar na história e património dos judeus: nos Açores abunda a história, na Madeira encontramos poucos vestígios.

Em 2012 foi criado nos Açores um roteiro cultural baseado na herança judaica. O roteiro inclui aquilo que podemos considerar o património judaico deste arquipélago e passa pelas ilhas de S. Miguel, Terceira, Faial e Pico. Estes valores incluem "cemitérios, algumas construções como as sinagogas, nomeadamente a de Ponta Delgada, a localização de ruas, onde as famílias judaicas desenvolviam as suas atividades comerciais (como é o caso das ruas dos Mercadores e da Misericórdia, em Ponta Delgada) e casas de famílias judaicas, que vieram para os Açores em vários momentos da história" (Lusa, 2012). Nos Açores pensa-se que terão existido um total de cinco sinagogas, no entanto, apenas resta a Sinagoga *Sahar Hassama*in, em Ponta Delgada. Esta, é a mais antiga Sinagoga portuguesa, construída depois da expulsão dos judeus. Depois de décadas de abandono, foi reaberta em 2015 como Museu Hebraico *Sahar Hassamaim*. Também se salienta o grande número de famílias judaicas vindas do Norte de África e que se mudaram para os Açores no início do séc. XIX (Cm-Ponta Delgada, 2020; Dias, 2021).

No arquipélago da Madeira encontramos menos vestígios do que nos Açores, no entanto, sabemos que existia uma sinagoga no Funchal e um pequeno cemitério judaico (Silva, 2015).

Região centro

A região por nós eleita, se fosse analisada em detalhe, seria uma tarefa demasiado extensa. Assim, optou-se por, nesta secção da dissertação, analisar sumariamente esta região e deixar em anexo os detalhes. Contudo, por razões óbvias, esta abordagem será mais detalhada, do que a das restantes regiões.

Sendo uma região antiga de Portugal, com cerca de 100 municípios, na região centro abunda história e cultura. Possui 12 Aldeias Históricas e uma das indústrias de lanifícios das mais antigas do mundo (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.; Turismo Centro Portugal, s.d.).

Em parte, graças à sua fronteira com Espanha, incluem-se nesta região algumas das localizações mais importantes da história judaica. Destas localizações destaca-se a rede de judiarias que inclui Belmonte, Guarda, Trancoso, Covilhã, Pinhel, Penamacor, Fundão, Celorico da Beira, Gouveia, Marialva, Castelo Rodrigo, Almeida, Sabugal e Linhares, as quais tiveram em tempos (e nalguns casos ainda têm), comunidades judaicas (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.; Turismo Centro Portugal, s.d.).

De forma a melhor identificar o valor judaico de cada zona desta região, faremos uma divisão por distritos: Aveiro, Viseu, Coimbra, Guarda, Castelo Branco e Leiria.

- Aveiro

Não foi possível encontrar informações sobre o património judaico do distrito de Aveiro. Do distrito não consta sequer informação relacionada com a Rede de Judiarias de Portugal ou com a Rota de Sefarad.

- Viseu

Vila Cova à Coelheira, vila pertencente ao concelho de Vila Nova de Paiva e de difícil acesso por se encontrar um tanto isolada, possui um relativamente recente Centro da Memória Judaica de Vila Cova à Coelheira – Casa da Sinagoga. É um pequeno centro de referência, onde se podem encontrar informações sobre os criptojudeus (Cm-vnpaiva - Camara Municipal Vila Nova de Paiva, 2019; Whotrips, 2017; Youtube, 2017) (Anexo I, - 3.).

Em Cabanas de Viriato encontra-se a casa de Aristides de Sousa Mendes, o conhecido Cônsul que contra ordens de Salazar, salvou a vida a milhares de judeus. A casa em si pode ser visitada e foi transformada num museu (Lusa, 2020) (Anexo I, - 10.).

- Coimbra

Coimbra, teve em tempos, uma forte comunidade hebraica, mas graças às perseguições que ocorreram por todo o país, em Coimbra praticamente desapareceu. Aqui ficaram apenas alguns vestígios deste passado, cingindo-se maioritariamente às judiarias nova e velha e ao recentemente descoberto *mikveh*, ou banho judaico, utilizado para rituais de purificação e saúde. (Anexo I, - 1.1.; 1,3.; 1.4.) Coimbra foi também palco de um dos dois tribunais da Inquisição que existiram na região centro e pela cidade passou, ainda que brevemente, como estudante, Aristides de Sousa Mendes. Atualmente existe na cidade uma rua com o seu nome (Find Your Center of Portugal, s.d.) (Anexo I, - 1.2.; 1.5.).

- Guarda

Na cidade da Guarda já existia desde o séc. XIII, uma comunidade judaica. Dentro da cidade terá existido uma judiaria que terá contribuído para que houvesse um forte comércio. Esta comunidade acabaria por ser expulsa no final do séc. XV. Desta comunidade hoje apenas restam alguns vestígios, nomeadamente marcas nas paredes exteriores de alguns edifícios (Find Your Center of Portugal, s.d.; Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 13.).

Em Figueira de Castelo Rodrigo, encontram-se as portas e construção base da sinagoga, posteriormente convertida em cisterna e encontra-se também um *Parokhet*. Atualmente nesta localidade, a mais valia é sem dúvida o Centro Interpretativo Ephraim Bueno. Neste edifício encontra-se uma pequena sinagoga e um pequeno museu com objetos judaicos, com informação sobre a história dos judeus de Portugal e informações sobre a história deste povo, no povoado (Lusa, 2020; Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 2.; 2.1.).

Em Trancoso existiu em tempos medievais, uma pequena comunidade de judeus abastados, sendo muitos destes, proprietários de terras e trabalhadores especializados. Atualmente ainda restam alguns judeus, sendo alguns descendentes de judeus que aqui habitavam em tempos medievais. Entre os objetos de interesse deixados por estes marranos encontram-se: o Poço do Mestre, a Casa do Gato Preto, o Centro de Interpretação Judaico "Isaac Cardoso" e Sinagoga *Beit Matim Hayim* e o Museu do Bandarra/Casa do Bandarra (Rede de Judiarias, s.d.) (Anexo I, - 4; 4.1.; 4.2.).

No Município de Almeida registam-se três localizações de importância: Vilar Formoso, com o seu Memorial aos Refugiados, onde se apresenta a história dos refugiados judaicos e cuja entrada em Portugal passou por esta vila e um memorial a Aristides de Sousa Mendes; Malhada Sorda, com a sua sinagoga reconstruída e encimada por um relógio de sol, em pedra; Castelo Mendo, com uma antiga judiaria e onde, num edifício, existe um armário em granito onde estaria alojada a Tora (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 5.; 5.1.; 5.2.; 5.3.).

O Sabugal, é outra localização que teve em tempos uma população histórica judaica. Contudo, hoje, apenas existe um espaço interpretativo que exibe as memórias e história dos judeus que outrora ali viveram (Município do Sabugal, s.d.; Rede de Judiarias, s.d.) (Anexo I, - 6.; 6.1.)

Em Mêda encontramos algumas marcas que sugerem a existência de uma antiga judiaria (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.). (Anexo I, - 14.)

Na cidade de Seia, existem algumas marcas cruciformes (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.). (Anexo I, - 14.)

Em Fornos de Algodres, existem vários vestígios da presença judaica, nomeadamente marcas de Estrelas de David, em edifícios. Estes vestígios existem maioritariamente na Rua da Torre e na Rua de S. Salvador (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 14.).

Pinhel teve em tempos uma comunidade judaica significativa e Barros Bastos ajudou a que se construísse uma sinagoga, mas esta acabaria por ser extinta (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 14.).

Em Celorico da Beira, existe uma casa conhecida como a Casa do Judeu, onde se pensa que terá estado o início da Judiaria local (All about Portugal, s.d.) (Anexo I, - 14.).

Em Gouveia, podemos encontrar uma lápide com escrita hebraica, datada de 1496 (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 14.).

- <u>Castelo Branco</u>

Na cidade de Castelo Branco sabe-se que existiu no final do século XIV, uma judiaria, tendo aqui nascido importantes judeus como Afonso Paiva, Elijah Montalto e Amato Lusitano. Este último, reconhecido pela cidade com uma estátua colocada em frente à Câmara Municipal. Na cidade pode ainda ser encontrada uma Casa da Memória Judaica e dos Cristãos Novos, que apresenta aos

visitantes a história dos judeus e cristãos novos da cidade (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.). (Anexo I, - 9.; 9.1.)

Uma das localizações mais importantes na história dos judeus na zona em estudo é Belmonte, local onde na atualidade ainda existe uma comunidade judaica. Em tempos mais recentes, Belmonte tem-se desenvolvido como uma localização de alta atração para turistas judaicos. Pela procura, lá foi construído um dos poucos hotéis judaicos de Portugal e o primeiro hotel do país com restaurante *kosher*. Em Belmonte podemos encontrar também a Sinagoga de Belmonte, fundada em 1996 e usada para a prática do culto dos habitantes locais e o Museu Judaico de Belmonte, inaugurado em 2005 e que possui informação sobre a história dos judeus locais, assim como sobre a história global e nacional dos judeus (Belmonte Câmara Municipal, s.d.; Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 7.; 7.1.; 7.2.).

Em Penamacor existiu, em tempos, uma comunidade judaica que terá desaparecido com a ação da Inquisição e com a diáspora. Hoje, no entanto, é possível encontrar em frente à Câmara Municipal a estátua de um famoso judeu, António de Ribeiro Sanches e noutro ponto da vila, a Casa da Memória da Medicina Sefardita, com o nome do mesmo homem (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.; Sapo Viagens, 2017) (Anexo I, - 8.; 8.1.).

Em Idanha-a-Nova encontram-se alguns vestígios materiais, nomeadamente marcas em edifícios e na povoação de Medelim e existe uma Rua da Judiaria (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 14.).

No Fundão encontramos a referências a ruas onde existiam judeus e se produzia o pão ázimo (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 14.).

Na Covilhã, terá existido a maior comunidade judaica da Serra da Estrela. Aqui estariam muito associados à produção de lanifícios (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.) (Anexo I, - 14.).

- Leiria

Em Ourém identifica-se o que se considera as ruínas de uma antiga judiaria. No entanto, os vestígios são algo escassos (Gameiro, 2016; Youtube, 2016) (Anexo I, - 11.).

Em Leiria abundam os vestígios relacionados com a presença judaica do seu passado, bem como tentativas mais recentes de as relembrar. Os vestígios mais antigos incluem: A Casa do Arco, a Casa dos Pintores e uma série de ruas que, em tempos, estiveram ligadas à comunidade judaica. As criações mais recentes incluem: O Centro de Diálogo Intercultural e Sinagoga e o Moinho de Papel. Um dos quatro portugueses justos entre nações, Monsenhor Joaquim Carreira, é também natural desta cidade (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.; Visite Leiria, s.d.) (Anexo I, - 12.).

Mapa dos recursos de património judaico da Região Centro e crítica

Como exemplo para o que efetivamente constituiu a nossa área de estudo, escolhemos o mapa da figura abaixo (Figura 4.). O mapa e a identificação de recursos são os utilizados oficialmente no website da Direção Regional de Cultura do Centro, para demonstrar as localizações e recursos de património judaico, segundo a Rota de Sefarad.

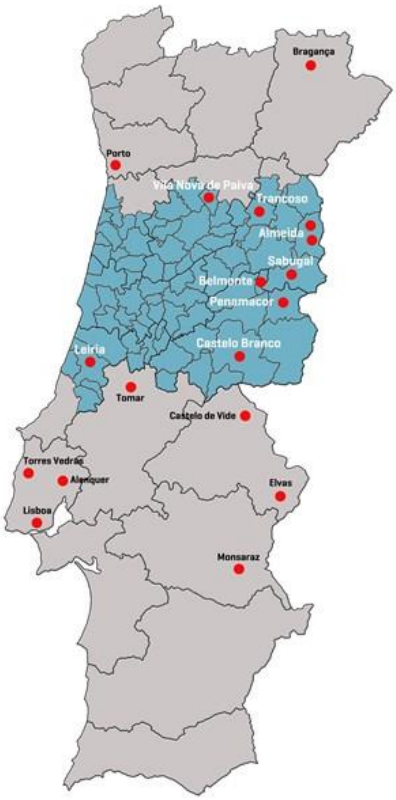


Figura 4 – Região centro e as localizações de património judaico significativo; Fonte: (Direção Regional de Cultura do Centro, s.d.)

Na Região Centro de Portugal podem ser visitados os seguintes monumentos ou locais de interesse relativos à Rota das Judiarias:

- Memorial da Vida de Aristides de Sousa Mendes – Vilar Formoso (Almeida)

- Museu Judaico de Belmonte

- Sinagoga de Almeida – Malhada Sorda

- Casa da Memória Judaica e dos Cristãos Novos – Castelo Branco

- Centro de Diálogo Intercultural de Leiria

- Casa da Memória da Medicina Sefardita António Ribeiro Sanches – Penamacor

- Casa da História Judaica da Raia Sabugalense – Sabugal

- Museu Bandarra – Trancoso

- Sinagoga de Vila Cova à Coelheira – Vila Nova de Paiva

(Direção Regional de Cultura do Centro, s.d.)

Este mapa (Figura 4.) serviu como uma das bases de trabalho deste projeto. Em regra, quando nos referimos à Região Centro, o que está em causa é a região demarcada a azul. No entanto, quer o mapa quer a descrição que o acompanha, são um tanto problemáticos. No que respeita a esta região podemos considerar que a informação não está completa.

Relativamente ao tema em causa (turismo judaico), existem várias localizações relevantes que não foram incluídas no mapa e das quais não foram identificados os recursos existentes. Entre as mais importantes destacam-se Coimbra, Cabanas de Viriato e Figueira de Castelo Rodrigo. Pelo seu património judaico (ou pela sua relação com a história judaica, como é o caso das Cabanas de Viriato), deveriam integrar a informação oficialmente disponibilizada. Pode ser apontado como motivo para a ausência da sua referência, a falta de promoção destes produtos e o não reconhecimento da sua importância. Coimbra não está sequer incluída na Rede de Judiarias de Portugal.

Outras localizações de menor importância como Guarda, Castelo Mendo, Mêda, Seia, Fornos de Algodres, Pinhel, Celorico da Beira, Gouveia, Idanha-a-Nova, Fundão, Covilhã e Ourém, onde os recursos disponíveis são escassos, compreende-se melhor a sua exclusão. Contudo, uma análise mais fina da importância que poderão ter, justificam a sua importância em atividades ligadas ao turismo judaico.

Outro aspeto negativo da informação disponibilizada (mapa e subsequente identificação de recursos) prende-se com o facto de, mesmo nas localizações de fortes recursos, apenas se identificar o principal recurso. É o caso em Belmonte, onde apenas mencionam o museu e não mencionam a sinagoga ou o hotel, ou o caso de Trancoso, onde apenas mencionam o Museu do Bandarra e não fazem referência ao Centro de Interpretação Judaico "Isaac Cardoso".

A nossa sugestão para a melhoria da informação disponibilizada, passa pela inserção nos documentos, dos recursos em falta. Seja de localizações já identificadas, ou não.

Capítulo 6 – Estudo de caso A criação de itinerários judaicos na região centro de Portugal

Rotas turísticas

> *"Travel agents/tour operators are more interested in launching programs which include well-known destinations because those attract more customers and generate more financial profit. That may have been the case, but current trends suggest that changes are taking place"* (Ambrósio, et al., 2017, p. 72).

O nosso estudo de caso passa pelo desenvolvimento de itinerários turísticos dentro da região centro. Assim sendo, deve haver um estudo prévio sobre itinerários semelhantes já existentes, propondo-se posteriormente novas ideias ou sugestões de melhoria à oferta já disponibilizada.

O estudo efetuado foi dificultado pela escassez de informação pública sobre itinerários de turismo judaico. A solução passou pela opção por uma pesquisa teórica sobre itinerários e rotas judaicas na Europa e mais especificamente em Portugal e em Espanha, por ser o país vizinho. Nesta consulta procurou-se inspiração e sugestões para os nossos itinerários ou, no caso das rotas em Portugal e Espanha, possibilidades de interligação com o nosso projeto.

Murray e Graham (1997) depois de analisarem o exemplo do Caminho de Santiago, defenderam que a rota pode funcionar como uma definição regional, transcendendo as distâncias dos vários pontos da rota e tornando-se assim um tema fácil de marketirizar. Os autores também defendem que as rotas combinam o "consumo cultural", com pontos de venda ligados ao turismo de memória.

Segundo Murray e Graham (1997), podemos considerar que o turismo baseado em rotas pode ser classificado através de uma escala espacial, ou por outras palavras, através das distâncias entre cada uma das suas localizações e o transporte necessário para este movimento. Os autores identificam três possíveis opções nesta classificação, rotas pedestres (pedestrian walking routes), rotas "motoras" (motoring routes) e rotas aéreas ("around the world" air trips).

Consideremos por um momento os valores positivos e negativos das rotas turísticas.

Segundo Moulin e Boniface (2001), estas funcionam como mecanismos de proteção e reconhecimento do património, atuam como "motores" de desenvolvimento social, económico e cultural e, por fim, ajudam o turismo cultural a tornar-se uma atividade mais expansiva.

Russo e Romagosa (2010), no seu estudo da Rede de Judiarias Espanholas, apontam alguns dos pontos positivos e negativos das rotas turísticas. Entre os positivos referem uma mistura de desenvolvimentos culturais e económicos. As rotas ajudam a: diversificar o produto turístico (de meramente paisagens e compras, para turismo rural, turismo ativo, provas de comida e vinho, eventos, etc.); promover o turismo em regiões com menos visitas turísticas; difundir benefícios de desenvolvimento regional e nacional; aumentar o tempo de estada dos turistas; apoiar a infraestrutura e o desenvolvimento cultural nas periferias; reduzir os congestionamentos nos centros das cidades; reativar as economias rurais e aumentar os recursos disponíveis. No entanto, é de apontar que as rotas podem trazer uma estandardização ou "serial reproduction" dos produtos turísticos e da cultura, diminuindo a sua individualidade.

Terminada a breve introdução sobre rotas turísticas, desenvolveremos agora alguns exemplos de rotas judaicas, especificamente rotas europeias, rotas de Espanha e rotas de Portugal.

<u>Europa:</u>

"*The Jewish people are an integral part of European civilization, having made a unique and lasting contribution to its development through the millennia right up to today.*"

(Council of Europe, s.d.).

Esta citação, diretamente retirada do *website* oficial do Concelho Europeu, é a forma escolhida para iniciar a explicação sobre a importância e os objetivos da rota de património judaico europeu.

Segundo o Conselho Europeu, o património judaico está altamente presente na Europa, incluindo localizações arqueológicas, sinagogas históricas e cemitérios, banhos rituais (*mikveh*), quarteirões judeus, monumentos e memoriais. Encontramos ainda arquivos, bibliotecas e museus relacionados com este tópico. Dentro desta "Rota Europeia de Património Judaico" (que é apenas uma, entre 38 rotas culturais propostas), o Conselho Europeu incluí 18 países, entre eles Portugal (Council of Europe, s.d.).

Outra organização relacionada com rotas judaicas na Europa é a Associação Europeia para a Preservação e Promoção do Património Judaico (AEPJ), a qual se encontra altamente relacionada com o anteriormente referido Conselho Europeu. Esta Associação reconhece rotas dentro de

dezassete países diferentes (entre eles, Portugal), assim como três rotas temáticas judaicas que passam por diferentes países, a saber: (AEPJ - Jewish Heritage, s.d.)

- As sinagogas de madeira da europa central e de leste: a rota das sinagogas de madeira pode dividir-se em dois tipos: as sinagogas de madeira sobreviventes e as réplicas e representações de sinagogas, na forma de variadas peças artísticas. As sinagogas de madeira sobreviventes centram-se quase inteiramente em território anteriormente controlado pela Commonwealth Polaca-Lituana. Na Lituânia dez sinagogas, um único exemplo na Letónia e outro na Roménia (AEPJ - Jewish Heritage, s.d.).

A razão para a existência de um número relativamente baixo de sinagogas num território tão extenso relaciona-se com dois principais fatores: pogrons, na época medieval (particularmente durante o período de 1648/57), durante várias guerras na região e o período da Segunda Guerra Mundial, durante o qual muitas foram destruídas pelos nazis (AEPJ - Jewish Heritage, s.d.).

Quanto a réplicas e representações de sinagogas, estas variam em conceção. Podem ser fotos, peças de arte em museus ou pequenas réplicas, em localizações variadas, que vão da Polónia à França (AEPJ - Jewish Heritage, s.d.).

- Modernismo arquitetónico em sinagogas europeias: focada nas sinagogas Europeias construídas no início do século XX, esta rota realça a importância judaica nas construções europeias do século XX. Entre os estilos arquitetónicos aqui explorados salientam-se: *Art Nouveau, Art Deco* e o *Modernism*. Atualmente, as sinagogas inseridas dentro desta rota encontram-se em nove países diferentes e catorze cidades: França (Paris, Tours), Suíça (Baden, Lucerna), Reino Unido (Londres, Leeds, Sunderland), República Checa (Hradec Kralove), Holanda (Amsterdão), Hungria (Budapeste), Bélgica (Antuérpia, Oostende), Sérvia (Subotica) e Eslováquia (Trencin) (AEPJ - Jewish Heritage, s.d.).

- Mulheres no judaísmo: "*The theme of the 2014 cultural heritage day is Women in Judaism*". Criada pela AEPJ, com o objetivo de promover a contribuição das mulheres na cultura judaica bem como na cultura dos países em referência. De forma a enfatizar a contribuição destas mulheres, tentou associar-se cada localização a uma citação de cada uma destas mulheres (quando foi possível e relevante). Neste momento a rota abrange dezanove países: Roménia, Holanda, Lituânia, Portugal, Noruega, Itália, França, Alemanha, Hungria, Bélgica, Eslováquia, Reino Unido, Ucrânia, Polónia, Suécia, Turquia, Suíça, República Checa e Áustria (AEPJ - Jewish Heritage, s.d.).

Espanha:

> "*La Red de Juderías de España – Caminos de Sefarad es una Asociación constituida por municipios que cuentan, en sus conjuntos medievales, con un patrimonio histórico, artístico, medioambiental y cultural, herencia de las Comunidades judías que los habitaron.*"
>
> (Caminos de Sefarad, Red de Juderías de España, 2012).

A rede de Judiarias de Espanha fornece uma panóplia de informações pertinentes relativamente às várias cidades que incorporam a rede. Além de informações sobre cada uma das vinte e duas cidades, no website direcionado ao turismo informa também sobre vários eventos e ainda oferece outros serviços/informações: (Caminos de Sefarad, Red de Juderías de España, 2012).

- Itinerários turísticos descarregáveis - sobre cada cidade pertencente à rede e a partir dos quais um visitante pode, com facilidade, aceder às informações locais (Caminos de Sefarad, Red de Juderías de España, 2012).

- Os Diários de viagem descarregáveis - escritos por vários autores enquanto viajavam por estas localizações. Utilizando-os, o visitante pode ler relatos pessoais das experiências que estes escritores tiveram (Caminos de Sefarad, Red de Juderías de España, 2012).

- O "passaporte" descobridores de Sefarad - pode ser carimbado nas oficinas/postos de turismo. Como incentivo, após cinco carimbos oferecem um diário de viagens e após dez selos oferecem a hipótese de um "presente muito especial". Esta última sugestão remete para uma surpresa que deverá ser uma motivação para a visita dos locais. Não estando, definido previamente no website, a intenção é usar o fator surpresa para incentivar os participantes (Caminos de Sefarad, Red de Juderías de España, 2012).

- O programa RASGO - acrónimo para restaurantes, alojamentos, sinalização, guias-intérpretes e ofertas culturais. Oferece informações sobre serviços e produtos mencionados no acrónimo. Este programa ajuda a manter a qualidade destes produtos através de um Regulamento de Funcionamento, excluindo produtos e serviços que não se enquadrem na qualidade exigida (Caminos de Sefarad, Red de Juderías de España, 2012).

- O cartão Sefarad - um cartão criado com o objetivo de oferecer promoções e descontos aos titulares do cartão. Este cartão oferece: descontos nos museus titulares municipais (e outros aderentes ao programa RASGO), ofertas especiais nos estabelecimentos RASGO, subscrição à newsletter *Sefarad al Día* com informações pertinentes, participação em sorteios e promoções especiais em cada cidade (Caminos de Sefarad, Red de Juderías de España, 2012).

Portugal:

A Rede de Judiarias de Portugal (s.d.) fundada a 17 de Março de 2011, incorpora os municípios de Alenquer, Almeida, Belmonte, Bragança, Castelo Branco, Cascais, Castelo de Vide, Covilhã, Elvas, Figueira de Castelo Rodrigo, Fornos de Algodres, Freixo Espada à Cinta, Fundão, Gouveia, Guarda, Idanha - A - Nova, Lamego, Leiria, Lisboa, Manteigas, Mêda, Moimenta da Beira, Penamacor, Penedono, Pinhel, Porto, Reguengos de Monsaraz, São João da Pesqueira, Sabugal, Seia, Tomar, Torre de Moncorvo, Torres Vedras, Trancoso, Vila Nova Foz Côa e Vila Nova de Paiva.

Identificando-se como uma associação de caráter público, mas de direito privado, esta foca-se na "defesa do património urbanístico, arquitetónico, ambiental, histórico e cultural, relacionado com a herança judaica" (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.). No seu website é ainda possível visualizar uma breve descrição da histórica das comunidades judaicas de Belmonte e de Lisboa, notícias, eventos e ainda alguns vídeos promocionais (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Além desta associação, encontramos também em Portugal, criado em conjunto com a Rede de Judiarias, o projeto "Rotas de Sefarad – Valorização da Identidade Judaica Portuguesa no Diálogo Interculturas". Este projeto foi lançado em junho de 2014, tendo sido terminado a 95% da sua execução, em 2017. Com um investimento de cerca de 7 milhões de euros, destes, 4 milhões vieram da *EEA Grants*, um mecanismo Europeu financiado pela Noruega, Islândia e Liechtenstein, criado com o objetivo de "(…) reduzir as disparidades sociais e económicas na Europa (…)" (EEA Grants, s.d.; Lusa, 2017; Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Tendo detalhadamente desenvolvido a questão das rotas judaicas, procederemos à análise das entrevistas e à caracterização dos nossos itinerários.

Análise das entrevistas

Numa dissertação deste tipo, entrevistas e inquéritos associam-se à componente prática, fundamentada pela componente teórica da pesquisa efetuada. São também fundamentais para obter respostas às questões já anteriormente referidas e para as quais não foi possível obter respostas.

As entrevistas realizadas podem dividir-se em dois grupos de entrevistas semiestruturadas:

- Entrevistas Semiestruturadas - Parte 1

Este grupo de entrevistas foram as que deram início a esta parte da investigação, permitindo iniciar o estudo de caso e esclarecer alguns aspetos importantes sobre o modo como funciona o turismo judaico em Portugal.

Nestas entrevistas foram questionadas três pessoas, consideradas de grande importância por estarem diretamente relacionadas com o turismo judaico: Alípio Diogo Henriques, fundador e dono do Belmonte Sinai Hotel, um dos poucos hotéis judaicos em Portugal; Isaac Assor, CEO da agência de viagens Alegretur e Silvia Prata, guia-intérprete (Anexo III, - 1.; 2.; 3.).

A entrevista de Alípio Diogo Henriques permitiu-nos compreender como funciona um estabelecimento adequado para receber turistas judaicos, havendo especificidades que vão da necessidade de toda a comida ser preparada dentro das leis *kosher*, até ao cuidado necessário ao acolhimento de turistas ortodoxos, sendo obrigatório preparar o hotel para que estes não tenham contacto com nada elétrico, durante o *Shabbat*. Esta entrevista foi esclarecedora no que respeita às diferenças a ter em conta quando se trata de turismo adequado a judeus seculares ou adequado a judeus ortodoxos. Enquanto os seculares praticam o turismo mais ou menos da mesma forma que os turistas não judaicos, os judeus ortodoxos vêm à procura do contacto com outras comunidades judaicas. Esta entrevista teve também a mais valia e a utilidade de perceber a perspetiva de um cripto-judeu português, sobre o turismo judaico em Portugal. Alípio Henriques mencionou também o desaparecimento, com a pandemia, deste tipo de turistas. Contudo, verificou-se a sua substituição por turistas nacionais (Anexo III, - 1.).

A segunda entrevista realizada, foi dirigida a Isaac Assor, figura já referida por ter sido preponderante a sua influência na realização desta dissertação. Durante a entrevista, o entrevistado reforçou a sua opinião (já verbalizada na palestra anteriormente referida) de que o turismo judaico em Portugal não é religioso, mas sim de memória. Reforçando que a vinda dos turistas para Portugal é motivada para o conhecimento sobre os seus antepassados e para o conhecimento das suas origens (ponto fulcral nesta dissertação) (Anexo III, - 2).

A entrevista com Sílvia Prata permitiu-nos ter a perspetiva de uma guia-intérprete a operar em Portugal e a trabalhar com tours desta tipologia, mais especificamente com clientes judeus. Segundo a entrevistada, há que ter em conta aspetos específicos na organização da tour. Há que ter em atenção, por exemplo, se for dirigida a judeus ortodoxos (por exemplo, ter em conta que a mulher não pode ser tocada por nenhum dos elementos masculinos da tour) ou a judeus seculares (que, apesar de judeus, tinham curiosidade em provar pratos com carne de porco). Foi uma entrevista interessante,

onde foi possível descobrir informações inesperadas sobre estes turistas. Por exemplo, os turistas judaicos geralmente não gostam de fado (Anexo III, - 3).

Em suma e no geral, estas três entrevistas permitiram descobrir que: os turistas judaicos que visitam Portugal dificilmente visitam apenas uma localização, particularmente quando falamos das pequenas localizações da Região Centro; há grandes diferenças no que respeita aos dois grupos de turistas judaicos e que os turistas judaicos nunca consomem unicamente produtos de cariz judaico (Anexo III, - 1.; 2.; 3.).

Estas entrevistas permitiram esclarecer alguns conceitos da dissertação e contribuíram para o desenvolvimento dos roteiros por nós sugeridos.

- Entrevistas Semiestruturadas – Parte 2

Estas entrevistas foram realizadas no decorrer do estudo de caso, com o objetivo de conhecer especificidades de cada uma das localizações da região centro. Foram entrevistados representantes locais das localizações e que se encontravam de alguma forma ligados ao turismo judaico ou pelo menos ao turismo local (Anexo IV).

A parte 2 das entrevistas semiestruturadas, lamentavelmente cedo, mostraram ser problemáticas. Enquanto que em algumas localizações foi possível entrevistar pessoas com conhecimentos e disponibilidade para serem entrevistadas (tais como Bárbara Saraiva, Manuela Carvalho, André Oliveirinha, etc.), noutras os entrevistados estavam pouco familiarizados com o tema (Fernando Paquim, Manuel Manata, etc.) (Anexo IV, - 1; 2; 3; 6; 8). Por outras palavras, a recolha de informações através destes entrevistados foi reduzida, consequência da falta de conhecimentos sobre o tema por parte de alguns e pela inexistência de pessoas especializadas.

Dificultando a recolha de informações, raramente é possível saber se os visitantes são de facto judeus. Em Portugal raramente se fazem perguntas relativamente à religião. Assim, é relativamente fácil obter dados sobre o número de turistas, mas é difícil saber com correção, quantos são os turistas judaicos que visitam as localizações estudadas (Anexo IV).

Contudo, com as entrevistas foi possível descobrir que, com algumas exceções, o turismo judaico não é um produto de grande importância na maior parte destas localizações. São, contudo, exceções, Trancoso, Belmonte e Vilar Formoso. De facto, parece haver pouco interesse por parte das localizações em desenvolver este tipo de turismo (excetuando-se as referidas), quer a nível governamental, quer a nível dos negócios locais. Constata-se que nenhuma localização está de facto focada no turismo judaico, não investindo em habitação adequada a estes turistas. Constitui talvez exceção, Belmonte (Anexo III e IV).

Originalmente, além da realização de entrevistas, existia também a intenção de desenvolver um questionário direcionado aos turistas judaicos em Portugal, recorrendo-se ao hotel em Belmonte e ao museu em Vilar Formoso. Este questionário infelizmente não foi possível de concretizar. Os turistas em causa já existiriam em pequeno número em época turística normal e, com a chegada da pandemia Covid-19, praticamente desapareceram (Anexo III e IV).

Salienta-se que, embora a recolha de informações relativa a algumas localizações tenha ficado aquém do inicialmente pretendido, pudemos descobrir as localizações que de facto valem muito a pena visitar e as que estão mais dispostas a desenvolver e a adaptar-se para cativar este tipo de turismo.

A região e os turistas

Na proposta de uma rota de turismo judaico da região centro do país, há que definir os locais de maior importância ou os que poderão constituir maior motivo de interesse ao visitante com motivação e/ou curiosidade pela história judaica nacional. Assim, serão de incluir nesta proposta as localizações que atualmente são incluídas nas designadas "Rotas de Sefarad", projeto definido em protocolo de 2014 e que visa a valorização da identidade judaica portuguesa, bem como a preservação e valorização do património judaico numa vertente intercultural. Contudo, numa observação da distribuição geográfica dos locais incluídos neste projeto, na região centro, considera-se pertinente a inclusão de Coimbra, Cabanas de Viriato, Trancoso, o Município de Almeida, Sabugal, Belmonte, Castelo Branco e Leiria. Quer pela sua localização geográfica suscetível de complementar a rota proposta, quer pelo interesse que pode suscitar no que se relaciona com a temática judaica.

Tendo-se procedido à pesquisa exaustiva, seguida da inventariação do património e do valor turístico da temática judaica na região centro, deparamo-nos com algumas dificuldades na proposta de criação de um itinerário que inclua estas localizações.

Há que ter em conta que boa parte dos turistas que poderiam seguir este itinerário seriam de origem judaica, em busca das suas raízes (turismo de memória), estes poderiam estar apenas interessados em visitar localizações com as quais têm uma relação genealógica. Esta questão é ainda exacerbada pelo facto de que, algumas localizações, existe pouco património judaico visível e, como tal, turistas com interesse em visitar estes lugares, poderão ficar desapontados durante a visita.

A criação de um itinerário de turismo judaico requer também a inclusão de outros tipos de produtos e recursos turísticos. Como referimos anteriormente, sozinhos estes são insuficientes para satisfazerem os turistas. Não nos referimos apenas a recursos relacionados com a alimentação e hospedagem, mas também a outros tipos de produtos de entretenimento. Numa entrevista a Silvia Prata, guia-intérprete que antes do covid-19 fez vários tours judaicos em Portugal, esta mencionou que não existem recursos turísticos judaicos suficientes, para se poder fazer um itinerário unicamente sobre estes. Embora estes sejam fundamentais, é necessário, durante o acompanhamento a estes clientes, incluir outros produtos. Um turista judaico que visite Portugal irá querer consumir outros produtos turísticos, tal como o faz qualquer outro turista. Esta profissional do turismo referiu a importância da gastronomia, dos vinhos, da cultura e da história, entre outros. Estranhamente, segundo Silvia Prata, os turistas israelitas (a nacionalidade de uma "fatia" considerável destes visitantes), tendem a não apreciar o fado português e as agências de viagens israelitas não incluem esta proposta cultural nos seus programas.

Outro problema por nós detetado, relaciona-se com o facto de grande parte dos lugares de interesse a visitar se encontrarem no interior do país, perto da fronteira de Espanha. Sendo de mais difícil acesso pela interioridade, são também distantes dos principais aeroportos do país, dificultando a integração na visita com um só itinerário, de localizações mais longínquas (ex: Coimbra, Leiria, Ourém, etc). Pensamos que a melhor maneira de se conseguir aumentar as possibilidades de visita, passaria pela partida de uma localização como Lisboa, seguida de transporte para as localizações definidas.

Por último, um dos problemas mais óbvios relaciona-se com a falta de alojamento e alimentação *kosher* em Portugal. Felizmente, em algumas situações este problema não se coloca uma vez que nem todos os judeus seguem uma alimentação 100% *kosher* (mais sobre esta diferenciação nos parágrafos seguintes).

Há que ter em atenção que estes turistas podem ser divididos em dois principais grupos:

- Os judeus seculares (ou liberais). Os judeus seculares constituem a maior parte destes visitantes e têm poucas diferenças relativamente aos outros tipos de turistas que visitam Portugal. Muitos até podem não ficar desagradados por consumir alimentos que não sejam *kosher* ou por não celebrarem o *Shabbat*. No entanto, mesmo aqueles que são menos religiosos e não seguem uma alimentação 100% *kosher*, podem recusar consumir carne de porco. Felizmente, graças à nossa ampla oferta gastronómica, tal não constituirá problema. (Anexo III)

- Os judeus ortodoxos. Os ortodoxos são turistas que necessitam de ser hospedados num local a partir do qual se possam dirigir a pé, ao Sábado (*Shabbat*), a uma sinagoga. Há que ter em conta que no local onde se encontram hospedados, não podem utilizar qualquer tipo de tecnologia eletrónica, neste dia em particular (inclusive, não podem usar as portas elétricas, que são tão comuns na hospedagem). É necessário que o alojamento/hotel esteja pronto para este tipo de situações. Estes turistas só podem comer alimentos especialmente preparados para eles, segundo as leis religiosas que seguem. Desde não poderem comer porco e alguns tipos de peixe (só comem peixe de escama e de alto mar), toda a carne tem de ser "sangrada" por um rabino. (Anexos III)

  Outro aspeto a ter em conta com estes turistas, é a questão de que para estes, o interesse no turismo é particularmente virado para questões relacionadas com a sua fé e cultura. Têm interesse em visitar sinagogas e em conviver com as comunidades judaicas locais.

  Por último, um itinerário para este grupo particular, existindo poucas opções de alojamento e alimentação *kosher*, em Portugal, Silvia Pratas especifica que, em consequência destas limitações, estes turistas se encarregam de lidar com a limitação. Segundo esta guia, numa situação que experienciou, veio uma carrinha desde a Polónia até Portugal, com alimentos e um rabi para preparar as refeições do grupo com que trabalhou. (Anexo III, - 3.)

Exacerbando os problemas já referidos sobre o estudo de caso, adicionam-se dois ligados á componente prática. Em primeiro lugar, embora a primeira parte das entrevistas tenham sido esclarecedoras, a segunda parte das entrevistas (as que seriam usadas para esclarecer aspetos sobre as localizações dos itinerários), foram mais limitadas pelos escassos conhecimentos de alguns dos entrevistados e pela impossibilidade de entrevistar outros. Em segundo lugar, foi impossível realizar o inquérito, uma vez que os inquiridos são parte de um micro produto que deixou de existir, ou praticamente desapareceu, durante o período do Covid-19. (Anexo III e IV)

No capítulo seguinte, iremos propor um exemplo de um itinerário que possa ser usado por ambos os grupos. A proposta indicada é apenas uma possibilidade que deve ser usada como exemplo, podendo ser modificado de acordo com os interesses específicos de cada grupo.

Itinerários

"Itinerary – detailed plan of a journey usually setting out dates, times and places"

(The European Norm EN13809, 2003, citado por Ambrósio, et al., 2017, p. 73)

Para otimizar a criação de um itinerário(s) judaico na região centro, decidimos elaborar um pequeno mapa (Figura 5.). O mapa apresentado tem assinaladas as localizações de interesse para o turismo judaico na região centro. Utilizando números identificaram-se as localizações de maior interesse e as que se consideraram mais fáceis de incluir num só itinerário. Identificadas com letras estão as localizações de menor interesse e/ou mais difíceis de incluir no itinerário proposto, podendo, no entanto, ser incluídas, se houver interesse por parte do grupo de visitantes.

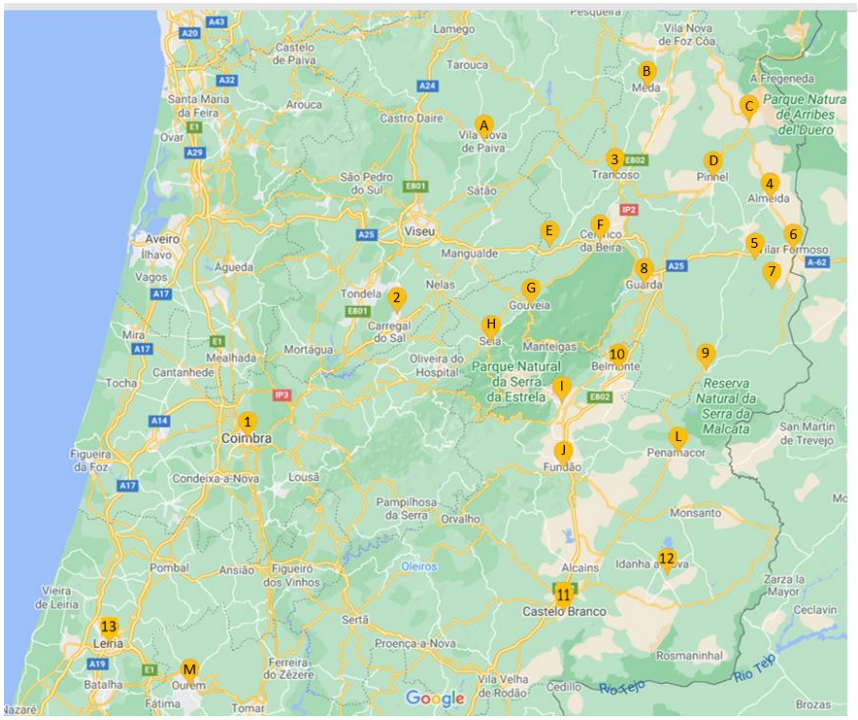


Figura 5 – Mapa da região centro com as localizações de património judaico (elaboração própria); Fonte: (Google Maps, 2021)

1- Coimbra

2- Cabanas de Viriato

3- Trancoso

4- Almeida

5- Castelo Mendo

6- Vilar Formoso

7- Malhada Sorda

8- Guarda

9- Sabugal

10- Belmonte

11- Castelo Branco

12- Idanha a Nova

13- Leiria

A- Vila Nova de Paiva

B- Mêda

C- Figueira de Castelo Rodrigo

D- Pinhel

E- Fornos de Algodres

F- Celorico da Beira

G- Gouveia

H- Seia

I- Covilhã

J- Fundão

L- Penamacor

M- Ourém

Embora tivesse logo no início surgido a ideia de propor nesta dissertação o desenvolvimento de dois itinerários judaicos na região centro, um para judeus seculares (e turistas interessados no tema) (itinerário A) e outro para judeus ortodoxos (itinerário B), rapidamente chegámos à conclusão que é extremamente difícil desenvolver a segunda opção.

As limitações já anteriormente referidas e que são muito específicas do segundo grupo, dificultam a implementação do que chamámos itinerário B. Considera-se que a região centro não se encontra atualmente preparada para receber grupos de judeus ortodoxos em itinerários com tempo prolongado, como se pode fazer com outros grupos. O itinerário para os judeus ortodoxos será mais curto, de apenas 4 a 5 dias.

Embora o itinerário se desenvolva na região centro, temos que assumir que os turistas terão de entrar em Portugal por algum dos nossos aeroportos. Para simplificação, assumimos que a entrada possa ocorrer em Lisboa, identificando como dia 0, o dia da chegada, referindo-o no programa usado para ambos os itinerários.

Em ambos os itinerários iremos incluir opções para alojamento e restauração. No caso do itinerário dos judeus ortodoxos, incluímos apenas aqueles prontos para os receberem. No caso do itinerário para judeus seculares o alojamento e os restaurantes, provêm de uma mistura de sugestões das autarquias, opiniões próprias e ranking online. O transporte entre localizações será através de um autocarro, ou, no caso de ser um grupo de pequena dimensão, uma carrinha. Em ambos os casos, estará presente um guia-intérprete.

0º dia– Lisboa (Identificado como dia 0, por se encontrar fora da região centro e por ser o dia de início de ambas as opções de itinerário).

Sendo o maior aeroporto do país, é provável que muitos dos turistas que sigam este itinerário iniciem o seu percurso nesta cidade. Como o aeroporto de Lisboa não se encontra dentro da região, identifica-se o dia de chegada como o dia 0.

11:00 – Chegada a Portugal: supondo que estes turistas chegam a Lisboa de uma viagem de avião longa e cansativa, (cerca de 5 horas de Telavive e mais de 6 de Boston ou Nova York), há que cumprir as formalidades de desembarque, ir buscar as malas e dirigir-se à saída do Aeroporto.

O primeiro passo para estes turistas será dirigirem-se ao seu hotel, partindo do aeroporto em autocarro próprio do grupo.

12:00 – Check in: existem vários hotéis que os turistas em questão podem utilizar. Se optarem por algo mais adequado às suas especificidades religiosas/culturais sugerimos as seguintes:

- Holiday Inn Express Lisbon - Av. Liberdade (3 estrelas)
- Hotel Sofitel Lisbon Liberdade (5 estrelas)
- Kosher Bed & Breakfast in Lisbon (1 estrela)

(Totally Jewish Travel, s.d.)

13:00 a 13:30 – Almoço: feito o *check in* no hotel, estes turistas devem ter necessidade de almoçar. Lisboa tem uma grande oferta gastronómica, no entanto, caso queiram consumir comida *kasher*, existem também algumas opções:

- O restaurante: Taim li Israeli Kosher Food
- As refeições de takeaway e entregas: Mrs. Assor
- E os produtos pré-embalados: Portuel, El Corte Ingles e KosherIN Portugal

(Comunidade Israelita de Lisboa, s.d./Totally Jewish Travel, s.d./Cerqueira, 2020)

13:30 a 17:30 – Tour em Lisboa: o guia fará um tour por Lisboa, haverá algum foco na história judaica de Lisboa com referência às antigas judiarias e ao memorial de 1506. O tour será referente à história de Lisboa no geral, com especificidades relacionadas com a cultura judaica.

17:30 a 18:30 – Visita ao Castelo de São Jorge.

18:30 a 19:00 – Deslocação até ao Museu Calouste Gulbenkian.

19:00 a 20:00 – Visita ao Museu Calouste Gulbenkian.

20:00 – Jantar: jantar num dos restaurantes de Lisboa (sugere-se um dos já referidos), ou no alojamento escolhido pelos turistas.

Sendo o dia de chegada, um dia preenchido, propomos que, depois de jantar, seja dado a liberdade aos turistas para fazerem aquilo que entenderem livremente fazer, ou, se preferirem, poderem ficar a descansar.

- Itinerário A – Itinerário para judeus seculares e interessados em história e cultura judaica:

Importante: por os turistas judaicos seculares não terem as limitações dos turistas ortodoxos, as sugestões de alojamento e restauração são de opinião própria, por recomendações online e por sugestões recolhidas durante as entrevistas.

1º dia – Coimbra

9:00 a 12:00 – Deslocação de Lisboa a Coimbra.

O primeiro dia oficialmente dentro da Região Centro, será passado em Coimbra. Além desta cidade ter um valor crescente no turismo judaico (particularmente com a recente aquisição do *mikveh*, pela câmara), é também uma cidade turística e histórica. No primeiro dia passado em Coimbra, os visitantes iniciam a sua experiência sobre a história judaica em Portugal, mas também podem conhecer um pouco da história portuguesa (assim como podem experienciar outros tipos de turismo local, à sua escolha).

12:00 – Check-in no alojamento.

Alojamento:

- Tivoli Coimbra (4 estrelas)
- Vila Galé Coimbra (4 estrelas)
- Stay Hotel Coimbra Centro (4 estrelas)
- Ibis Coimbra (2 estrelas)

(Booking, s.d.)

13:00 a 14:30 – Almoço.

Restaurantes:

- Zé Manuel dos Ossos
- Restaurante o Mimo
- Restaurante Piscinas do Mondego
- Restaurante Rio Mondego

(Tripadvisor, s.d.)

14:30 a 19:00 – Tour em Coimbra: a cidade de Coimbra detém um vasto leque de localizações de renome para visitar, tais como a Universidade (Biblioteca Joanina, Capela de São Miguel e Sala dos Capelos), a Sé Velha, a Igreja de Santa Cruz e Santa Clara-a-Nova. O *mikveh* recentemente descoberto, seria uma localização de visita importante para estes turistas, mas a cidade tem muito mais para oferecer. Em termos do património judaico, a cidade albergou duas diferentes judiarias, a fonte dos judeus e a casa onde viveu Aristides de Sousa Mendes. Recursos a ser incluídos neste tour.

20:00 – Jantar: as mesmas sugestões do Almoço.

2º dia – Cabanas de Viriato e Trancoso

9:00 a 10:00 – Deslocação de Coimbra a Cabanas de Viriato.

10:00 a 11:30 – Visita à Casa de Aristides de Sousa Mendes. Com o acompanhamento do guia, os turistas visitam o museu da Casa de Aristides de Sousa Mendes. Depois desta visita, se houver tempo, os turistas poderão ser levados a dar um passeio pela vila.

11:30 a 13:00 – Almoço.

Restaurantes:

- Quinta de Cabriz
- Casa Piano
- Restaurante Zé Pataco

(Tripadvisor, s.d.)

13:00 a 14:30 – Deslocação de Cabanas de Viriato a Trancoso.

14:30 a 17:30 – Tempo passado em Trancoso: esta cidade tem bastante para oferecer no que se relaciona com produtos ligados à fé judaica. É possível visitar duas localizações com valor judaico: a Casa do Bandarra e o Centro de Interpretação Judaico "Isaac Cardoso" e a sua sinagoga "*Beit Matim Hayim*". Pode também ser feito um tour pela cidade e conhecer a sua história.

20:00– Jantar.

Restaurantes:

- Restaurante o Museu Garrafeira
- Tasquinha do Chefe
- Restaurante São Marcos

Alojamento:

- Hotel Turismo de Trancoso (4 estrelas)
- Quinta de Trancoso

(Booking, s.d.)

3º dia – Município de Almeida e Guarda

9:00 a 10.00 – Deslocação de Trancoso a Vilar Formoso.

10:00 a 11:30 – Visita a Vilar Formoso. Com acompanhamento do guia, os turistas visitariam a vila de Vilar Formoso e a importante Fronteira da Paz, o museu dedicado a Aristides de S. Mendes e aos refugiados que por ali passaram.

11:30 a 13:00 – Almoço.

Restaurantes:

- Quinta do Prado Verde
- O Velho
- Restaurante Bar Lurdes

(Tripadvisor, s.d.)

13:00 a 16:00 – Deslocação até à Malhada Sorda e, em seguida, Castelo Mendo e tempo passado em ambos os locais. Existem poucos recursos judaicos nestas localizações, assim sendo, a visita seria curta (45 minutos, a uma hora). A deslocação entre cada localidade também é curta.

16:00 a 17:00 – Visita guiada à Praça-forte de Almeida: Como em qualquer visita ao município de Almeida, não pode faltar a visita à Praça-forte de Almeida. Embora esta não seja património judaico, é uma localização interessante e um recurso que não deve ser ignorado.

17:00 a 18:30 – Viagem até Guarda.

18:30 a 20:00 – Visita à cidade da Guarda. Os turistas serão acompanhados num tour que passaria pelas antigas judiarias da Guarda, a nova e a velha, onde se podem encontrar várias marcas cruciformes.

20:00 – Jantar.

Restaurantes:

- Simple. Guarda
- Bola de Prata
- D. Sancho

(Tripadvisor, s.d.)

Alojamento:

- Solar de Alarcão
- Quinta do Rio Noémi

(Booking, s.d.)

4º dia – Sabugal e Belmonte

9:00 a 10:00 – Deslocação da Guarda ao Sabugal.

10:00 a 12:00 – Visita à cidade do Sabugal. Incluirá uma visita à Casa da História Judaica da Raia Sabugalense, um curto tour pela zona medieval da cidade e se o tempo o permitir, uma visita ao Castelo do Sabugal.

12:00 a 13:30 – Almoço.

Restaurantes:

- Restaurante Zé Nabeiro
- Caracol Real

- Restaurante Mira Côa

(Tripadvisor, s.d.)

13:30 a 14:30 – Deslocação do Sabugal até Belmonte.

14:30 a 15:30 – Tour pela vila de Belmonte. À chegada à vila, será feito um pequeno tour pela sua zona histórica, em particular pela parte judaica da vila, passando pela sinagoga. Este tour pretende mostrar esta localização tão importante.

15:30 a 16:30 – Visita ao Museu Judaico de Belmonte.

16:30 a 17:30 – Visita ao Museu dos Descobrimentos de Belmonte.

17:30 a 18:30 – Atividades relacionadas com a comunidade judaica de Belmonte. A comunidade judaica de Belmonte organiza atividades culturais com grupos judaicos que visitam esta vila. Será importante para o grupo, a possibilidade de realizar algum tipo de atividade com a comunidade local. No caso de não ser possível realizar esta atividade, existe sempre a possibilidade de visitar outros produtos turísticos nomeadamente, o Museu do Azeite, o Museu do Queijo, o Ecomuseu do Zêzere ou o castelo de Belmonte. É também possível fazer uma combinação destas opções, realizando a visita a uma destas localizações, após a atividade com a comunidade judaica local.

18:30 – Jantar e hospedagem no Hotel Judaico Belmonte Sinai. Um dos poucos hotéis em Portugal construído especificamente para receber turistas judaicos. Os turistas poderão experienciar uma alimentação *kosher* "à moda portuguesa", num hotel pensado para os receber.

Restaurantes (com alternativas, no caso de não quererem tomar a refeição no hotel):

- Restaurante da Pousada Convento de Belmonte
- Casa do Castelo
- O Belmonte Sinai Hotel, oferece refeições que além de boa qualidade, são kosher

(Tripadvisor, s.d.)

Alojamento (com alternativas, no caso de não quererem alojar-se no hotel):

- Pousada de Belmonte
- Casa da Fonte Grande
- Recomendamos particularmente o alojamento do Belmonte Sinai Hotel

(Booking, s.d.)

5º dia – Monsanto, Idanha a Nova e Castelo Branco

9:00 a 10:30 – Deslocação de Belmonte a Monsanto.

10:30 a 12:00 – Visita às aldeias históricas de Monsanto, Penha Garcia e/ou Monfortinho.

12:00 a 12:30 – Deslocação até Idanha-a-Nova.

13:00 a 14:30 – Almoço.

Restaurantes:

- Helana
- Restaurante Nossa Senhora do Almortão
- Casa da Velha Fonte na Casa da Amoreira

(Tripadvisor, s.d.)

14:30 a 16:00 – Tour por Idanha-a-Nova. Tour pela vila. Com pouco património judaico de renome, haverá um maior foco na história da vila e nos seus outros recursos, tais como: o Centro Cultural Raiano e o Castelo de Idanha-a-Nova, ou um dos seus vários achados arqueológicos.

16:30 a 17:00 – Deslocação até Castelo Branco.

17:00 a 18:30 – Tour por Castelo Branco. O tour em Castelo Branco incluirá não só a cidade, mas também a Casa da Memória Judaica e dos Cristãos-Novos e, se possível, o castelo de Castelo Branco (conhecido localmente como o Castelo dos Templários) ou o Jardim do Paço Episcopal.

19:30 – Jantar

Restaurantes:

- Palitão
- Churrasqueira da Quinta
- Restaurante o Jardim

Alojamento:

- Meliá Castelo Branco (4 estrelas)
- Hotel Império do Rei (2 estrelas)
- Casa de Perais

(Booking, s.d.)

6º dia – Leiria

9:00 a 10:30 – Deslocação de Castelo Branco a Leiria.

10:30 a 12:00 – Tour por Leiria. Último tour deste itinerário. Os turistas poderão ver a cidade de Leiria e o Centro de Diálogo Intercultural e Sinagoga.

12:00 a 13:30 – Almoço.

Restaurantes:

- Restaurante Montecarlo Salvador
- Restaurante Casa da Nora

(Tripadvisor, s.d.)

13:00 a 15:00 – Deslocação de Leiria até Lisboa.

Com o regresso a Lisboa, damos por terminado o itinerário.

- Itinerário B – Itinerário para judeus ortodoxos:

Em consequência da falta de localizações onde existam certezas quanto à adequação de alojamento e refeições, esta proposta de itinerário terá sempre como acomodação e localização para os jantares e pequenos almoços, o Belmonte Sinai Hotel, garantindo-se os parâmetros exigidos por estes turistas.

1º dia – Belmonte

9:00 a 13:00 – Deslocação de Lisboa a Belmonte.

13:00 a 14:30 – Almoço no hotel.

14:00 a 15:00 – Tour pela vila de Belmonte. Com a chegada à vila, será feito um pequeno tour pela sua zona histórica, em particular pela parte judaica da vila, passando pela sinagoga. Este tour pretende mostrar esta localização tão importante.

15:00 a 16:00 – Visita ao Museu Judaico de Belmonte.

16:00 a 17:00 – Visita ao Museu dos Descobrimentos de Belmonte.

18:00 a 20:00 – Atividades relacionadas com a comunidade judaica de Belmonte. A comunidade judaica de Belmonte organiza atividades culturais com grupos judaicos que visitam esta vila. Será importante para o grupo a possibilidade de realizar algum tipo de atividade com a comunidade local. No caso de não ser possível realizar esta atividade, existe sempre a possibilidade de visitar outros produtos turísticos nomeadamente, o Museu do Azeite, o Museu do Queijo, o Ecomuseu do Zêzere ou o castelo de Belmonte. É também possível fazer uma combinação destas opções, realizando a visita a uma destas localizações, após a atividade com a comunidade judaica local.

20:00 – Jantar

2º dia – Guarda e Trancoso

9:00 a 10:00 – Deslocação de Belmonte à Guarda.

11:00 a 12:30 – Visita à cidade da Guarda. Os turistas serão acompanhados num tour que passará pelas antigas judiarias da Guarda, a nova e a velha, onde se podem encontrar várias marcas cruciformes.

12:30 a 14:00 – Almoço – Trazido do hotel.

14:00 a 15:30 – Deslocação da Guarda a Trancoso

15:00 a 19:00 – Tendo Trancoso bastante para visitar de cariz judaico, sugerimos um tour pela cidade incluindo a Casa do Bandarra, o Centro de Interpretação Judaico e a Sinagoga.

19:00 a 20:00 – Retorno a Belmonte.

20.00 – Jantar

3º dia – Município de Almeida e Sabugal

9:00 a 10:30 – Deslocação de Belmonte a Vilar Formoso.

10:30 a 12:00 – Visita a Vilar Formoso. Com acompanhamento do guia, os turistas visitariam a vila de Vilar Formoso e importante Fronteira da Paz, o museu dedicado a Aristides de S. Mendes e aos refugiados que por aqui passaram.

12:00 a 13:30 – Almoço – Trazido do hotel.

13:30 a 16:00 – Visita à Malhada Sorda e a Castelo Mendo.

16:00 a 18:00 – Visita à cidade do Sabugal. Visita à Casa da História Judaica da Raia Sabugalense, um curto tour pela zona medieval da cidade e se o tempo o permitir, uma visita ao Castelo do Sabugal.

19:00 a 20:00 – Retorno a Belmonte.

20:00 – Jantar

4º dia – Monsanto, Idanha a Nova e Castelo Branco

9:00 a 10:00 – Deslocação de Belmonte a Monsanto.

10:00 a 11:30 – Visita às aldeias históricas de Monsanto, Penha Garcia e/ou Monfortinho.

11:30 a 13:00 – Almoço – Trazido do hotel.

13:00 a 13:30 – Deslocação a Idanha a Nova.

13:30 a 15:30 – Tour por Idanha a Nova: Depois da chegada a esta localidade, ocorrerá um tour pela vila. Com pouco património judaico de renome, haverá um maior foco na história da vila e dos seus outros recursos, tais como: o Centro Cultural Raiano e o Castelo de Idanha a Nova, ou um dos seus vários achados arqueológicos.

15:30 a 16:30 – Deslocação a Castelo Branco.

16:30 a 18:30 – Tour por Castelo Branco: o tour em Castelo Branco incorporará não só a cidade, mas também a Casa da Memória Judaica e dos Cristãos-Novos e, se possível, o castelo de Castelo Branco (conhecido localmente como o Castelo dos Templários).

18:30 a 20:00 – Deslocação a Belmonte.

20:00 – Jantar

5º dia – Dia de descanso em Belmonte, por motivos religiosos. (dia opcional)

O dia que consideramos opcional pode ser qualquer dia que corresponda a um sábado. Os grupos ortodoxos estão limitados no que podem fazer aos sábados, sendo assim, previmos que o último dia

deste itinerário seja passado calmamente em Belmonte, havendo a possibilidade destes turistas poderem ir a pé, até à sinagoga, onde, junto com a comunidade judaica local, podem prestar culto.

Capítulo 7 – Conclusão

No capítulo final desta dissertação, pretendemos expor as conclusões a que chegámos na exploração deste tema. Com esse fim, recorreu-se a uma análise SWOT.

Forças - Os locais de interesse mais importantes são já procurados por turistas com interesse no tema. - Turistas com diferentes interesses já procuram alguns locais. - Nos locais, o produto turístico é diversificado/vai muito para além da temática judaica. - Os locais com entradas pagas têm baixo custo. - Locais com entrada gratuita, visitas guiadas e percursos gratuitos (opção dos municípios). **Respostas** - Não requerem respostas.	**Oportunidades** - Aumentar o nº de dormidas em cidades e vilas de interior. - A permanência de 1 dia em Coimbra e Leiria promoverá outras vertentes turísticas da cidade, dinamiza o comércio local e cria emprego. **Respostas** - Criação de um banco de recursos humanos locais (guias habilitados) – fonte de emprego e oferta de qualidade.
Fraquezas - Horário restrito de abertura de alguns locais (restrito a alguns dias da semana). Ex: Centro de Memória Judaica em Vila Cova à Coelheira. - Alguns locais estão sujeitos a marcação prévia para haver possibilidade de visita. Ex: o *Mikveh* em Coimbra e o Centro de Interpretação em Trancoso. - No itinerário definido, apenas em Belmonte existe alojamento com alimentação *kosher* e próprio para albergar turistas ortodoxos. - Percurso longo.	**Ameaças** - O *Hejal* de Castelo Mendo encontra-se em espaço particular, correndo risco de destruição. - Neste momento é ainda difícil dizer o impacto que o covid-19 teve neste tipo de turismo e suas ramificações. **Respostas** - Pelo seu valor, o *Hejal* de Castelo Mendo deveria ser preservado, requalificando-se o espaço, que deveria ser património da autarquia.

- Concelhos (como Trancoso) oferecem percursos, mas nenhum especificamente sobre o tema. - Nem todos os locais oferecem guias qualificados (ex: Vila Cova à Coelheira). **Respostas** - Possibilidades da alimentação *kosher* poder ocorrer em espaços privados, em algumas destas localizações.	

O estudo por nós desenvolvido tinha como objetivo responder às duas perguntas de partida. Pretendia-se identificar se o turismo judaico podia ser um produto de grande valor (mais especificamente um produto âncora) na região centro e se seria possível criar um itinerário desta temática dentro desta mesma região. No fim da realização deste trabalho podemos propor respostas às nossas questões de partida.

Com a primeira pergunta pretendíamos investigar se haveria possibilidade de o turismo judaico ser um produto âncora na região centro. Pelo trabalho efetuado e pelos dados obtidos, considerámos que a resposta deverá ser negativa. Verificou-se que na região centro o turismo judaico é, efetivamente, um micro produto (ainda que em rápido crescimento em período pré-pandémico), condicionado pela falta de vestígios judaicos (para além de dispersos) e pela existência em localizações isoladas, de alguns dos recursos com mais interesse. Contudo, verificou-se que, em algumas localizações da região centro, nomeadamente algumas de pequena dimensão como Belmonte, Trancoso e Vilar Formoso, constitui um importante produto (às vezes até mesmo um produto âncora). Esta será uma perspetiva importante a considerar quer na atualidade quer no futuro, no que respeita ao turismo judaico na região centro.

Tomando como exemplo o caso de Belmonte, na atualidade este turismo constitui um produto âncora. A existência de um dos poucos hotéis judaicos de Portugal (onde, segundo o diretor do hotel, antes do covid-19 quase todos os hóspedes eram judeus) e a existência de uma forte comunidade judaica, justificam a designação. O valor deste turismo é reconhecido pela autarquia, que o apresenta no seu website de forma proeminente.

A segunda pergunta a que se pretendia responder era se seria possível desenvolver um itinerário judaico na região centro. Verificámos que a resposta será positiva. Na realidade já existem algumas opções em Portugal. O maior problema associa-se à existência de dois tipos de turistas, os seculares e os ortodoxos, que podem ter interesse em usufruir deste tipo de itinerário. Optámos por dividir este itinerário em dois, adequando-o às caraterísticas dos dois grupos.

Entre os problemas encontrados no presente estudo de caso encontrámos: o horário restrito de algumas das localizações, para alguns é necessária marcação; a falta de preservação de algum património (por exemplo, o *Hejal* de Castelo Mendo), a falta de alimentação e alojamento *kosher* para os turistas mais devotos, um percurso longo e a falta de percursos locais, relativos ao tema.

Por outras palavras, embora o turismo judaico dificilmente se torne um produto âncora na região centro, este tem valor como fator de desenvolvimento de algumas pequenas localizações na região centro, tendo também interesse como tema de itinerário.

A presente dissertação passou por algumas limitações de tempo e de recursos, recomendando-se que no futuro sejam feitas novas pesquisas.

Embora o primeiro grupo de entrevistas semiestruturadas tenham sido altamente esclarecedoras, o segundo grupo não o foi completamente. Vários dos entrevistados revelaram escassez de informação e outros, simplesmente não aceitaram participar numa entrevista ou não se disponibilizaram para contacto. Dependendo de terceiros, para algumas das localizações, a informação não foi fácil de conseguir.

Constituiu uma grande limitação desta dissertação a impossibilidade de realização de inquéritos, previstos para aplicação a turistas judaicos. Sendo em número reduzido, quase desapareceram com a pandemia do Covid-19 (esperemos que temporariamente), como referiu Alípio Diogo Henriques, dono do Belmonte Sinai Hotel, onde grande parte dos hóspedes passaram a ser nacionais.

Por último, sugerimos que no futuro sejam feitas novas pesquisas que desenvolvam pontos que não nos foi possível desenvolver ou que podem no futuro, ser mais relevantes. Entre estes assinalamos: um aumento da área de estudo, incluindo localizações fora da área a azul no mapa da figura 4, nomeadamente Tomar e Castelo de Vide (pelo elevado valor relacionado com o tema e pela proximidade às localizações referidas neste trabalho); uma investigação relativamente à falta de referências ao património judaico de Aveiro; uma reanálise das localizações que estudámos poderão revelar possíveis futuras descobertas de património judaico; investigação das propostas de itinerários aqui desenvolvidas, verificando em que medida serão economicamente viáveis.

Em suma, concluímos que embora existam produtos de turismo judaico na região centro, estes são de valor demasiado baixo para serem um produto âncora, constituindo, no entanto, importante valor local.

Bibliografia

Aeje (s.d.). *Bandarra – O Profeta Sapateiro*. Disponível em: http://ww3.aeje.pt/avcultur/secjeste/recortes/Historia/Bandarra1.htm [obtido a 12/11/2020]

AEPJ - Jewish Heritage (s.d.). *European Routes of Jewish Heritage* Disponível em: https://www.jewisheritage.org/european-routes

Agenda UC – Eventos na Cidade de Coimbra (2018). *Banhos judaicos de purificação I Proposta de descodificação do mikveh da judiaria velha de Coimbra.* Disponível em: https://agenda.uc.pt/eventos/banhos-judaicos-de-purificacao-i-proposta-de-descodificacao-do-mikveh-da-judiaria-velha-de-coimbra/

Aldeias Históricas de Portugal (s.d.). *Hospital da Misericórdia Castelo Mendo*. Disponível em: https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/hospital-da-misericordia/

Albayraka, T.; Hersteinb, R.; Cabera, M.; Drorib, N.; Bidecia, M. & Berger, R. (2018). Exploring religious tourist experiences in Jerusalem: The intersection of Abrahamic religions. *Tourism Management*, 69, pp. 285-296. Disponível em: http://shura.shu.ac.uk/21726/

All about Portugal (s.d.). *Casa do Judeu.* Disponível em: https://www.allaboutportugal.pt/pt/celorico-da-beira/monumentos/casa-do-judeu [obtido a 12/11/2020]

Ambrósio, V.; Krogmann, A. & Fernandes, C. (2017). Marian Midsiz Marian Midsize Shrines: three itineraries between Portugal and Slovakia. *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage*, 5(3), pp. 72-82. DOI: 10.21427/D78M5S

Assor, I. (2019). O perfil do turista judaico. *Formação caminhos de Fé.* Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra

Autor do texto (2009). Judeus portugueses de A a Z. *Público*, 10 de maio. Disponível em: https://www.publico.pt/2009/05/10/jornal/judeus-portugueses--de-a-a-z-305921

Barroca, M. (2001). Estudos em homenagem a João Francisco Marques. In: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. *O Aron de Castelo Mendo: um novo testemunho sefardita na Beira Interior.* Porto: Universidade do Porto, pp. 183-198. Disponível em: http://hdl.handle.net/10216/7934

Basu, P. (2004). Route Metaphors of 'roots-tourism' in the Scottish Highland Diaspora. In: Coleman, S. e Eade, J. (ed.) *Reframing Pilgrimage: Cultures in motion*. London/New York: Routledge, pp. 150 – 174.

Basu, P. (2005). Roots-tourism as return movement: semantics and the Scottish Diaspora. In: Harper, M. (ed.) *Emigrant Homecomings: The Return Movement of Emigrants.* Manchester: Manchester University Press, pp. 131-150.

Belmonte Câmara Municipal (s.d.). *Belmonte Sinai Hotel.* Disponível em: https://cm-belmonte.pt/diretorio/belmonte-sinai-hotel/ [obtido a 12/11/2020]

Belmonte Câmara Municipal (s.d.). *Sinagoga*. Disponível em: https://cm-belmonte.pt/diretorio/sinagoga/ [obtido a 12/11/2020]

Ben-Rafael, E. (2013). Diáspora. *Current Sociology*, 61(5-6) pp. 842-861. DOI: 10.1177/0011392113480371

Blackwell, R. (2007). Motivations for religious tourism, pilgrimage, festivals and events. In: R. Raj & N. D. Morpeth (ed.). *Religious tourism and pilgrimage festivals management: An international perspective*. Wallingford: CABI, pp. 35-47 DOI: 10.1079/9781845932251.0000

Booking (s.d.). *Encontre a sua próxima estadia - Pesquise ofertas em hotéis, casas e muito mais....* Disponível em: https://www.booking.com/index.pt.html?aid=376389;label=Hoteis-dHPE1sykMRe*x3Pll8k6awS267724756065:pl:ta:p1:p22.563.000:ac:ap:neg:fi:tiaud-1183547561267:kwd-65526620:lp1011742:li:dec:dm:ppccp=UmFuZG9tSVYkc2RlIyh9YfNeh-lbHkPZfvshG1kRNbU;ws=&gclid=CjwKCAjwk6-LBhBZEiwAOUUDp7xiROUE_Z-Qmvylta1PE_Agt4lksxK3uq6toC9wAYk4ZjLY1rxZvhoCF1oQAvD_BwE [obtido a 17/10/2021]

Brah, A. (1996). *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London/New York: Routledge.

Bremer, T. (2005). Tourism and Religion. In: L. Jones; M. Eliade; C. J. Adams (ed.). *Encyclopedia of religion*. Detroit: Macmillan Reference USA, pp. 9260-9264.

Britannica Escola (s.d.). *Talmude*. Disponível em: https://escola.britannica.com.br/artigo/Talmude/482633

Britannica (s.d.). *Judaism*. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/Judaism/Mosaic-religion

Britannica (s.d.). *Torah*. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/Torah

Britannica (s.d.). *Yom Kippur*. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/Yom-Kippur

Caminos de Sefarad, Red de Juderías de España (2012). *Descubre y disfruta la herencia sefardí de España.* Disponível em: https://redjuderias.org/

Cardoso, J. (s.d.). *Reflexões sobre a vida e obra de António José da Silva, O Judeu.* In: Marionetas do Porto. Disponível em: https://marionetasdoporto.pt/reflexoes-sobre-a-vida-e-obra-de-antonio-jose-da-silva-o-judeu/

Carvalho, G. (2017). Turismo Cultural. In: F. Silva & J. Umbelino (coord.). *Planeamento e desenvolvimento turístico*. Lisboa: Lidel, pp. 349-361.

Carvalho, S. (2021). *Lisboa Judaica*. Lisboa: Parsifal

Castelo de Vide (s.d.). *Roteiro Judaico*. Disponível em: http://www.castelodevide.pt/pt/ver-e-fazer/patrimonio/roteiro-judaico

Center of Portugal (s.d.). *Coimbra Judaica.* Disponível em: https://www.centerofportugal.com/pt/article/coimbra-judaica/

Cerqueira, M. (2020). Taim Li. Abriu em Lisboa o primeiro restaurante kosher do País. *Magg Sapo*, 26 agosto. Disponível em: https://magg.sapo.pt/comida/restaurantes/artigos/taim-li-abriu-em-lisboa-o-primeiro-restaurante-kosher-do-pais

Cheer, J.; Belhassen, Y. & Kujawa, J. (2017). The search for spirituality in tourism: Toward a conceptual framework for spiritual tourism. *Tourism Management Perspectives*, 24, pp. 252-256. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.tmp.2017.07.018

Chianeh, R.; Chiappa, G.; Ghasemi, V. (2018). Cultural and religious tourism development in Iran: Prospects and challenges. *Anatolia - An International Journal of Tourism and Hospitality Research*, 29(2), pp. 204-214. Disponível em: https://doi.org/10.1080/13032917.2017.1414439

Cipriano, R. (2021). Museu Judaico de Lisboa vai focar-se na história "luminosa" e de "convivência" do judaísmo português. *Observador*, 31 de março. Disponível em: https://observador.pt/2021/03/31/museu-judaico-de-lisboa-vai-focar-se-na-historia-luminosa-e-de-convivencia-do-judaismo-portugues/

Clifford, J. (1994). Diasporas. *Cultural Anthropology*, 9(3), pp. 302-338. Disponível em: https://doi.org/10.1525/can.1994.9.3.02a00040

Cm-Elvas (s.d.). *Casa da História Judaica*. Disponível em: https://www.cm-elvas.pt/descobrir/cultura/museus/casa-da-historia-judaica/

Cm-Leiria (2018). *Centro de Diálogo Intercultural de Leiria recebeu mais de 17 mil visitantes no primeiro ano*. Disponível em: https://www.cm-leiria.pt/municipio/gabinete-de-comunicacao/noticias/noticia-3/centro-de-dialogo-intercultural-de-leiria-recebeu-mais-de-17-mil-visitantes-no-primeiro-ano

Cm-Penamacor (s.d.). *António Nunes Ribeiro Sanches.* Disponível em: https://www.cm-penamacor.pt/o-concelho/ribeiro-sanches/antonio-nunes-ribeiro-sanches

Cm-Ponta Delgada (2020). *Investigação científica sobre o legado judaico nos Açores apresentada em Ponta Delgada entre 10 e 14 de fevereiro*. Disponível em: https://www.cm-pontadelgada.pt/pages/541?news_id=2356

Cm-Vnpaiva - Camara Municipal Vila Nova de Paiva (2019). Disponível em: http://cm-vnpaiva.pt/index.php?option=com_content&view=category&id=39 [obtido a 12/11/2020]

Cm-Vnpaiva – Camara Municipal Vila Nova de Paiva (2019). Disponível em: http://cm-vnpaiva.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1254:centro-de-memoria-judaica&catid=32:turismo [obtido a 12/11/2020]

Coelho, A. (2017). Elvas apresenta a "maior sinagoga medieval" de Portugal. *Publico*, 2 de setembro. Disponível em: https://www.publico.pt/2017/09/02/local/noticia/elvas-apresenta-a-maior-sinagoga-medieval-de-portugal-1784144

Coelho, S. (2015). Joaquim Carreira: A história do quarto português "Justo entre as Nações". *Observador*, 15 abril. Disponível em: https://observador.pt/especiais/joaquim-carreira-a-historia-do-quarto-portugues-justo-entre-as-nacoes/

Cohen, E. (1979). A phenomenology of Tourism Experience. *Sociology* 13(2), pp. 179-201.

Cohen, E. H. (2003). Tourism and Religion: A Case Study – Visiting Students in Israeli Universities. *Journal of Travel Research*, 42(1) pp. 36-47. DOI: 10.1177/0047287503254247

Coimbra.pt (2020). *CM Coimbra adquire edifício onde foi encontrada sala de banhos rituais judaicos*. Disponível em: https://www.coimbra.pt/2020/10/cm-coimbra-adquire-edificio-onde-foi-encontrada-sala-de-banhos-rituais-judaicos/

Comunidade Israelita de Lisboa (s.d.). *Actividades e Serviços Casher*. Disponível em: https://cilisboa.org/actividades-e-servi%C3%A7os/casher/

Conceito (s.d.). *Conceito de Sinagoga*. Disponível em: https://conceito.de/sinagoga

Council of Europe (2004). *European Route of Jewish Heritage*. Disponível em: https://www.coe.int/en/web/cultural-routes/the-european-route-of-jewish-heritage

Cravinho, G. (2004). O mais antigo vestígio judaico na Península Ibérica. *Cadernos de Estudos Sefardistas*, 4, pp. 233-242.

Cunha, L. (2011). Autenticidade e Inovação: factores de renovação dos destinos turísticos maduros. *Journal of Tourism Studies*, 7(28), pp. 9-28.

Decreto-Lei nº 30-A/2015 de 27 de fevereiro. *Diário da República Eletrónico,* 1ª Série – nº41. Ministério da Justiça. Disponivel em: https://dre.pt/pesquisa/-/search/66619927/details/maximized

Decreto-Lei nº 237-A/2006 de 14 de dezembro. *Diário da República Eletrónico*, 1ª Série – nº239. Disponível em: https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/view?cid=107055837

Deutsch, G. & Broydé, I. (s.d.). *Montalto, Filotheo Eliau (Elijah)* In: Jewish Encyclopedia Disponível em: https://www.jewishencyclopedia.com/articles/10956-montalto-filotheo-eliau-elijah

Dias, E. (2021) Judeus nos Açores – Minha Língua Minha Pátria. *Tribuna Portuguesa*, 29 janeiro. https://www.portuguesetribune.com/articles/judeus-nos-acores/

Direção Regional de Cultura do Centro (s.d.) *Rotas de Sefarad*. Disponível em: https://www.culturacentro.gov.pt/pt/lista-de-rotas/rotas-de-sefarad/

Dr. Lev Ari, L.; Mittelberg, D. (2008). Between Authenticity and Ethnicity: Heritage Tourism and Re-ethnifitation Among Diaspora Jewish Youth. *Journal of Heritage Tourism,* 3(2), pp. 79-103.

Duarte, B. (2018). Banhos judaicos de purificação I Proposta de descodificação do mikveh da judiaria velha de Coimbra. *Agenda UC – Eventos na Cidade de Coimbra,* 18 abril. Disponível em: https://agenda.uc.pt/eventos/banhos-judaicos-de-purificacao-i-proposta-de-descodificacao-do-mikveh-da-judiaria-velha-de-coimbra/

Ebiografia (2020). *Baruch de Espinosa*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/baruch_de_espinosa/

Educalingo (s.d.). Disponível em: https://educalingo.com/pt/dic-pt/judiaria

Educalingo (s.d.) Disponível em: https://educalingo.com/pt/dic-en/mikvah

EEA Grants (s.d.). *EEA Grants 2014-2021*. Disponível em: https://www.eeagrants.gov.pt/pt/

Estilo a oração (s.d.) *O Que Significa Rabi e Raboni?*. Disponível em: https://estiloadoracao.com/o-que-significa-rabi-e-raboni/

Europa Nostra (s.d.). *A Sinagoga Portuguesa de Amsterdão*. Disponível em: http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev52_Artigo%2002.pdf

Find Your Center of Portugal (s.d.). *Judiaria da Guarda.* Disponível em: https://www.centerofportugal.com/pt/article/judiaria-da-guarda/ [obtido a 06/12/2020]

Finney, R.; Orwig, R.; Spake, D. (2009). Lotus-Eaters, Pilgrims, Seekers, and Accidental Tourists: How different Travelers Consume the Sacred and the Profane. *Services Marketing Quarterly*, 30(2), pp. 148-173. DOI: 10.1080/15332960802619181

Gameiro, C. (2016). Ourém: Os mistérios da sinagoga que esta semana inspira o Festival judaico (c/vídeo). *Mediotejo*, 9 setembro. Disponível em: https://www.mediotejo.net/ourem-os-misterios-da-sinagoga-que-esta-semana-inspira-o-festival-judaico-cvideo/ [obtido a 12/11/2020]

Glasser, R. (1975). Life force or Tranquilizer. *Society and Leisure*, 7(3), pp. 17-26. DOI: 10.1080/13683500408667975

Gonçalves, R. (2009) Bensaúde em São Miguel: primeiros judeus nos Açores. *Diário de Notícias*, 26 abril. Disponível em: https://www.dn.pt/gente/bensaude-em-sao-miguel-primeiro-judeus-nos-acores-1212876.html

González, R. & López. L (2012) El Camino de Santiago: una aproximación a su carácter polisémico desde la geografía cultural y el turismo. *Documents d'anàlisi geográfica,* 58(3), pp. 459-479

Griffin, K. (2007). The globalization of pilgrimage tourism? Some thoughts from Ireland. In: R. Raj & Morpeth, N. (ed.). *Religious tourism and pilgrimage festivals management: An international perspective*. Wallingford: CABI, pp. 15-34

Guarda, J. (2008). Monsenhor Carreira é um herói que não podemos esquecer. *Agencia Ecclesia*, 20 setembro. Disponível em: https://agencia.ecclesia.pt/portal/monsenhor-carreira-e-um-heroi-que-nao-podemos-esquecer/ [obtido a 12/11/2020]

Guerra, A. (2018). Turismo judaico é nova estratégia de promoção de Portugal. *Diário de Notícias*, 11 fevereiro. Disponível em: https://www.dn.pt/portugal/turismo-judaico-e-nova-estrategia-de-promocao-de-portugal-9111399.html

Guerra, F. (2014). A "luz dourada" do centro de interpretação judaico de Trancoso. *Publico*, 24 janeiro. Disponível em: https://www.publico.pt/2014/01/20/p3/fotogaleria/a-luz-dourada-do-centro-de-interpretacao-judaico-de-trancoso-383930 [obtido a 12/11/2020]

Hehaver (s.d.). *Sinagoga Ohel Jacob*. Disponível em: https://hehaver-oheljacob.org/

HostelWorld (s.d.). *Meet the World*. Disponível em: https://www.hostelworld.com/ [obtido a 17/10/2021]

Hughes, K.; Bond, M.; Ballantine, R. (2013). Designing and managing interpretative experiences at religious sites: Visitors' perceptions of Canterbury Cathedral. *Tourism Management*, 36, pp. 210-220. DOI: 10.1016/j.tourman.2012.11.022

INE (2021). *Instituto Nacional de Estatística*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main

Infoescola (s.d.). *Criptojudaismo*. Disponível em: https://www.infoescola.com/religiao/criptojudaismo/

Infopedia (s.d.). *Asquenaze*. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/asquenazes

Infopedia (s.d.). *Menorah*. Disponível em: https://www.infopedia.pt/$candelabro-(mitologia)

Infopedia (s.d.). *Rabi-mor*. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rabi-mor

Intedya (s.d.). *Em que consiste a Certificação Kosher?*. Disponível em: http://www.intedya.pt/internacional/277/noticia-em-que-consiste-a-certificao-kosher.html

Ioannides, D. & Ioannides, M. (2002). Pilgrimages of Nostalgia: Patterns of Jewish Travel in the United States. *Tourism Recreation Research*, 27(2), pp. 17-25. DOI: 10.21832/9781845416461-010

Iorio, M. & Corsale, A. (2013). Diaspora and Tourism: Transylvanian Saxons visiting the Homeland. *Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment*, 15(2), pp. 198-232.

Jewish Virtual Library (s.d.). *Shabbat: What is Shabbat?* Disponível em: https://www.jewishvirtuallibrary.org/what-is-shabbat-jewish-sabbath

Kreiner, N. & Luz, N. (2017). Judaism and Tourism Over the Ages: The impacts of Technology, Geopolitics and the Changing Political Landscape. In: Butler, R. & Suntikul, W. (ed.) *Tourism and Religion: Issues, Trends, and Implications*. Channel View Publications pp. 1-31. DOI: 10.21832/9781845416461-010

Kujawa, J. (2017). Spiritual tourism as a quest. *Tourism Management Perspectives*, 24, pp. 193-200

Leite, N. (2005). Travels to an Ancestral Past: on Diasporic Tourism, Embodied Memory, and Identity. *ANTROPOlógicas*, 9, pp. 273-302.

Leite, N. (2007). Materializing Absence: Tourists, Surrogates, and the Making of 'Jewish Portugal'. *Things That Move: The Material Worlds of Tourism and Travel (Conference Proceedings)*, 13(3), pp. 1-21.

Lev Ari, L. & Mittelberg, D. (2008). Between Authenticity and Ethnicity: Heritage Tourism and Reethnification Among Diaspora Jewish Youth. *Journal of Heritage Tourism*, 3(2), pp. 79-103.

Lobo, R. (2021). Museu do Holocausto do Porto: para memória futura. *Time out*, 31 março. Disponível em: https://www.timeout.pt/porto/pt/museus/museu-do-holocausto-do-porto

Lusa (2004). Memória do cônsul herói perpetuada em Coimbra. *RTP Notícias*, 29 outubro. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/pais/memoria-do-consul-heroi-perpetuada-em-coimbra_n1766

Lusa (2012). Roteiro cultural sobre herança judaica quer potenciar turismo genealógico. *RTP Notícias*, 3 março. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/lusa/roteiro-cultural-sobre-heranca-judaica-quer-potenciar-turismo-genealogico_n532416

Lusa (2017). Rotas de Sefarad encerra com execução de 95% e investimento superior a sete ME. *Diário de Notícias*, 27 novembro. Disponível em: https://www.dn.pt/lusa/rotas-de-sefarad-encerra-com-execucao-de-95-e-investimento-superior-a-sete-me-8947479.html [obtido a 24/07/2020]

Lusa (2017). Unidades hoteleiras portuguesas encaram turismo judaico como oportunidade. *RTP notícias*, 8 fevereiro. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/economia/unidades-hoteleiras-portuguesas-encaram-turismo-judaico-como-oportunidade_n981516

Lusa (2019). Portugal regista 20 mil pedidos de nacionalidade de judeus entre 2018 e abril de 2019. *Público*, 31 maio. Disponível em: https://www.publico.pt/2019/05/31/sociedade/noticia/portugal-regista-20-mil-pedidos-nacionaldade-judeus-2018-abril-2019-1874949

Lusa (2020). Casa de Aristides de Sousa Mendes foi entregue à Câmara de Carregal do Sal. *Publico*, 24 junho. Disponível em: https://www.publico.pt/2020/06/24/culturaipsilon/noticia/casa-aristides-sousa-mendes-entregue-camara-carregal-sal-1921756 [obtido a 12/11/2020]

Lusa (2020). Centro Ephraim Bueno coloca Figueira de Castelo Rodrigo na rota do turismo judaico. *Beira.pt*, 09 julho. Disponível em: https://beira.pt/portal/noticias/centro-ephraim-bueno-coloca-figueira-de-castelo-rodrigo-na-rota-do-turismo-judaico/ [obtido a 12/11/2020]

Lusa (2020). Figueira de Castelo Rodrigo prevê inaugurar Centro Interpretativo Judaico em abril. *Sapo*, 24 janeiro. Disponível em: https://rr.sapo.pt/2020/01/24/religiao/figueira-de-castelo-rodrigo-preve-inaugurar-centro-interpretativo-judaico-em-abril/noticia/179569/ [obtido a 05/08/2020]

MacCannell, D. (1973). Staged authenticity: Arrangements of social space in tourist set tings. *American Journal of Sociology*, 79(3), pp. 509-603. Disponível em: https://doi.org/10.1086/225585

MacCannell, D. (2013). *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press.

Machado, I. (2020) Aristides de Sousa Mendes, "justo entre as nações" homenageado em Bordéus. *Rfi*, 12 de outubro. Disponível em: https://www.rfi.fr/pt/mundo/20201012-aristides-sousa-mendes-justo-entre-as-na%C3%A7%C3%B5es-homenageado-em-bord%C3%A9us

Martins, J. (2015). *Breve História dos Judeus em Portugal* (5ª ed.). Lisboa: Nova Veja.

Mateus, S. (2011). Beatriz de Luna – Grácia Nasci – Grácia Benveniste, "A Senhora". *Cadernos de Estudos Sefarditas*, 10 e 11, pp. 141-172.

Momento perfeitos (2012). *"CASA DO ARCO" foi projectada por ERNESTO KORRODI*. Disponível em: http://momentos-perfeitos.blogspot.com/2012/11/casa-do-arco-foi-projectada-por-ernesto.html

Moulin, C. & Boniface, P. (1997). Routeing Heritage for Tourism: making heritage and cultural tourism networks for socio-economic development. *International Journal of Heritage Studies*, 7(3), pp. 237-248. DOI:10.1080/13527250120079411

Mousavi, S. & Doratli, N. & Mousavi, S. & Moradiahari, F. (2016). Defining Cultural Tourism. In: *International Conference on Civil, Architecture and Sustainable Development*. London, UK pp. 70-75.

Município do Sabugal (s.d.). *Casa da Memoria Judaica da Raia Sabugalense.* Disponível em: https://www.cm-sabugal.pt/camara-municipal/equipamentos/culturais/casa-da-memoria-judaica-da-raia-sabugalense/ [obtido a 12/11/2020]

Murray, M. & Graham, B. (1997). Exploring the dialectics of route-based tourism: the Camino de Santiago. *Tourism Management*, 18(8), pp. 513-524. Disponível em: https://doi.org/10.1016/S0261-5177(97)00075-7

My Jewish Learning (s.d.). *The Jewish Denominations*. Disponível em: https://www.myjewishlearning.com/article/the-jewish-denominations/

Netto, A. (2009). What is Tourism? Definitions, Theoretical Phases and Principles. In: John Tribe (ed.*) Aspects of Tourism, Philosophical Issues in Tourism*. Great Britain: Channel View Publications, pp. 43-61. DOI: 10.21832/9781845410988-004

Olhares Fotografia Online (s.d.). *Pátio da Inquisição em Coimbra.* Disponível em: https://olhares.com/patio-da-inquisicao-em-coimbra-foto3196034.html

Olsen, D. & Timothy, D. (2006). Tourism and religious journeys. In: D. Timothy & D. Olsen (ed.). *Tourism, religion and spiritual journeys*. London, New York: Routledge, pp. 1-21.

Panosso, A. (2009). What is tourism? Definitions, Theoretical Phases and Principles In: Tribe, J. (ed.). *Philosophical Issues in Tourism*. Bristol: Channel View Publications, pp. 43 e 44

Património Cultural – Direção-Geral do Património Cultural (s.d.). *Janela Manuelina integrada num prédio situado numa das ruas de acesso ao castelo.* Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73241 [obtido a 12/11/2020]

Pimenta, P. (2013). Portugal terá uma Rota das Judiarias, para reabilitar e divulgar cultura judaica. *Publico*, 24 julho. Disponível em: https://www.publico.pt/2013/07/24/culturaipsilon/noticia/portugal-tera-uma-rota-das-judiarias-para-reabilitar-e-divulgar-cultura-judaica-1601220 [obtido a 24/07/2020]

Pinto, P. (2020). O turismo judaico como sustentabilidade. *Publico*, 29 abril. Disponível em: https://www.publico.pt/2020/04/29/fugas/noticia/turismo-judaico-sustentabilidade-1914076

Porsinal (2010). *Jacob Rodrigues Pereira: Homem de bem, judeu português do séc. XVIII, primeiro reeducador de crianças surdas e mudas em França*. Disponível em: https://www.porsinal.pt/index.php?ps=biblioteca&idt=liv&cat=46&idbib=694

Priberam Dicionario (s.d.). *Sionismo.* Disponível em: https://dicionario.priberam.org/sionismo

Priberam Dicionario (s.d.). *Marrano*. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/marrano

Priberam Dicionario (s.d.). *Sefardita.* Disponível em: https://dicionario.priberam.org/sefardita

Prodanov, C. & Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico: modelos e técnicas de pesquisa e do trabalho académico* (2ª ed.). Novo Hamburgo: Universidade Feevale

Público (2020). Jerusalém vai ter uma praça com o nome de Aristides Sousa Mendes. *Público*, 19 janeiro. Disponível em: https://www.publico.pt/2020/01/19/sociedade/noticia/jerusalem-vai-praca-nome-aristides-sousa-mendes-1900892

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). Manual de Investigação em Ciências Sociais, Objetivos e Procedimentos

Queirós, L. (2013). Banhos judaicos medievais descobertos em Coimbra. *Publico*, 26 dezembro. Disponível em: https://www.publico.pt/2013/12/26/culturaipsilon/noticia/banhos-judaicos-medievais-descobertos-em-coimbra-1617489

Razão Inadequada (s.d.). *Bento de Espinosa, Tratado de Correção do Intelecto*. Disponível em: https://razaoinadequada.com/filosofos/espinosa/

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Alentejo*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/regioes/alentejo

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Almeida*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/almeida [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Belmonte*. Disponível em: http://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/belmonte [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Bragança*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/braganca

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Castelo Branco*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/castelo-branco [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Covilhã*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/covilha [obtido a 06/12/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Elvas*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/elvas

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Figueira de Castelo Rodrigo*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/figueira-de-castelo-rodrigo [obtido a 03/01/2021].

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Fornos de Algodres*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/fornos-de-algodres [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Fundão*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/fundao [obtido a 06/12/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Gouveia*. Disponível em: http://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/gouveia [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Guarda*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/guarda [obtido a 06/12/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Idanha-A-Nova*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/idanha-a-nova [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Lamego*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/lamego

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Leiria.* Disponível em: http://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/leiria [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Mêda*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/meda [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.) *Penamacor*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/penamacor [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Pinhel.* Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/pinhel [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Sabugal.* Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/sabugal [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Seia*. Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/seia [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Trancoso.* Disponível em: https://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/trancoso [obtido a 12/11/2020]

Rede de Judiarias de Portugal (s.d.). *Turismo do Centro*. Disponível em: http://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/regioes/turismo-do-centro

Repositório Comum (s.d.) *ESHTE - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril*. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2308

Rinschede, G. (1992). Forms of Religious Tourism. *Annals of Tourism Research*, 19(1), pp. 51-67. Disponível em: https://doi.org/10.1016/0160-7383(92)90106-Y

Richards, G. & Fernandes, C. (2007). Religious tourism in Northern Portugal. In: G. Richards (ed.) *Cultural Tourism: Global and local perspectives*. Binghamton, NY: The Haworth Press, pp. 215-238

Robinson, M. & Novelli, M. (2005). Niche Tourism: an Introduction. In: M. Novelli (ed.). *Niche Tourism: Contemporary Issues, Trends and Cases*. Oxford, Uk: Butterworth-Heinemann, pp. 1-14.

Rodrigues, A. (2016). *Os Judeus Secretos e a Esnoga de Malhada Sorda*. In: Almeida Município. Disponível em: https://www.cm-almeida.pt/informacoes/os-judeus-secretos-e-a-esnoga-de-malhada-sorda/ [obtido a 12/11/2020]

RTP (2021). *Aristides de Sousa Mendes recebe honras de Panteão Nacional. RTP Notícias, 19 de outubro*. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/pais/aristides-de-sousa-mendes-recebe-honras-de-panteao-nacional_n1356866

Russo, A. & Romagosa, F. (1997). The network of Spanish Jewries: in praise of connecting and sharing heritage. Journal of Heritage Tourism, 5(2), pp. 141-156. DOI:10.1080/17438730903576104

Sapo Viagens (2017). *O medico da czarina russa que era de Penamacor.* Disponível em: https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-portugal/artigos/o-medico-da-czarina-russa-que-era-de-penamacor [obtido a 12/11/2020]

Sapo (2021). *Turismo arrancou o ano com perdas de 80% devido ao confinamento*. Disponível em: https://eco.sapo.pt/2021/03/15/turismo-arrancou-o-ano-perdas-de-80-devido-ao-confinamento/

Sebastião, C. (2017). Holocausto: 4 portugueses são Justos entre as Nações. *Família Cristã,* 27 janeiro. Disponível em: https://familiacrista.paulus.pt/holocausto-4-portugueses-sao-justos-entre-as-nacoes [obtido a 12/11/2020]

Sharpley, R. & Sundaram, P. (2005). Tourism: A sacred journey? The case of ashram tourism, India. *International Journal of Tourism Research*, 7(3), pp. 161-171. DOI: 10.1002/jtr.522

Shuval, J. (2000). Diaspora Migration: Definitional Ambiguities and a Theoretical Paradigm. *International Migration,* 38(5), pp. 41-56. DOI: 10.1111/1468-2435.00127

Sicherman, H. (1998). Religion in World Affairs Judaism and The World: The Holy and the Profane. *Orbis,* 42(2), pp. 195-219. Disponível em: https://doi.org/10.1016/S0030-4387(98)90003-5

Silberberg, T. (1995). Cultural Tourism and Business Opportunity for Museums and Heritage Sites. In: Cathy Hsu, PhD/Stephen Page (ed.) *Tourism Management Volume 16, Issue 5*. Toronto: Butterworth-Heinemann, pp. 361-365.

Silva, E. (2015). Sinagoga do Funchal desconhecida e esquecida. *Funchal Notícias*, 20 junho. Disponível em: https://funchalnoticias.net/2015/06/20/sinagoga-do-funchal-desconhecida-e-esquecida/

Silva, H. (2019). *Indoor climate management on cultural heritage buildings: Climate control strategies, cultural heritage management and hygrothermal rehabilitation* (tese de mestrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa.

Silva, S. (2018). Portugal na rota do turismo judaico. Análise exploratória a um segmento de nicho em expansão, *Revista Turydes,* 11(25), pp. 1-18.

Simone-Charteris, M. & Boyd, S. (2010). The Development of religious heritage tourism in Northern Ireland: Opportunities, benefits and obstacles. *Original Scientific Paper*, 58(3), 229-257. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/48174334_The_development_of_religious_heritage_tourism_in_Northern_Ireland_Opportunities_benefits_and_obstacles

Smith, V. (1992). Introduction: The quest in guest. *Annals of Tourism Research*, 19(1), pp. 1-17.

Smith, M. (2016). *Issues in Cultural Tourism Studies* (3ª ed.). Londres: Routledge.

Solms, R. e Solms, B. (2004). From Policies to Culture. *Computers & Security*, 23(4), pp. 275-279. DOI: 10.1016/j.cose.2004.01.013

Stausberg, M. (2011). *Religion and tourism: Crossroads, destinations and encounters*. London and New York: Routledge.

Stausberg, M. (2014). Religion and spirituality in tourism. In: A. Lew; C. Hall; & A. Williams (ed.). *The Wiley Blackwell companion to tourism*. Oxford: John Wiley & Sons, Ltd, pp. 349-360

Stratton, J. (2000). Historicizing the Idea of Diaspora. In: Stratton, J. (ed.) C*oming Out Jewish*. London/New York: Routledge, pp. 137-163.

Sygic (s.d.). Sinagoga Portuguesa de Amesterdão. Disponível em: https://travel.sygic.com/pt/poi/sinagoga-portuguesa-de-amesterdao-poi:55075

Todas as Respostas (s.d.). *Qual a diferença entre o Torá e o Talmude?* Disponível em: https://todasasrespostas.pt/o-que-e-o-tora

Totally Jewish Travel (s.d.). *Hotels in Lisbon, Portugal*. Disponível em: https://www.totallyjewishtravel.com/kosherhotels-TJ2469-Lisbon_Portugal-Observant_Friendly_Accommodation.html

Totally Jewish Travel (s.d.). *Kosher Restaurants in Lisbon, Portugal*. Disponível em: https://www.totallyjewishtravel.com/kosherrestaurants-TJ2469-Lisbon_Portugal-Kosher_Eateries.html

Tourist Israel the Guide (s.d.). *Yad Vashem Holocaust Museum.* Disponível em: https://www.touristisrael.com/yad-vashem-holocaust-museum/409/

Trancoso Município (2012). *Centro de Interpretação Judaico "ISAAC CARDOSO" E SINAGOGA "BEIT MAYIM HAYIM"(Casa das Águas Vivas)* Disponível em: https://www.cm-trancoso.pt/informacoes/centro-de-interpretacao-judaico-isaac-cardoso-e-sinagoga-beit-mayim-hayim-casa-das-aguas-vivas/ [obtido a 12/11/2020]

Trancoso Município (s.d.). *Inauguração da "Casa do Bandarra".* Disponível em: https://www.cm-trancoso.pt/evento/inauguracao-da-casa-do-bandarra/ [obtido a 12/11/2020]

Travel BI – Turismo de Portugal (2018). *Turismo em Números* | 2018. Disponível em: https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Documents/Turismo%20em%20Portugal/turismo-em-numeros-2018.pdf

Travel BI – Turismo de Portugal (2018). *Turismo em Portugal* | 2019. Disponível em: https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Documents/Turismo%20em%20Portugal/Turismo%20em%20Portugal%20e%20NUTS%20II%20-%202019.pdf

Travel BI – Turismo de Portugal (2018). *Turismo em Números* | dezembro 2020 (com receitas turísticas). Disponível em: https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Documents/Turismo%20em%20Portugal/turismo-em-numeros-dez-2020.pdf

Tripadvisor (s.d.). *Photo: Fonte Nova (Fonte dos Judeus)* | *Coimbra*. Disponível em: https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g189143-d635292-i80211175-Fonte_Nova_Fonte_dos_Judeus-Coimbra_Coimbra_District_Central_Portugal.html

Turismo Centro Portugal (s.d.). *Aqui, as boas experiências nunca acabam*. Disponível em: https://turismodocentro.pt/aqui-as-boas-experiencias-nunca-acabam/

Turner, V. & Turner, E. (2011). *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Colombia University Press

UNWTO (2008). *Glossary of tourism terms*. Disponível em: https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms

UNWTO (2020). *International Tourism Highlights 2020 Edition*. Disponível em: https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284422456

UNWTO (2021). *Tourist Numbers Down 83% but confidence slowly rising*. Disponível: https://www.unwto.org/taxonomy/term/347

Visite Leiria (s.d.). *Roteiro da Judiaria de Leiria.* Disponível em: https://www.visiteleiria.pt/roteiros-culturais/roteiro-da-judiaria-de-leiria/ [obtido a 12/11/2020]

Visit Porto & The North (s.d.). *Herança Judaica no Porto e Douro*. Disponível em: http://br.visitportoandnorth.travel/Porto-e-Norte/Visitar/Artigos/Heranca-Judaica-no-Porto-e-Douro

Visit Portugal – Caminhos da Fé (s.d.). *Casa do Bandarra – Trancoso.* Disponível em: https://www.pathsoffaith.com/pt-pt/jewish-legacy/casa-do-bandarra-trancoso [obtido a 12/11/2020]

Visit Portugal – Caminhos de Fé (s.d.). *Esnoga de Malhada Sorda – Almeida.* Disponível em: https://www.pathsoffaith.com/pt-pt/jewish-legacy/esnoga-de-malhada-sorda-almeida [obtido a 12/11/2020]

Visit Portugal – Caminhos da Fé (s.d.). *Herança Judaica*. Disponível em: https://www.pathsoffaith.com/pt-pt/heranca-judaica

Visit Portugal (s.d.). *A judiaria de castelo de vide*. Disponível em: https://www.visitportugal.com/pt-pt/NR/exeres/C54C3A30-D162-4313-8B55-7F5D7AF57F59

Whotrips (2017). *A Memória de Vila Cova à Coelheira.* Disponível em: https://whotrips.com/2017/08/02/a-memoria-de-vila-cova-a-coelheira/ [obtido a 12/11/2020]

Whotrips – Trips & tips para viajar e descobrir Portugal (2019). *O segredo da paz de Belmonte.* Disponível em: https://whotrips.com/2019/05/24/o-segredo-da-paz-de-belmonte/ [obtido a 12/11/2020]

Winter M. & Gasson R. (1996). Pilgrimage and Tourism: Cathedral Visiting in Contemporary England. *International Journal of Heritage Studies*, 2(3), pp. 172-182. DOI: 10.1080/13527259608722170

Wilson, G.; McIntosh, A. & Zahra, A. (2013). Tourism and spirituality: A phenomenological analysis. *Annals of Tourism Research*, 42, pp. 150-168. DOI: 10.1016/J.ANNALS.2013.01.016

Youtube (2016). *Sinagoga escondida inspira Festival de Setembro* [vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7c_tPvCPDQc&feature=emb_logo [obtido a 12/11/2020]

Youtube (2017). *Centro Memória V C Coelheira* [vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j_gl1N5GyJ8&feature=emb_logo [obtido a 12/11/2020]

Youtube (2018). *Filme Promocional da Casa da Memória Judaica da Raia Sabugalense* [vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=_dCkQ78cOIw [obtido a 12/11/2020]

Youtube (2019). *Museu Judaico de Belmonte* [vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lsib1dJADc8&feature=emb_logo [obtido a 12/11/2020]

Anexos

Anexo I – Caracterização dos recursos da Região Centro:

Região Centro

1. Coimbra

Embora não esteja incluída no website da Rede de Judiarias de Portugal, Coimbra merece ser mencionada quer por estar incluída na região centro e quer pelo património judaico que possui.

1.1. Judiaria Velha (Rua Corpo de Deus)

Embora atualmente Coimbra seja uma cidade na qual é difícil localizar o seu passado judeu (e até muçulmano), sabemos que na Rua Corpo de Deus, ao lado de Santa Cruz, se encontrava a judiaria mais antiga da cidade (assim como um bairro muçulmano, em frente ao mosteiro). Por outras palavras, Coimbra foi no seu passado longínquo, uma cidade que continha fortes comunidades das 3 principais religiões abraâmicas (Center of Portugal, s.d.).

Em Coimbra a comunidade judaica instalou-se no ano de 1139, na parte exterior da muralha, quando D. Afonso Henriques delineou a paróquia de Santa Cruz, que ficou limitada a sul pela riba dos judeus. Na parte nordeste da judiaria, na atual Avenida Sá da Bandeira, encontravam-se o almocávar e a Fonte dos Judeus. Era uma zona pouco povoada e onde apenas os judeus se podiam mover livremente, não sendo permitida a entrada a mulheres cristãs e sendo limitada a entrada de homens cristãos (Center of Portugal, s.d.).

Fora da muralha, podíamos encontrar o Mosteiro de Santa Cruz, ao lado do mais antigo bairro judaico (Center of Portugal, s.d.).

1.2. A casa onde morou Aristides Sousa Mendes

Uma figura já mencionada e de extrema importância na história judaica de Portugal, Aristides de Sousa Mendes licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra e, como estudante, residiu na cidade. A casa que terá habitado está identificada com uma placa de celebração à sua pessoa, inaugurada em 30 de outubro de 2004. Não é possível visitar a casa (Lusa, 2004).

Sabe-se que terá também vivido em outros dois locais da cidade de Coimbra. Na Rua de S. Salvador, nº 2 e na Estrada da Beira, nº 82 (Lusa, 2004).

1.3. *Mikveh*

Figura 6. – *Mikveh* (Captura própria)

Um achado arqueológico descoberto em 2013 depois da rutura de um cano na Rua Visconde da Luz (na área da judiaria velha), pensa-se que terá sido um *mikveh*. Também por vezes chamado Banhos Rituais de Purificação, aqui ter-se-ão banhado mulheres judaicas da Idade Média, em rituais religiosos (Queirós, 2013) (Agenda UC, 2018).

Esta descoberta consiste numa gruta natural de calcário, com um tanque de água de pequena dimensão, encimado por um fresco de motivo floral (razoavelmente conservado). Este local aponta-se como datado dos séculos XVI ou XVII (datas indicadas pelo estudo dos frescos) (Queirós, 2013) (Agenda UC, 2018).

Embora no início o acesso a este local fosse dificultado por se tratar de um edifício privado, no final de 2020 a câmara de Coimbra adquiriu o local, com a intenção de o tornar um local turístico a visitar (Coimbra.pt, 2020).

1.4. Judiaria Nova ou de Sansão

Na localização designada como Pedreira, próxima da Colegiada de São Salvador, procedeu-se à primeira tentativa de delinear a Judiaria Nova de Coimbra. No entanto, devido a uma forte oposição dos padres de São Salvador, a Judiaria Nova acabaria por ser delineada perto do Largo da Sansão. Esta localização era, na altura, um terreno insalubre, com cheias recorrentes (Center of Portugal, s.d.).

A delimitação final acabaria por ser a área entre a Rua direita e a Colegiada de Santa Justa, até ao Largo da Freiria. Pensa-se que esta delimitação terá ocorrido algures nos anos de 1360 a 1380. Aqui seriam também estabelecidos os mesteirais, formando uma área comercial, algo que ainda se associa à atualidade (Baixa da cidade) (Center of Portugal, s.d.).

1.5. Tribunal da Inquisição/Pátio da Inquisição

Figura 7. - Pátio da Inquisição; Fonte: (Olhares, s.d.)

Atualmente chamado Pátio da Inquisição, consiste em um largo/pátio onde no ano de 1548 começou a funcionar o Tribunal do Santo Ofício. Além de funcionar como Sede da Inquisição em Coimbra, aqui encontravam-se também o Colégio das Artes, um claustro parcialmente limitado por arcadas jónicas e outro pátio interior. Existiam também várias dependências da Inquisição, tais como: cárceres, salas de tormento e as casas dos inquisidores (Center of Portugal, s.d.).

No Pátio da Inquisição é possível ver as celas, graças aos vidros que lhes servem de teto. Podemos ver também os fornos de tijolo, os arcos do piso médio e as abóbadas das salas, onde numa delas pode ser vista uma pintura de um simplificado vegetalismo (Center of Portugal, s.d.).

A importância desta localização para o tema que aqui analisamos, passa pelo facto que a Inquisição em Portugal (como foi referido na parte relativa à história dos judeus em Portugal), perseguiu severamente os judeus e será fácil imaginar que neste lugar alguns teriam sido "julgados" (Center of Portugal, s.d.).

É importante também referir que autos de fé em Coimbra ocorreram em outras localizações para além do Pátio da Inquisição. São exemplos a Praça 8 de Maio e a Praça do Comércio (Center of Portugal, s.d.).

1.6. Fonte dos Judeus

Figura 8. – Fonte dos Judeus; Fonte: (Tripadvisor, s.d.)

Originalmente (em 1139) localizada no limite da paróquia de Santa Cruz (junto da Couraça dos Apóstolos), funcionava como um dos limites da judiaria, sendo referido como "terreno da fonte dos judeus". Mais tarde, em 1725, foi modificada com uma construção do tipo barroco (Center of Portugal, s.d.).

É constituída por duas pilastras de ordem dórica simplificada, um entablamento e dois corpos em forma de aletas deitadas, delimitadas por pedestais e encabeçadas por pirâmides. A sua escadaria foi projetada pelo Arquiteto António Madeira Portugal e foi concluída em 1986, ano em que se transferiu a fonte para o seu lugar final, onde hoje se encontra, por trás do Mercado D. Pedro V (Center of Portugal, s.d.).

2. Figueira de Castelo Rodrigo

Os registos relativos à presença judaica em Figueira de Castelo Rodrigo remonta ao século XIII. No Século XV a população terá crescido com os refugiados de Espanha, mas já não existiria uma judiaria formal e a perseguição aos judeus da região é comprovada com os processos de Inquisição (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

No Século XX residiam no concelho praticantes e herdeiros do criptojudaísmo (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Como objeto de interesse salienta-se um Parokhet (tecido/cortina que cobria o Hejal) pertencente a uma Sinagoga e atualmente na Igreja de Vermiosa (na povoação com o mesmo nome) (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Em Castelo Rodrigo, aglomerado a cerca de 1 Km de Figueira de Castelo Rodrigo e provavelmente mais antigo, a Judiaria estaria dentro das muralhas, em zonas correspondentes à atual rua da Sinagoga, do Pátio do Concelho e Largo de S. João Batista. A Sinagoga, na esquina da rua com o mesmo nome e do Pátio do Castelo, foi transformada em cisterna, mantendo as portas e a construção de base (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

2.1 Centro Interpretativo Ephraim Bueno

Aberto ao público e inaugurado em julho de 2020, possui quatro salas e uma sinagoga de pequenas dimensões, mas que se pretende funcional para o culto, o espaço faz referência e presta homenagem a judeus ilustres do concelho, informando sobre os seus percursos de vida (Lusa, 2020).

Martim Alvares, natural de Castelo Rodrigo e nascido em 1599, judeu com o nome de Efraim Hezekiah Bueno, médico em Amsterdão e retratado nas pinturas de Rembrandt, foi enterrado no cemitério português da cidade onde trabalhou, sendo a sua lápide uma homenagem à diáspora lusitana: apenas a data de falecimento está em hebraico e o restante texto na língua portuguesa. Prestando homenagem a este judeu ilustre e pretendendo colocar o concelho na rota dos destinos turísticos com interesse judaico, foi criado o centro interpretativo com o seu nome (Lusa, 2020).

Figura 9. – Centro Interpretativo Ephraim Bueno (Captura própria)

3. Vila Cova à Coelheira

Vila Cova à Coelheira dista cerca de 8,3 km do centro de Vila Nova de Paiva e é conhecida por ter albergado uma importante comunidade judaica, cuja presença se associa à existência de uma sinagoga, uma cerca da judiaria e pela simbologia judaica ainda existente em casas de habitação. Segundo a associação judaica *Rosh Pinah*, a presença de uma comunidade judaica "marcou os costumes e vivências da povoação, onde são visíveis os vestígios e testemunhos do povo judeu, quer na construção, quer na tradição oral". Ponto de assinalável interesse e em que o município tem investido na recuperação e divulgação, é o Centro de Memória Judaica, conhecido pela população como a Sinagoga (Cm-vnpaiva - Camara Municipal Vila Nova de Paiva, 2019).

3.1. Centro de Memória Judaica de Vila Cova à Coelheira – Casa da Sinagoga

O Centro de Memória Judaica de Vila Cova à Coelheira, instalado num edifício recentemente recuperado (a Sinagoga), assume-se como um testemunho da presença da fé judaica em terras da Beira. A prática em segredo dos rituais do culto em tempos de Inquisição, dificultaram a existência de provas documentais. Os dados da presença judaica foram obtidos sobretudo a partir dos documentos da própria Inquisição: registos de julgamentos e denuncias de várias famílias de judeus de Vila Cova à Coelheira (Cm-vnpaiva - Camara Municipal Vila Nova de Paiva, 2019; Youtube, 2017).

Uma visita ao Centro revela ao visitante um espaço com um sistema expositivo atrativo e contemporâneo, embora despojado de património (de objetos) e mais centrado na informação escrita e imagem. A visita constitui uma viagem ao passado da presença judaica, sobretudo recriada com as memórias e as histórias que a tradição oral permitiu. Afirma-se assim, como um espaço de convite não só ao conhecimento, mas também à reflexão sobre a fé, a tolerância, o respeito e o diálogo inter-religioso, aberto a toda a sociedade (Cm-vnpaiva - Camara Municipal Vila Nova de Paiva, 2019; Whotrips, 2017; Youtube, 2017).

O Centro faz parte da Rede de Judiarias de Portugal e na abertura teve a visita do Rabino de Jerusalém (Whotrips, 2017).

Figura 10. – Centro de Memória Judaica de Vila Cova à Coelheira (Captura própria)

Figura 11. – Um poço na mesma localização rodeado pela estrela de David (Captura própria)

4. Trancoso

A história judaica em Trancoso aponta para uma data anterior ao séc. XIV. A comunidade judaica seria maioritariamente abastada, alguns seriam proprietários que viviam de arrendamentos, mercadores, tecelões, alfaiates, havendo também quem emprestasse dinheiro. O grande desenvolvimento da comunidade judaica levou, no século XV, a um pedido a D. João II para ampliação da sinagoga. Em 1543 a ação da Inquisição pôs fim a uma comunidade judaica fluorescente. A localização da sinagoga é atualmente desconhecida, mas em Trancoso os vestígios judaicos abundam em documentação escrita e nos usos e costumes (Rede de Judiarias, s.d.).

São de especial interesse aspetos arquitetónicos ainda observáveis como o Poço do Mestre (numa suposta alusão ao Ravi), no percurso entre o Centro de Interpretação e a Casa do Gato Preto; elementos decorativos simbólicos na fachada da Casa do Gato Preto, como: o leão de Judá, a figura do judeu encurvado, uma pomba branca e as portas de Jerusalém. Das inúmeras e diversificadas marcas nas paredes da zona da judiaria encontra-se o significado no Centro Interpretativo (Rede de Judiarias, s.d.).

Em Trancoso ainda residem judeus, sendo alguns descendentes das antigas comunidades, o que terá ampliado o interesse da criação do Centro Interpretativo. Pela história de vida e pela localização de proximidade com o Centro Interpretativo, a Casa do Bandarra será também ponto de interesse no tema (Rede de Judiarias, s.d.).

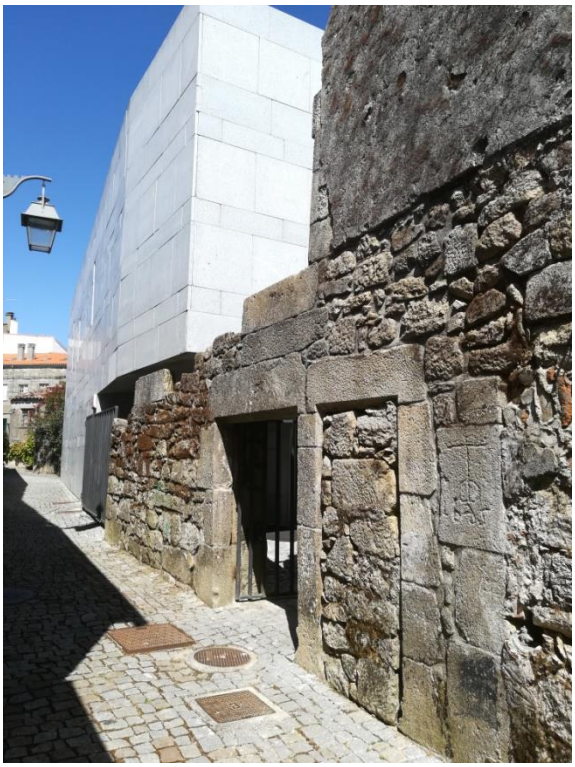
Figura 12. – Poço do Mestre (Captura própria)

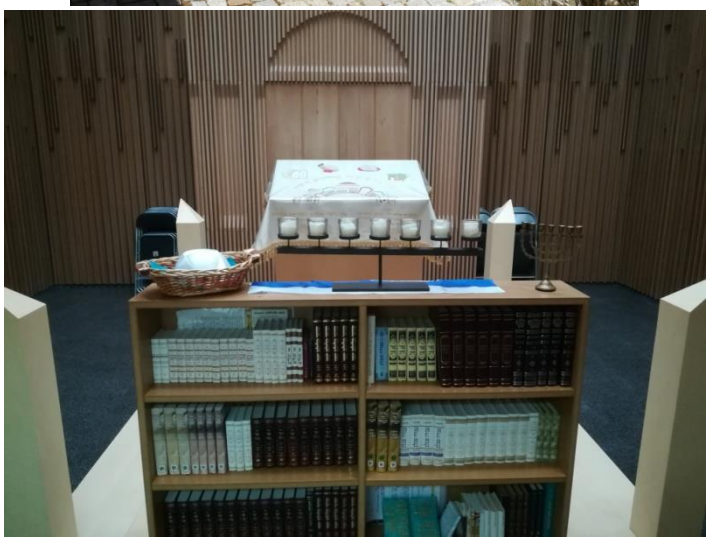
Figuras 13., 14. e 15. – Casa do gato preto e figuras em pedra do leão de Judá e do judeu encurvado (Captura própria)

4.1. Centro de Interpretação Judaico "ISAAC CARDOSO" e Sinagoga "BEIT MATIM HAYIM" (Casa das Águas Vivas)

Isaac Cardoso, médico judeu natural de Trancoso (terá vivido no século XVII), tinha já em Trancoso uma rua com o seu nome, que foi também atribuído na identificação do Centro de Interpretação. O Centro de Interpretação inaugurado em 2012 e instalado onde se pensa ter existido a judiaria, pretende preservar o legado judaico da região, integrando salas de exposições, um memorial das vítimas da Inquisição (dos séculos XVI, XVII e XVIII) e a Sinagoga (Guerra, 2014; Trancoso Município, 2012).

A Sinagoga moderna, réplica de uma sinagoga sefardita, é uma obra do Arquiteto José Laranjeiro (ligado ao gabinete de Gonçalo Birne) e está carregada de simbologia judaica, como os 12 quadrados do teto que simbolizam as 12 tribos de Israel ou os frisos de madeira das paredes, que simbolizam velas e os horrores das perseguições a que foram sujeitos os judeus. Pode ser utilizada como museu ou para o culto, como acontece com frequência. Na sinagoga, como seria de esperar num espaço reservado a culto, encontram-se a Tora e as Tábuas da Lei (Guerra, 2014; Trancoso Município, 2012).





Figuras 16. e 17. – Centro de Interpretação e Sinagoga (Captura própria)

4.2. Museu Bandarra/Casa do Bandarra

Situada próximo do Centro de Interpretação, a Casa do Bandarra assume-se como um centro interpretativo lúdico, científico e educativo, onde é possível conhecer um pouco da vida e obra de Bandarra, percebendo-se a sua relação com os cristãos novos.

Gonçalo Anes Bandarra, considerado o Nostradamus português, viveu no início do século XVI, em Trancoso (Aeje, s.d.; Visit Portugal – Caminhos da Fé, s.d.). Pensa-se que terá nascido em família abastada, mas terá desbaratado a fortuna, acabando por se tornar sapateiro (Aeje, s.d.). Ficou conhecido na história pelos versos que escreveu como profeta sapateiro. Profetizou acontecimentos futuros, sendo alguns ao agrado dos judeus, mas do desagrado da Inquisição que quase o condenou à morte (Aeje, s.d.; Visit Portugal – Caminhos da Fé, s.d.). Manteve relação com figuras importantes da comunidade judaica residente em Lisboa que, à época, já perseguida, inferiam das profecias de

Bandarra, a vinda de um Messias e o fim das perseguições. Não sendo judeu (pensa-se), as suas profecias eram divulgadas como mensagem de esperança para os judeus portugueses, sem estar sujeito ao perigo de perseguição. Considerando-se que as suas premonições teriam diferente interpretação para judeus e cristãos, acabou por ser perseguido e julgado (embora com indulgencia, por não ser judeu). Morreu pobre e hoje está sepultado na Igreja de São Pedro, em Trancoso, depois de cair nas boas graças por profecias que favoreciam a nação e que se concretizaram. Conta-se que o seu enterro original contou com a boa vontade de um antigo cliente da sapataria, que assim terá pago um antigo arranjo de calçado, tal como profetizou Bandarra que viria a acontecer (Aeje, s.d.). Os seus escritos terão inspirado Padre António Vieira (1608-1697), padre jesuíta do século XVII, defensor dos mais desfavorecidos e que defendeu o fim da discriminação entre cristãos-novos e cristãos-velhos. (Visit Portugal – Caminhos da Fé, s.d.)

5. Almeida

O município de Almeida, junto à fronteira com Espanha, regista elevada importância na história dos judeus em Portugal. Primeiro no século XV, com a perseguição pela Inquisição e depois no século XX, pelas perseguições da Segunda Guerra Mundial, Almeida terá sido o principal local oficial de passagem dos judeus expulsos do país vizinho. Servindo de ponto de passagem para alguns, grande parte terá mesmo optado por residir nas povoações da região. Estima-se que entre os dois momentos da história de perseguições, ter-se-ão salvo cerca de 200 000 pessoas. A existência de uma Judiaria em Almeida está bem comprovada em documentos que atualmente se encontram na Torre do Tombo (Rede de Judiarias, s.d.).

Incluída na Rota das Judiarias, assinala-se especial interesse nas povoações de Vilar Formoso, Malhada Sorda e Castelo Mendo.

5.1. Vilar Formoso - Fronteira da Paz, Memorial aos Refugiados e Cônsul Aristides de Sousa Mendes

Aberto ao público em 2017, o museu de Vilar Formoso é uma homenagem ao Cônsul português e uma viagem a um momento negro da história mundial. O local escolhido está carregado de simbologia, resultou de um trabalho de recuperação com arquitetura moderna dos pavilhões anexos ao edifício da estação de caminho-de-ferro, onde terão chegado com os vistos emitidos por Aristides Sousa Mendes, milhares de judeus em fuga. Quer o museu, quer a estação, são edifícios de grande interesse: o primeiro pela antiguidade e pelos painéis de azulejo magnificamente conservados, o segundo, pela modernidade e adequação à função que se pretende (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

O conteúdo do museu é o resultado de um profundo trabalho de investigação e é atualmente constituído por 7 núcleos onde se observam fotografias, filmes, objetos e testemunhos. Do museu faz parte um pequeno bosque em honra do Cônsul português e um memorial, onde constam os nomes dos judeus que foram salvos graças à sua intervenção (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Figura 18. – Memorial aos refugiados e edifício do museu (Captura própria)

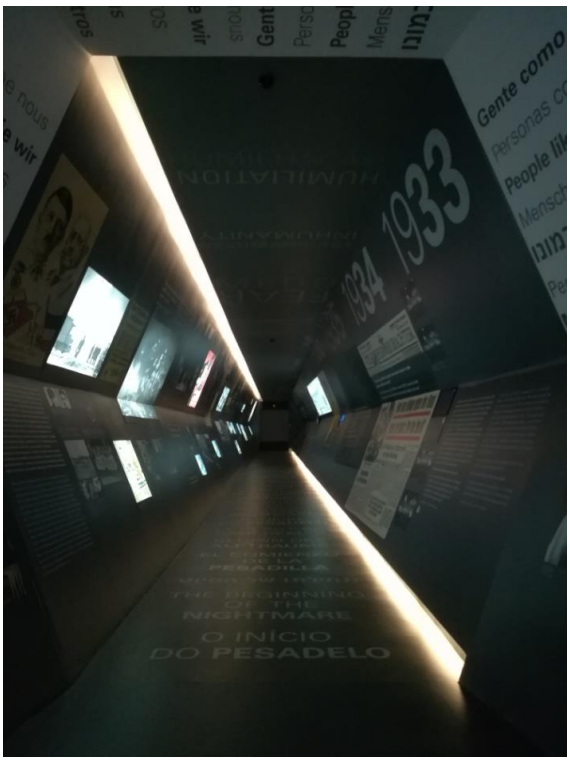


Figura 19. – Interior do Museu (Captura própria)

5.2. Malhada Sorda – Sinagoga

Numa zona onde a olaria é histórica, a Casa do Relógio (por possuir numa esquina um relógio de Sol) é conhecida por "Esnoga" - Sinagoga. O edifício tem o aspeto de uma casa de habitação normal e na fachada possui uma janela ao estilo manuelino. No interior existe uma pia de água benta, encimada por uma cruz, aspeto que serviria para iludir os inquisidores. Não tem elementos identificativos do culto: nenhuma estrutura remete para os banhos femininos, não há uma *Mezuzah* à entrada e o *Hejal não* se encontra virado para Oriente. Aquando da sua construção já teria sido decretada a expulsão ou a conversão dos judeus, não sendo possível a construção de uma Sinagoga formal. Este espaço terá sido adaptado à realização secreta do culto (Rodrigues, 2016; Visit Portugal – Caminhos de Fé, s.d.).

Figuras 20. e 21. – Sinagoga/ Casa do Relógio (Captura própria)

5.3. Castelo Mendo

Figura 22. – Hospital da Misericórdia (Aldeias Históricas de Portugal, s.d.)

Dentro das muralhas, junto à Porta da Guarda, terá existido a Judiaria de Castelo Mendo. Algumas edificações no local serão ainda restos das antigas construções, nomeadamente o designado pela população como Hospital da Misericórdia, um edifício do século XVI, onde se encontra um armário todo em granito, que terá sido usado para guardar a Tora (*Hejal* de Castelo Mendo). Este armário é uma peça requintada, em material nobre e resistente, cuidadosamente decorado, apresentando grande semelhança com o existente na sinagoga de Castelo de Vide. Tendo em conta que atualmente o espaço é uma casa de habitação particular e que o castelo e igreja estão em ruínas, a visita a Castelo Mendo só se justificará se houver possibilidade de entrar no edifício para observação do *Hejal* (Barroca, 2001).

6. Sabugal

A presença judaica no Sabugal está dispersa pelos municípios e documentada como existente desde o século XIII. São abundantes as habitações com marcas, como acontece nas muralhas do centro histórico, próximo do castelo magnificamente conservado e no exterior do mesmo. Documentos do século XV comprovam com nomes e ofícios, a existência de uma população judaica enraizada. Em tempos de perseguição, no Sabugal ocorreram 143 autos de fé, a maioria acusados de judaísmo (Rede de Judiarias, s.d.).

6.1. Casa da História Judaica da Raia Sabugalense (Espaço Interpretativo da Memória Judaica)

Situado junto ao castelo e inaugurada em 2017, o espaço integra o Projeto Rotas de Sefarad. Com a sua criação pretendeu-se salvaguardar as memorias do lugar, exibindo objetos e informação sobre a comunidade judaica da vila de tempos medievais à atualidade. No centro exibe-se um filme documental e observa-se o *Hejal* (*Aron há Kodesh*) destinado a ser usado no culto de forma discreta, após o desaparecimento das sinagogas (Youtube, 2018; Município do Sabugal, s.d.).

Figura 23. – Casa da História Judaica da Raia Sabugalense (Captura própria)

7. Belmonte

Belmonte é talvez por excelência, o local de interior onde a memória judaica está mais presente na atualidade. Com infraestruturas como a moderna Sinagoga e um hotel (Hotel Monte Sinai) que obedece aos preceitos da cultura judaica, possui ainda uma comunidade residente praticante e recetiva a visitantes. No centro histórico, com habitações e o castelo medieval bem conservado, a arquitetura permite uma viagem ao passado. A antiga judiaria ficaria na zona da Rua Direita e Rua da Fonte da Rosa (antiga Rua da Judiaria). Ao cimo da Rua Direita, na praça, as casas de granito ainda conservam a arquitetura antiga e cruzes nas ombreiras (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.; Whotrips – Trips & tips para viajar e descobrir Portugal, 2019).

Com um passado e um presente judaico, Belmonte tem uma história de tolerância para contar ao Mundo. A comunidade judaica residente e perfeitamente integrada, deve o seu desenvolvimento a uma existência com períodos de segredo e conivência da população. A presença judaica mais do que secular, remonta ao século XIII, como comprova uma lápide datada de 1297, encontrada em 1910 no Largo António José de Almeida. Pensa-se que não terão sido os judeus expulsos de Espanha que terão fundado esta comunidade. Esta já existiria e estes apenas a terão integrado (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.; Whotrips – Trips & tips para viajar e descobrir Portugal, 2019).

Uma visita a Belmonte é também a possibilidade de observação de paisagens de grande beleza, que rodeia a vila altaneira e de posição estratégica. Visitando no concelho, Caria, observam-se sinalizadas, a variedade de formas e abundância de motivos cruciformes (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.; Whotrips – Trips & tips para viajar e descobrir Portugal, 2019).

7.1. Sinagoga de Belmonte

Figura 24. – Sinagoga Bet Eliahou (Captura própria)

Inaugurada em1996, a Sinagoga é a prova da existência de uma comunidade judaica ativa, a Comunidade Judaica de Belmonte, com existência legal desde 1988 (Belmonte Câmara Municipal, s.d.).
Encontrando-se orientada para Jerusalém, o seu nome é uma homenagem a Bet Heliahu, o judeu que ordenou a sua construção (Belmonte Câmara Municipal, s.d.).
Além da possibilidade de culto em local próprio e adequado, em Belmonte existe também um cemitério para as pessoas que professam a religião judaica (Belmonte Câmara Municipal, s.d.).

7.2. Museu Judaico de Belmonte

Figura 25. – Museu Judaico de Belmonte (Captura própria)

Inaugurado em 2005 e o primeiro do país sobre o tema, é um sucesso na procura por parte de judeus de diferentes partes do mundo e o mais visitado da região. Descreve cronologicamente o

aparecimento dos judeus e a sua diáspora, exibindo uma importante coleção de objetos ligados ao culto e à vivência dos judeus em Belmonte. As gravações do testemunho de alguns elementos da comunidade enriquecem a experiência do visitante, independentemente da sua crença religiosa. O museu terá a importante missão de conservar a memória da permanência desta comunidade em Belmonte, sobretudo no que respeita ao criptojudaísmo e ao modo como a comunidade vivia algumas das principais celebrações (Youtube, 2019).

Figura 26. – Hotel Judaico de Belmonte - Belmonte Sinai (Captura própria)

Construído no centro da localidade onde se mantém uma das mais emblemáticas comunidades judaicas da Península Ibérica, o Belmonte Sinai não deixa lugar para dúvidas aos propósitos que serve e é, só por si, motivo de interesse turístico. Direcionado para o turista que professa a religião judaica, foi o primeiro hotel com restaurante *kosher* do país, sendo certificado de acordo com a lei judaica. Pela proximidade com os diferentes aspetos de interesse da aldeia histórica, esta unidade de quatro estrelas complementa a oferta turística da região, aceitando clientes sem pré-requisitos religiosos (Belmonte Câmara Municipal, s.d.).

8. Penamacor

Em Penamacor, nas ruas históricas como a Rua de S. Pedro, ainda existem vestígios da antiga judiaria. A proximidade com a fronteira foi favorável à existência desta comunidade que aqui procurou refúgio após expulsão do país vizinho. As marcas cruciformes são abundantes, identificando-se três núcleos distintos, que se associam a momentos de diferente ocupação. Em época de perseguição foram centenas os processos de inquisição que envolveram residentes de Penamacor. A população não esquece e presta homenagem a um judeu ilustre: António Ribeiro Sanches (Rede de Judiarias, s.d.).

Figura 27. – Estátua de António Ribeiro Sanches em frente à Câmara Municipal (Captura própria)

8.1. Casa da Memória da Medicina Sefardita, António Ribeiro Sanches

Conhecido como médico de uma czarina da Rússia, Ribeiro Sanches (1699-1783), cristão novo e médico, natural de Penamacor, foi perseguido pela Inquisição e obrigado a viver no exilio onde alcançou grande prestígio, nunca deixando de se preocupar e de ajudar a terra onde nasceu. Além do busto que se encontra em destaque na povoação, foi recentemente concluída a Casa da Memória da Medicina Sefardita com o seu nome (Sapo Viagens, 2017).

Evocativa da memória de Ribeiro Sanches e de outros judeus que viveram na região, a inauguração e abertura do espaço prevista para 2020, foi adiada por contingência do Covid-19 (Sapo Viagens, 2017).

Figura 28. – Casa da Memória da Medicina Sefardita António Ribeiro Sanches, (Captura própria)

9. Castelo branco

Importante cidade do interior centro, está referenciada como possuindo uma judiaria no fim do século XIV. No Percurso dos portados quinhentistas, oferta turística da cidade, abundam as marcas religiosas associadas à cultura judaica: 63 cruciformes, 1 *Menorah* danificada com uma sobreposição cruciforme (visíveis no nº 10, da rua D` Ega) e 1 *Mesusah*. A Sinagoga seria, presumivelmente, no atual nº 10 da rua da Misericórdia e a judiaria estaria entre a Rua D`Ega e parte norte da muralha (Rede de Judiarias, s.d.).

A cidade, à época, vila, foi berço de judeus ilustres como Afonso Paiva, explorador do reino de D João II, que juntamente com Pero da Covilhã, terá conseguido informações sobre o Caminho Marítimo para a India, e Amato Lusitano e Elijah Montalto, figuras que na sua época muito contribuíram para a medicina mundial. O mérito e importância de Amato Lusitano na cidade justifica a sua estátua erguida em 1956 em lugar de destaque, em frente à Camara Municipal, no designado jardim das plantas medicinais (Rede de Judiarias, s.d.).

Ex libris da cidade, o jardim dos bispos do Paço Episcopal, construído na época pombalina, reflete a importância do judaísmo na cidade. A insignificância a que foi reduzida a estátua do cardeal rei D. Henrique, primeiro inquisidor geral, com figura do mesmo tamanho das dos reis Filipes é uma prova disso mesmo. Por oposição, a importância é dada à estátua de Moisés. No cimo da cascata com o seu nome, com a água aos pés, tornando-se figura de destaque do conjunto. A organização do jardim não se limita a este pormenor intencional de valorização da cultura judaica. O culto do Espírito Santo, importante para os cristãos novos, está também simbolizado no jardim com a figura da Rainha Santa, com um cordão da ordem franciscana e com o tanque com as três coroas da festa dos Impérios (Rede de Judiarias, s.d.).

Figura 29. – Estátua de bronze do escultor Joaquim Martins Correia, em homenagem a Afonso de Paiva, Amato Lusitano (1511-1568), médico judeu albicastrense. (Captura própria)

9.1. Casa da Memória Judaica e dos Cristãos-Novos

O impacto da comunidade judaica no desenvolvimento da cidade está patente na Casa da Memória. No centro da cidade, mostra o legado judaico e a influencia da comunidade no período quinhentista, no desenvolvimento da cidade. Organizado em dois pisos, o seu espólio conta com um conjunto de

objetos associados ao Ciclo Vital, a Festividades e Rituais, um memorial às vítimas da Inquisição em Castelo Branco e informação precisa sobre albicastrenses judeus.

O espaço possui ainda uma zona de estudo e investigação de acesso ao visitante.

Figura 30. – Casa da Memória Judaica e dos Cristãos-Novos (Captura própria)

Figura 31. - Objetos judaicos - Casa da Memória (Captura própria)

10. Cabanas de Viriato

Reconhecido por Israel como "Justo entre as Nações" em outubro de 1966, doze anos após a sua morte, é a mais reconhecida figura nacional na ação de ajuda e proteção aos judeus perseguidos na Segunda Guerra Mundial. Desrespeitando ordens do Governo português, o cônsul, com dois dos seus filhos, terá trabalhado sem descanso durante 3 dias, na emissão de vistos ou documentos que permitissem aos judeus que se juntaram às portas do consulado de Bordéus, sair do país em segurança. A sua ação prolongou-se no seu regresso quando passou por Espanha, onde terá tido

intervenção na libertação de judeus e que acabou por escoltar para Portugal. Os registos apontam para que terá salvado cerca de 30 000 vidas (Público, 2020; Sebastião, 2017).
Castigado pelo governo português pela sua ação e desobediência, terá morrido na miséria (Sebastião, C. 2017).

A ação de Aristides de Sousa Mendes continua a ser reconhecida e foi divulgada recentemente a intensão por parte de Jerusalém, de ter uma praça com o seu nome, tendo o Presidente da República sido convidado para a sua inauguração (Lusa, 2020).

Na página dedicada do Yad Vashem, cita-se o cônsul português: «Se centenas de judeus estão a sofrer por causa de um cristão [Hitler], seguramente um cristão pode sofrer por tantos judeus.» (Sebastião, C. 2017)

Figura 32. – Casa do Passal (Captura própria)

Atualmente com o exterior restaurado, a casa de Aristides de Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato, é um imóvel importante na localidade. A Casa do Passal, como é conhecida na região, foi recentemente (notícia do Público em junho de 2020) entregue à Câmara Municipal, pela Fundação Aristides de Sousa Mendes, para requalificação do interior e musealização, operacionalizando-se a sua abertura ao público (Lusa, 2020).

11. Ourém

Antiga vila medieval, Ourém possui, embora em ruínas, o que alguns investigadores consideram ser restos de uma antiga Judiaria. O município tem investido nesta vertente histórica do município, tendo dedicado o Festival de Setembro de 2016, ao tema da diáspora e cultura judaica, incentivando esta vertente da história do concelho. Segundo a autarquia, o investimento pretende fomentar a valorização patrimonial do concelho e incentivar o turismo judaico. Os dados existentes são escassos e remetem para uma comunidade judaica de pequenas dimensões, que terá existido num relativamente curto prazo de tempo, o que suscita dúvida sobre a existência de uma verdadeira judiaria (Gameiro, 2016; Youtube, 2016).

Um arqueólogo local, Carlos Evaristo, fundamenta a existência da judiaria com os achados encontrados num edifício em ruínas, dos restos de uma antiga Botica (um dispensário ou farmácia). No que seria a entrada secundária da vila medieval, encontrou vestígios de loiças ligadas a estas antigas farmácias e plantas não endémicas. Estas plantas, não sendo naturais de Ourém, seriam ervas

medicinais que, junto com especiarias, constituiriam espólio da comunidade judaica fugida de Castela. Foi da responsabilidade deste arqueólogo a reconstrução do edifício e a criação de um museu. Um dos elementos de interesse, é uma pedra esculpida com a Cruz de Cristo e com uma estrela de David por trás, encontrada perto da sinagoga (Gameiro, 2016; Youtube, 2016).

12. Leiria

Em Leiria a presença judaica terá acontecido no início do século XIII, com a instalação de uma comuna fora da muralha da antiga vila. A judiaria atingiria o seu auge no século XV, até à expulsão dos judeus de território nacional, em 1496. A estrutura urbana da judiaria seria tipo espinha de peixe, com traço medieval e que se mantém na atualidade na zona central da cidade (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

O município propõe duas versões para um roteiro da judiaria. Um curto, com 9 pontos e um longo, com 15 pontos de interesse. Dos pontos indicados salientam-se os que se consideram com especial interesse na temática judaica (Visite Leiria, s.d.).

12.1. Centro de Diálogo Intercultural e Sinagoga

Figura 33. – Centro de Diálogo Intercultural; Fonte: (Cm-Leiria, 2018)

Considerada em 2015 Monumento de Interesse Público, a Igreja da Misericórdia, edifício com caraterísticas barrocas, ocupou o espaço da Sinagoga. A rede urbana da judiaria ainda hoje se desenha em torno da igreja e estaria no passado organizada em torno da sinagoga. Na igreja encontra-se atualmente o Centro de Diálogo Interculturas (Visite Leiria, s.d.).

12.2. Casa do Arco/ Arco da Misericórdia

Figura 34. – Casa do Arco; Fonte: (Momentos perfeitos, 2012)

No local onde seriam as portas da judiaria, atualmente encontra-se a Casa do Arco, edifício com elementos decorativos de Arte Nova. No local existiu também um hospital da Santa Casa da Misericórdia. As portas da judiaria de Leiria (século XIII) abririam para a Praça de São Martinho, atual Praça Rodrigues Lobo (Visite Leiria, s.d.).

12.3. Rua Barão de Viamonte – antiga Rua Direita

Na idade média a rua seria ocupada pela comunidade judaica, marginal à vila medieval (Visite Leiria, s.d.).

12.4. Travessa da Tipografia

A história da tipografia em Leiria está relacionada com a presença judaica. Sendo uma das primeiras oficinas de impressão tipográfica do país, terá impresso vários incunábulos hebraicos, consequência da chegada à antiga vila, da família Ortas. A mesma tipografia terá sido responsável pela impressão do *Almanach Perpetuum*, do matemático Abraão Zacuto. (Visite Leiria, s.d.).

12.5. Rua Latino Coelho (Rua da Judiaria)

A família de tipógrafos, os Ortas, residiria nesta rua, antiga Rua da Judiaria ou Rua Nova.
Um ponto central da antiga Judiaria seria a zona de interseção da Rua Direita (atual Rua Barão de Viamonte), com a Rua Nova ou da Misericórdia (atual Rua Miguel Bombarda), anteriormente designada Rua da Judiaria (Visite Leiria, s.d.).

12.6. Praça Rodrigues Lobo

Principal praça da cidade, tem o nome do poeta cristão-novo natural de Leiria e cuja família foi perseguida pela Inquisição (final do século XV). Na praça existe uma estátua da autoria de Joaquim Correia, erigida em homenagem ao poeta (Visite Leiria, s.d.).

12.7. Moinho do Papel

Neste espaço museológico aberto em 2009 e intervencionado por Siza Vieira, considera-se que terá sido a primeira fábrica do papel do país. D João I terá concedido o alvará em 1411.

Na antiga vila medieval, a existência de uma fábrica do papel estaria diretamente relacionada com a existência da tipografia da família Ortas, de que Samuel Ortas, judeu, seria proprietário (Visite Leiria, s.d.).

Importante cidade da zona centro do país, os pontos de interesse de Leiria não se esgotam na temática judaica. A referir ainda que é natural do distrito (Caranguejeira) onde também foi sacerdote, Monsenhor Joaquim Carreira. Considerado um dos quatro «Justos entre as Nações» portugueses e que, enquanto reitor do Colégio Português em Roma, durante a Segunda Guerra Mundial, abrigou dezenas de judeus (Sebastião, 2017; Guarda, 2008).

Na região centro outros locais estão ligados à história judaica, no entanto, alguns possuem apenas escassos vestígios materiais, muitas vezes limitados a marcas cruciformes, ou indícios não materiais como os nomes das famílias, de localidades ou ruas, ou ainda hábitos e costumes com raiz judaica. Embora com diferente valor e interesse todos remetem para a existência no passado, de comunidades judaicas.

13. Guarda

A informação existente aponta para a presença judaica na Guarda, no início do século XIII. A Judiaria seria no interior da muralha, junto às principais vias da cidade. A atual rua Francisco de Passos (antiga Rua Direita) e a Rua de S. Vicente, eram ruas de intensa e distinta atividade comercial, a que se dedicavam os membros da comunidade judaica. Desta atividade comercial usufruíam judeus, locais e forasteiros. A comunidade judaica estaria instalada inicialmente na atual Rua do Amparo (antiga Rua da Judiaria), entre a Porta d´el Rei e o Largo de São Vicente (atual Rua da Trindade), ocupando zonas mais a norte no século XIV, quando a comunidade se tornou mais numerosa e uma das mais importantes do país. Surge nessa altura a Rua Nova da Judiaria (hoje Rua do Amparo), desenhando-se o novo bairro judaico entre a Porta d´el Rei, a muralha e a Rua Direita (Find Your Center of Portugal, s.d.; Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Como noutros locais, no final do século XV a comunidade judaica da Guarda foi obrigada à conversão, ou expulsa. A ação do Tribunal da Inquisição decorria nas igrejas de S. Vicente e de S. Pedro (Find Your Center of Portugal, s.d.; Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

À semelhança de outros locais, também na Guarda os vestígios da presença judaica estão nos nomes característicos das famílias, que ainda hoje perduram, bem como são visíveis no centro histórico, casas com as caraterísticas da época. Com piso térreo e segundo piso, sendo o primeiro destinado ao comércio e o segundo à habitação da família, fazendo-se o acesso por duas portas de diferentes tamanhos (a mais larga para a área de comércio, a mais estreita para acesso ao espaço da família). Também ainda são visíveis marcas de cruzes nas portas, geralmente no lado direito (símbolo da cristianização e também testemunho do mezuzah - todo judeu deve tocar-lhe com a mão direita, enquanto murmura uma oração antes de entrar em casa) (Find Your Center of Portugal, s.d.; Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Os locais anteriormente referidos podem ser objeto de interesse para visitantes que os tenham como referência ou, se no futuro ocorrerem novas descobertas por maior investimento pelo poder local, tornar-se objeto de maior interesse no âmbito do turismo judaico.

14. Localizações Secundárias

São exemplos de alguns locais onde a presença judaica é menos abundante, mais subtil e menos aproveitada pelas entidades locais, os seguintes:

- Mêda, onde se observam marcas cruciformes ou no concelho em Marialva, onde é referida a existência passada de uma judiaria (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

- Idanha-a-Nova, concelho com extensa área por no século XIX ter assimilado outros concelhos, a presença judaica está registada nomeadamente em documentos da Inquisição e foi berço de judeus ilustres. Contudo, os vestígios materiais são escassos, restringindo-se a marcas cruciformes e a símbolos mágico-religiosos, como símbolos exteriores de conversão ao cristianismo. Na povoação de Medelim existe a rua da Judiaria e casas balconadas caraterísticas (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

- Pinhel, nos finais de quatrocentos, possuía uma comunidade israelita residente, que ocupava a que atualmente se designa rua de Santa Maria e algumas circundantes (zona do castelo), onde atualmente se observam marcas cruciformes, em antigas residências de cristãos novos. Já no século XX, a comunidade clandestina que vivia em Pinhel, graças ao Resgate de Marranos de Barros Basto, reorganizou-se e inaugurou uma Sinagoga denominada *Shaaré Orah* (Portas de Luz). A Sinagoga terá sido extinta pouco tempo depois, por questões políticas nacionais (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

- Fornos de Algodres, não só no município, mas também disseminadas pelas povoações, existem numerosas evidencias da presença judaica no município. Das caraterísticas construções, a marcas que se diversificam em Cruciformes, Menorás, Estrelas de David e Salomão, fendas para a *Mezuzas* e portais com a pedra cortada em angulo de 45º. Contudo, é na sede de município que se concentra grande parte dos aspetos de interesse, onde na Rua da Torre, na Travessa do mesmo nome e na rua de S. Salvador (traseiras do quintal dos "Senhores de Fornos") se concentram a maior parte dos vestígios, correspondendo à área da judiaria. Lá terão residido pelo menos 10 famílias, sob a proteção da família Abreu Castelo Branco, "Senhores de Fornos" e proprietários das terras. Não sendo possível aos judeus ser proprietários e sendo estes bons pagadores, terão sido protegidos pelos proprietários (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Figura 35. – Foto de onde se pensa que seria a porta da entrada da judiaria (Captura própria)

Figura 36. – Uma das casas nas traseiras (Captura própria)

- Celorico da Beira, na localidade de Linhares da Beira, é conhecida como a Casa do Judeu, uma casa nobre, com fachada em alvenaria de granito, onde se destaca a porta principal, protegida por um alpendre de recorte típico. Como era habitual nas casas de judeus, a porta é larga, com verga, ombreiras chanfradas e divisas ao fundo, para marcar a hierarquia. Situada perto do castelo, atualmente é uma casa particular, bem conservada. O arco seria o início da zona ocupada pela antiga comunidade judaica (Património Cultural – Direção-Geral do Património Cultural s.d.; All about Portugal s.d.).

- Seia, em plena Serra da Estrela, na cidade abundam as marcas cruciformes que se repetem um pouco por todo o município. Sendo tradicionalmente ligada à indústria da lã, pensa-se que os cristãos novos terão tido um papel importante no seu incentivo (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

- Gouveia, também tradicionalmente importante na indústria da lã, em Gouveia o vestígio mais importante da presença de uma comunidade judaica é a lápide com escrita hebraica, datada de 1496 e relativa à construção da última sinagoga construída na Península Ibérica, antes da expulsão dos judeus dos dois países. A lápide encontra-se exposta no Museu de Arte Sacra (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

- Fundão, onde é referência a Rua da Cale, rua de encontro dos judeus para a prática do culto e onde existiria a casa onde se produzia o pão ázimo/pão de Cale ou pão espanhol (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

- Covilhã, onde terá existido a maior e mais importante comunidade judaica da região da Serra da Estrela e uma das maiores do país, desde o século XII até ao início do século XX. Na atualidade é difícil identificar os três núcleos da cidade quinhentista, esquematizados num desdobrável fornecido pelo turismo. Na região, a comunidade judaica dedicar-se-ia ao comércio e artesanato, com ênfase nos lanifícios, sendo que algumas das importantes fábricas foram fundadas por cristãos-novos. Na cidade são referência a Rua do Ginásio e a Rua das Flores, como zonas de residência da comunidade judaica. Ruas estreitas e sem ordenamento, onde ainda existem fachadas caraterísticas dos gostos da comunidade judaica – edifícios com duas portas (uma grande e uma pequena) e janelas desenquadradas. Três das habitações possuem janelas decoradas ao estilo manuelino, decoradas com motivos náuticos (Rede de Judiarias de Portugal, s.d.).

Também estes locais podem ser objeto de interesse para visitantes que os tenham como referência ou ganhar mais importância se no futuro ocorrerem novas descobertas, ganhando maior interesse no âmbito do turismo judaico.

Anexo II: Sinagoga Portuguesa em Amsterdão

Figura 37. – Sinagoga Portuguesa em Amsterdão; Fonte: (Sygic, s.d.).

A Sinagoga Portuguesa em Amsterdão possui uma longa e complicada história, razão pela qual se optou por colocá-la no final da cronologia da história dos judeus portugueses. Um exemplo singular da história portuguesa-judaica, com existência fora do país, a sua inclusão nesta parte justifica-se com a não divisão dos diferentes momentos desta história, em capítulos diferentes.

Existe desde 1616 uma congregação judaico-portuguesa em Amsterdão. Era composta por cristãos-novos que, depois de deixarem para trás a Península Ibérica, voltaram ao judaísmo com um distinto toque português. Em 1616 criaram o Seminário Talmude-Torá (Estudo da Lei), onde Michael Espinosa estudou (pai do famoso Baruch Espinosa). Em 1637, criaram a *Etz Haim* (Árvore da Vida), uma biblioteca com o objetivo de ensinar os judeus mais pobres e de manter viva a história e tradições dos judeus ibéricos (Europa Nostra, s.d.).

Em 1675 estes judeus inauguraram a Esnoga, mais conhecida em Portugal como a Sinagoga Portuguesa de Amsterdão. A iniciativa da sua construção proveio do Rabi Aboab da Fonseca (nascido em Castro Daire), batizado com o nome de Simão da Fonseca. Um símbolo de prosperidade desta comunidade, teve elementos inspirados no templo de Salomão em Jerusalém e três quadros pintados pelo pintor holandês Emanuel de Witte. Aqui, os sermões foram escritos em português, até 1850 (Europa Nostra, s.d.).

Com o início da Segunda Guerra Mundial a sinagoga foi protegida pelo governo holandês e pela própria comunidade, sendo a única sinagoga em Amsterdão que não foi destruída, mas teve os seus serviços suspensos. Infelizmente a maior parte da comunidade portuguesa-judaica não sobreviveu a esta guerra. A 9 de maio de 1945, a Esnoga retomou os seus serviços e em 1990 a comunidade criou

a “Foundation for the Cultural Heritage of the Portugueses-Israelite Community” (Europa Nostra, s.d.).

Anexo III: Entrevistas Semiestruturadas – Parte 1

1. Alípio Diogo Henriques – Fundador, dono e responsável pelo Belmonte Sinai Hotel. Nascido e criado em Belmonte, no seio da Comunidade Judaica. Entrevista realizada no dia 6 de junho de 2021

Há quanto tempo está envolvido no turismo/cultura judaica e o que lhe despoletou o interesse?
Nasceu no seio da comunidade judaica em Belmonte. Duas razões para criar o hotel: 1- Tendo nascido judeu, sente uma forte conexão com estes turistas. 2- Notou que muitos judeus queriam vir a Belmonte e não tinham onde ficar, viu aí uma oportunidade de os ajudar e, como tal, criou o hotel.

Quais são as maiores dificuldades/questões a ter conta em relação a estes turistas? Ex: alimentação, transportes, acomodações, questões religioso/culturais, legais, etc.
Cerca de 70 a 80% dos turistas que normalmente se hospedavam no hotel (antes do covid-19) eram judeus, os restantes 20 a 30% eram de outras denominações/categorias.
Os judeus ortodoxos necessitam de se alojar a uma distância que permita ir a pé até à sinagoga (particularmente em momentos de culto), ao sábado. O hotel foi pensado para funcionar corretamente no *shabat*, possui portas não eletrificadas, alimentação *kosher* (peixe só de escama e de alto mar e carne tratada por um rabino).

Estes turistas costumam participar em outros tipos de produtos turísticos quando visitam Portugal? Que outras localizações diria que visitam? Particularmente em Belmonte e localizações ao redor.
Existe uma grande diferença entre os dois tipos de judeus que visitam: os ortodoxos e os seculares.
Os judeus ortodoxos vêm para conviver com judeus portugueses, visitar sinagogas e pretendem hospedar-se num hotel judaico. Se visitarem outras localizações, geralmente fazem-no pelos mesmos motivos. Contudo, voltam sempre para o hotel, para garantir que seguem corretamente o *Shabbat* e a alimentação *kosher*.
Os judeus seculares vêm fazer o mesmo que todos os outros turistas, mas apreciam na mesma ficar num hotel judaico.
Existe assim, uma forte dualidade entre os judeus ortodoxos e os judeus seculares.
Ambos são muito apreciadores dos vinhos. Os judeus ortodoxos só consomem os vinhos *kosher*, os judeus seculares consomem vinhos *kosher* e não *kosher*, na mesma medida.
Muitos que visitam Belmonte, visitam outras localizações como Vilar Formoso, Trancoso, Sortelha, Penamacor, Guarda, etc. Alguns, como já referido, pernoitam e jantam no hotel, depois de realizar as visitas a outros locais. Particularmente os judeus ortodoxos. Os judeus seculares, sendo turistas normais, muitas vezes apenas pernoitam uma noite em Belmonte e depois pernoitam noutras localizações, podendo não celebrar o *Shabbat* ou não ter uma alimentação *kosher*.

De que países diria que a maior parte destes turistas vêm?
Entre 50% a 60% são de Israel, os restantes variam, podendo ser: franceses, polacos, romenos marroquinos, americanos, canadianos, etc.

Que línguas se falam no hotel, particularmente tendo em conta o tipo de turismo especializado que aqui é explorado?
Falam as línguas habituais: inglês, francês, espanhol. Não se fala hebraico, mas o entrevistado/dono do hotel fala algum hebraico, por já ter vivido em Israel.

Em algum caso, verificou que estes turistas, depois de visitarem Portugal, demonstraram interesse em ficar? Se sim, algum ficou?

Ouviu falar de alguns casos, conhece dois em particular. Um deles era brasileiro os outros, israelitas. Não conhece nenhum caso em que tenham ficado em Belmonte. Optaram por regiões como, Lisboa, Porto ou Cascais.

Previamente à pandemia covid-19, quantos turistas recebiam? (anualmente, mensalmente, como preferir)
O entrevistado não sabe, mas estavam quase sempre lotados, estando os seus 27 quartos e 3 suites ocupados. Com o covid-19 passaram a ter muito menos turistas, chegando mesmo a não ter ninguém. Neste momento, com a pandemia, apenas estão parcialmente ocupados, sendo os turistas maioritariamente nacionais e não judeus.

Fora este tipo de turistas, de onde e porque vêm os outros turistas? (interesse cultural, acaso)
A qualidade do hotel e/ou interesse cultural. Num caso recente, um grupo de professores de Lisboa ficou no hotel por interesse cultural, seguiram um tour por Belmonte judaica, presenciaram um *shabat* e beberam vinho *kosher*.

Quais são os planos para o futuro do hotel, particularmente depois do covid-19?
Alargar o hotel, colocar piscinas e um ginásio.

Diria que a sua vida foi diferente de alguma forma por ser judeu?
Não, nunca sentiu diferença nenhuma e, particularmente, nunca sentiu receio.

2. <u>Isaac Assor – Ceo da Agência de Viagens Alegretur. Nascido na comunidade judaica em Portugal. Entrevista realizada no dia 8 de Junho de 2021</u>

De que forma se encontra a sua empresa relacionada com o turismo judaico?
Não trabalham exclusivamente com turismo judaico, mas especializam-se em turismo religioso cultural e histórico:
Turismo *Outgoing* – Trabalham mais com turismo religioso católico e evangélico, para Israel, Turquia, Espanha, França, etc.
Turismo *Incoming* – Turismo histórico e judaico em Portugal e Espanha e um pouco o católico em Portugal e Espanha.

Há quanto tempo está envolvido no turismo/cultura judaica e o que lhe despoletou o interesse?
Desde nascença. O pai foi rabino da comunidade israelita de Lisboa, durante cerca de 50 anos. Único rabino de Portugal durante muitos anos.

Quais são as maiores dificuldades/questões a ter conta em relação a estes turistas? Ex: alimentação, transportes, acomodações, questões religioso/culturais, legais, etc.
Depende muito do tipo de turista. Judeus mais religiosos requerem mais cuidado na alimentação e transportes e são limitados ao sábado (*shabat*). Para outros, menos religiosos, não faz grande diferença. O mais importante é descobrir no início, o que quer cada turista. Nenhum judeu vem a Portugal por motivos de peregrinação. Vem por motivos de turismo de raízes, mas também com componentes de lazer. Nenhum turista judaico vem a Portugal sem aproveitar outros tipos de turismo.

A sua empresa lida com turistas judaicos primariamente ou turistas no geral?
É muito difícil dizer percentagens. No mercado israelita, 99% ou 95% são judeus, quanto aos outros mercados, podem vir judeus ou não judeus. É difícil dizer. Em Portugal raramente se questiona as pessoas sobre a sua religião.
O turismo judaico e católico tem uma grande diferença. O turista católico, que vem a Portugal, quando vem a Fátima vem em peregrinação, o turista judaico pode ter visitas a Belmonte ou Castelo de Vide, mas também quer ir a sítios como o Douro, Cascais e Lisboa, acabando por ser um programa misto. O turista judaico segue outros tipos de turismo.
Os grupos de turistas judaicos (se não forem muito religiosos/ortodoxos), deverão passar a maior parte do tempo, noutros tipos de turismo. Podendo nem visitar sinagogas.

O entrevistado fez questão de referir as seguintes informações: O único destino de visitas de peregrinação judaica, é Israel. As localizações de visita de rabis sepultados, Ucrânia ou Marrocos por exemplo, não são bem lugares de peregrinação. Podem prestar homenagem, aos "justos" em hebraico, ou a pessoas de alto valor para a cultura judaica, mas não são peregrinações, sendo mais culturais que religiosas. Chama-lhe "pseudo-peregrinações". Segundo a religião judaica deve-se visitar o templo de Jerusalém 3 vezes por ano. São as únicas peregrinações, segundo a religião judaica.
"Justo entre nações" é diferente de "justos". A primeira designação é dada por Israel a quem salvou judeus no holocausto. A segunda é atribuída a rabinos que foram influentes, sábios, caridosos, para com a comunidade judaica (ou até para a população em geral) na altura em que viveram.

De onde vêm os turistas com que a empresa trabalha?
Os maiores mercados com que trabalham são Israel, EUA, Europa e Brasil. Da Europa, maioritariamente, França e Itália.

Quais diria que são os produtos turísticos pelos quais os visitantes judeus mais interesse demonstram? Turismo judaico *versus* outros tipos.
É muito específico de pessoa para pessoa. Em Lisboa, por exemplo, gostam de visitar o Museu dos Coches ou da Marinha. Em Belmonte o Museu do Azeite ou das Descobertas. No Douro, gostam de visitar as quintas com paisagem.

Quais diria que são as localizações mais importantes para turistas judaicos em Portugal?
Depende. Na história judaica, Porto, Açores, Lisboa, Tomar, Castelo de Vide, Trancoso, Évora, Belmonte, etc. Depende do tempo, do percurso e dos interesses manifestados. Portugal tem duas histórias judaicas: a pré inquisição e a do século XVIII.

O que acha das recentes leis portuguesas que permitem aos descendentes de judeus portugueses, viver em Portugal?
Permite aos judeus descendentes de sefarditas, adquirirem nacionalidade. Concorda e sente que é uma forma de fazer justiça. Acha que é um direito. Sublinha que é algo adquirido, não ganho. Especifica ainda que muitos destes indivíduos não são judeus, mas possuem raízes judaicas.

Tem conhecimento de turistas que, depois de visitarem Portugal, demonstraram interesse em ficar? Se sim, algum ficou?
Não. Mas assume que ocorram situações, em parte pelo aumento verificado na comunidade Israelita.

Como acha que a pandemia covid-19 irá impactar este tipo de turismo?
Eliminou completamente este turismo, como quase todos os outros tipos. Mas terá de melhorar.

Porque lhe parece que o número de turistas judaicos em Portugal estava a aumentar?
Portugal tornou-se um destino de topo a nível mundial. O número de voos de Israel aumentou imenso entre 2017 a 2020. Houve alguma promoção sobre a herança judaica por parte das empresas (incluindo esta), houve também algum marketing estatal, houve visitas de pessoas judaicas importantes. Sempre existiu o interesse por parte dos judeus.

Diria que a sua vida foi diferente de alguma forma, por ser judeu? Ou sentiu que houve alguma situação de antissemitismo?
Nasceu judeu, por isso não conhece outra forma de vida. Mas sente sempre algumas diferenças com a sociedade em geral. Em valores éticos e morais diria que é igual. Existe sempre algum antissemitismo como em todo o lado, mas sendo a comunidade tão pequena e pouco visível, o antissemitismo acaba por ser mais baixo. No entanto, mencionou um caso em que recentemente foram encontrados na porta da sinagoga do Porto, autocolantes antissemitas.

Que línguas falam na sua empresa?

Inglês, francês, alemão, espanhol e o dono fala hebraico. Não falam russo, mas já tiveram grupos de israelitas russos, que vinham com guias próprios.

3. Silvia Prata – Guia-intérprete que com alguma regularidade faz tours com grupos judaicos por Portugal. Entrevista realizada dia 10 de julho de 2021

Há quanto tempo está envolvida no turismo/cultura judaica e o que lhe despoletou o interesse?
Mais ou menos desde 2013. Gosta da cultura e história, particularmente a existência continua do povo judaico ao longo de tanto tempo, mesmo depois de tanta perseguição. Parece-lhe interessante.

Para que empresa ou organização trabalha nos tours que faz? E em que língua são esses tours?
É independente, trabalha para várias empresas. Inglês e Alemão.

Onde ocorrem esses tours?
Se for um grupo que queira visitar os locais em Portugal, visitam Tomar, Lisboa, Porto, Castelo-de-vide, Belmonte, Trancoso.
Fora de Portugal, nunca foi. Mas conhece muitos que vão a Espanha.

Os turistas em questão são sempre judeus ou existem outros simplesmente interessados no tema?
Quando vêm grupos de judeus, foca-se mais na história. Quando é um grupo não judeu, tem de falar mais de outros temas.
A maior parte do tempo trabalha com alemães. Assim sendo, este tema tem que ser comunicado com calma e cuidado. Os tours que faz maioritariamente, não são muito centrados no tema do judaísmo, mas quando são judeus, o tema é mais abordado. Considera que é impossível falar só da história judaica nos tours.

O conteúdo dos tours é sobre cultura e história judaica, ou passam por outro tipo de conteúdos?
Passam sempre. É impossível fazer um tour só sobre judaísmo.

Quais são as maiores dificuldades/questões a ter conta em relação a estes turistas? Ex: alimentação, transportes, acomodações, questões religioso/culturais, legais, etc.
Depende muito se são judeus seculares ou ortodoxos. Esta semana vai fazer um tour a 4 judeus. Quando são ortodoxos, não ficam num sítio ao acaso. Há 4 anos fez um tour a ortodoxos, teve de lidar com a complicação de os homens não poderem tocar em outras mulheres. No final do tour de uma semana, não podia dar um abraço ao líder. Antes da chegada do grupo veio a mulher de um dos participantes e fez um tour de hotéis, para ver onde o grupo iria ficar. Ficaram no hotel *vintage house*, no Porto. Os empregados eram profissionais. Foi necessário preparar uma sala à parte só para comida *kosher*, veio comida da Polónia num camião, cozinheiros e um rabi para lhes preparar a comida. De sexta para sábado celebra-se o *shabat*. Não se pode fazer nada. Não se pode usar nada eletrónico, nem tão pouco usar portas elétricas. Em cada quarto foi colocada fita cola, para que as portas não fechassem. Os hotéis têm de ser muito específicos. Quando vão comer levam a comida consigo, mas queriam sentar-se em esplanadas, o que é um problema. É complicado, fazer tours a ortodoxos. Os outros judeus são praticamente turistas habituais/normais.

Estes turistas costumam participar em outros tipos de produtos turísticos quando visitam Portugal?
Judeus Ortodoxos: Gostam do vinho *kosher*, a guia não podia sequer tocar nas garrafas. Em Trancoso não podia visitar a Casa da Prisca, porque eles não podem tocar nos produtos (porco, sardinhas, …).
Judeus Seculares: Adoram comida e vinho portugueses. Inclusive podem até aceitar comer porco. Por exemplo, quando fez um tour a 6 israelitas e pediu porco, eles pediram para provar, sabendo o que iriam comer.
Nenhum dos grupos gosta do fado. A própria agência avisou a guia de que eles não apreciam. A razão é-lhe desconhecida, mas é recorrente e quase sem exceção. Ambos gostam de passear e ver vistas.

De que países diria que a maior parte destes turistas vêm?
América e Israel.

Soube de algum caso de turistas que, depois de visitarem Portugal, demonstraram interesse em ficar? E se sim, algum ficou?
Que saiba não. Mas já ouviu falar de situações de pessoas que vêm cá a tours para descobrir o país e para depois dizer a outros se é boa ideia virem viver para cá.

Previamente à pandemia covid-19 quantos tours fazia e com quantos turistas contava cada uma? (anualmente, mensalmente, como preferir)
Uns 10 tours por ano. São grupos grandes de 30 ou 35. Ortodoxos e não ortodoxos.

Quais são os planos para o futuro tendo em conta o covid-19?
Não sabe bem dizer. Para o ano gostava que fosse como 2018 ou 2019. Mas acha que os turistas deste tipo vão aumentar no futuro.

Quanto tempo duram os roteiros com estes clientes?
5 a 8 dias, normalmente.

Anexo IV: Entrevistas Semiestruturadas – Parte 2

As entrevistas foram feitas de forma a recolher informações sobre as localizações dentro da área estudada, as quais podem ser incluídas em roteiros ou simplesmente incluídas dentro do património judaico.

Algumas das localizações exploradas neste documento não têm uma entrevista aqui feita, devido a dificuldades em conseguir contactar alguém capaz de responder às questões dentro destas regiões ou devido à existência de informações suficientes.

Localizações e representantes:

1. Trancoso – Bárbara Saraiva – Técnica de Turismo em Trancoso – Trabalha no Centro de Interpretação e na Casa do Bandarra.
2. Vilar Formoso – Manuela Carvalho – Assistente técnica – Trabalha no Memorial aos Refugiados em Vilar Formoso.
3. Penamacor – André Oliveirinha – Arqueólogo Municipal – Responsável pela rede de museus do município.
4. Castelo Branco – Luís Albano – Rececionista da Casa da Memória da Presença Judaica em Castelo Branco.
5. Cabanas de Viriato – Nuno Seabra – Presidente da Junta.
6. Ourém – Fernando Paquim – Responsável pela divisão do turismo.
7. Vila Cova à Coelheira – Jorge Oliveira Pinto – Já foi vereador da câmara e agora é jornalista no jornal de Vila Cova à Coelheira.
8. Sabugal – Manuel Manata – Técnico de Turismo.

1 Trancoso – Bárbara Saraiva – Técnica de turismo no município. Trabalha no Centro de Interpretação e na Casa do Bandarra.

Na sua opinião, de onde são os estrangeiros que mais visitam o local? Dos que visitam estas localizações, que percentagem diria pertencerem à religião judaica ou possuírem raízes judaicas?

Em 2019 a maior parte era de Israel (cerca de 18000). Os restantes, maioritariamente do Brasil e Espanha. É difícil dizer as percentagens.

Dentro dos turistas judaicos existem dois tipos: seculares e ortodoxos. Os seculares maioritariamente, não necessitam de grande diferença de tratamento em relação a turistas não judeus. São exceção os que não comem alimentos que não sigam as leis *kosher* nomeadamente, não poderem comer porco. Os judeus ortodoxos têm grandes limitações e diferenças no tratamento. Começando pelas leis *kosher* na comida (que seguem na íntegra), a não poderem usar durante o *Shabbat* (sábado), nada que utilize tecnologia. Nestes últimos inclui-se o uso de portas elétricas e transportes, necessitando de estar aos sábados, a uma distância que permita ir a pé até à sinagoga. Sendo assim:

A) Tendo em conta as limitações e caraterísticas destes turistas, a localização tem capacidade hoteleira, atrações e restauração suficientes para os atrair? Pode dar exemplos?

Já receberam vários grupos ortodoxos. O único sítio que os consegue receber é o Hotel Turismo de Trancoso.

B) Se não, o que fazem para acomodar estes visitantes ou incentivar a que os restaurantes e alojamentos, os recebam?

No passado tinham uma loja de produtos tradicionais que também tinha produtos *kosher*. Como tinha outros produtos, incluindo carne de porco, os judeus não entravam. Como o turismo judaico não traz muito dinheiro, os locais não têm interesse em desenvolver mais esta vertente e o município não consegue fazer mais para os convencer. Tentaram convencer o dono da loja a colocar de forma mais discreta (esconder) os produtos que não são *kosher*, mas este recusou-se.

Que medidas têm sido levadas a cabo pela autarquia local para aumentar o número de visitantes?

Nenhuma. Como se apercebem que os turistas que aqui vêm passam primeiro por Castelo Branco ou Belmonte, a localização é secundária.

Parece-lhe que os diversos atrativos da cidade estão bem publicitados?

Sim.

Crê que as campanhas de publicidade têm ajudado a divulgar a cidade/vila/aldeia ou acredita que há outros motivos que justificam o crescimento do número de visitantes?

Sim. Em 2019 e mesmo em 2020, o turismo foi bastante bom e mostrava crescimento. Desde 2016 (com a abertura do Centro de Interpretação) viu-se um aumento dos visitantes.

Diria que este tipo de turismo é importante para a localização?

Acaba por não ser muito rentável. Mas a nível da projeção e para incentivar à preservação, é muito bom. Ajuda a fazer *word of mouth* para publicitar a localização.

Existe na localização algum tour relativamente a este tema?

Sim, existe. A câmara faz tours no centro histórico e, por vezes, até só à parte da judiaria.

2 <u>Vilar Formoso – Manuela Carvalho – Assistente Técnica no Memorial aos Refugiados</u>

Na sua opinião, de onde são os estrangeiros que mais visitam o local? Dos que visitam estas localizações, que percentagem diria pertencerem à religião judaica ou possuírem raízes judaicas?
Maioritariamente portugueses, alguns franceses e alguns ingleses, mas é muito variável. Desde o início do covid que têm menos turistas. Antes do covid tinham bastantes turistas judeus dos EUA e Israel.

Dentro dos turistas judaicos existem dois tipos: seculares e ortodoxos. Os seculares maioritariamente, não necessitam de grande diferença de tratamento em relação a turistas não judeus. São exceção os que não comem alimentos que não sigam as leis *kosher* nomeadamente, não poderem comer porco. Os judeus ortodoxos têm grandes limitações e diferenças no tratamento. Começando pelas leis *kosher* na comida (que seguem na íntegra), a não poderem usar durante o *Shabbat* (sábado), nada que utilize tecnologia. Nestes últimos inclui-se o uso de portas elétricas e transportes, necessitando de estar aos sábados, a uma distância que permita ir a pé até à sinagoga. Sendo assim:

A) **Tendo em conta as limitações e caraterísticas destes turistas, a localização tem capacidade hoteleira, atrações e restauração suficientes para os atrair? Pode dar exemplos?**

Não tomaram medidas nenhumas em particular. Já tiveram turistas ortodoxos que não puderam visitar o espaço por as portas serem elétricas.

B) **Se não, o que fazem para acomodar estes visitantes ou incentivar a que os restaurantes e alojamentos, os recebam?**

Tanto quanto sabe, não é feito nada.

Que medidas têm sido levadas a cabo pela autarquia local para aumentar o número de visitantes?
Nenhumas.

Parece-lhe que os diversos atrativos da cidade estão bem publicitados?
Afirma que sim. A Câmara faz os anúncios.

Crê que as campanhas de publicidade têm ajudado a divulgar a cidade/vila/aldeia ou acredita que há outros motivos que justificam o crescimento do número de visitantes?
Sim.

Diria que este tipo de turismo é importante para a localização?
Varia muito. Nos últimos anos quase não tiveram turistas desta tipologia. Mesmo quando vêm, são em pequeno número.

Existe na localização algum tour relativamente a este tema?
Não. Só existe mesmo o Memorial. Considera que não se justifica a existência de um tour.

3 **<u>Penamacor – André Oliveirinha – Arqueólogo municipal e responsável pela rede de museus do município</u>**

Na sua opinião, de onde são os estrangeiros que mais visitam o local? Dos que visitam estas localizações, que percentagem diria pertencerem à religião judaica ou possuírem raízes judaicas?

Espanha e Portugal. Não têm esse registo. O turismo local passa pouco pelo religioso, só recentemente começaram a investir neste tipo de turismo.

Dentro dos turistas judaicos existem dois tipos: seculares e ortodoxos. Os seculares maioritariamente, não necessitam de grande diferença de tratamento em relação a turistas não judeus. São exceção os que não comem alimentos que não sigam as leis *kosher* nomeadamente, não poderem comer porco. Os judeus ortodoxos têm grandes limitações e diferenças no tratamento. Começando pelas leis *kosher* na comida (que seguem na íntegra), a não poderem usar durante o *Shabbat* (sábado), nada que utilize tecnologia. Nestes últimos inclui-se o uso de portas elétricas e transportes, necessitando de estar aos sábados, a uma distância que permita ir a pé até à sinagoga. Sendo assim:

A) **Tendo em conta as limitações e caraterísticas destes turistas, a localização tem capacidade hoteleira, atrações e restauração suficientes para os atrair? Pode dar exemplos?**

Não têm.

B) **Se não, o que fazem para acomodar estes visitantes ou incentivar a que os restaurantes e alojamentos, os recebam?**

Nada. Ainda estão no início do desenvolvimento desta vertente do turismo.

Que medidas têm sido levadas a cabo pela autarquia local para aumentar o número de visitantes?

Tem havido investimentos na área do turismo. Contudo, o objetivo tem sido o turismo em geral, e não especificamente no turismo judaico.

Parece-lhe que os diversos atrativos da cidade estão bem publicitados?

Afirma que sim, a publicidade é feita numa mistura de publicidade online, folhetos e feiras. Afirma que têm uma boa ação de marketing.

Diria que este tipo de turismo é importante para a localização?

Ainda estão no início do desenvolvimento deste tipo de turismo, por isso, este ainda é pouco importante. Mas acham que ganhará visibilidade e atratividade no futuro.

Existe na localização algum tour relativamente a este tema?

Existe apenas um tour que abrange o interesse geral e um do património judaico. Pode ser feito através da Câmara ou de empresas privadas.

4 <u>Castelo Branco – Luís Albano – Rececionista da Casa da Memória da Presença Judaica</u>

Na sua opinião, de onde são os estrangeiros que mais visitam o local? Dos que visitam estas localizações, que percentagem diria pertencerem à religião judaica ou possuírem raízes judaicas?

A maior parte é portuguesa. Antes havia também espanhóis, brasileiros, americanos e israelitas. Não sabe quantos, mas por vezes têm judeus.

Dentro dos turistas judaicos existem dois tipos: seculares e ortodoxos. Os seculares maioritariamente, não necessitam de grande diferença de tratamento em relação a turistas não judeus. São exceção os que não comem alimentos que não sigam as leis *kosher* nomeadamente, não poderem comer porco.

Os judeus ortodoxos têm grandes limitações e diferenças no tratamento. Começando pelas leis *kosher* na comida (que seguem na íntegra), a não poderem usar durante o *Shabbat* (sábado), nada que utilize tecnologia. Nestes últimos inclui-se o uso de portas elétricas e transportes, necessitando de estar aos sábados, a uma distância que permita ir a pé até à sinagoga. Sendo assim:

A) **Tendo em conta as limitações e caraterísticas destes turistas, a localização tem capacidade hoteleira, atrações e restauração suficientes para os atrair? Pode dar exemplos?**

Tanto quanto sabe, não.

B) **Se não, o que fazem para acomodar estes visitantes ou incentivar a que os restaurantes e alojamentos, os recebam?**

Pensa que nada.

Que medidas têm sido levadas a cabo pela autarquia local para aumentar o número de visitantes?
Tanto quanto sabe, não houve nenhuma medida.

Parece-lhe que os diversos atrativos da cidade estão bem publicitados?
Pensa que sim. Nos meios de comunicação. Redes sociais, etc.

Diria que este tipo de turismo é importante para a localização?
Considera que é dos mercados mais pequenos que aqui têm. Contudo, é difícil de dizer uma vez que a maior parte dos turistas não menciona a sua religião.

Existe na localização algum tour relativamente a este tema?
Na localização não, mas por vezes passam por aqui integrados noutros roteiros.

5 Cabanas de Viriato – Nuno Seabra – Presidente da Junta

Na sua opinião, de onde são os estrangeiros que mais visitam o local? Dos que visitam estas localizações, que percentagem diria pertencerem à religião judaica ou possuírem raízes judaicas?
Não existem visitantes vindo maioritariamente de um país específico. Vêm um pouco de toda a Europa. Muitos têm ligação com o judaísmo ainda que possam não se identificar como pertencendo à religião. Recebem muitos Ingleses e Espanhóis.

Dentro dos turistas judaicos existem dois tipos: seculares e ortodoxos. Os seculares maioritariamente, não necessitam de grande diferença de tratamento em relação a turistas não judeus. São exceção os que não comem alimentos que não sigam as leis *kosher* nomeadamente, não poderem comer porco. Os judeus ortodoxos têm grandes limitações e diferenças no tratamento. Começando pelas leis *kosher* na comida (que seguem na íntegra), a não poderem usar durante o *Shabbat* (sábado), nada que utilize tecnologia. Nestes últimos inclui-se o uso de portas elétricas e transportes, necessitando de estar aos sábados, a uma distância que permita ir a pé até à sinagoga. Sendo assim:

A) **Tendo em conta as limitações e caraterísticas destes turistas, a localização tem capacidade hoteleira, atrações e restauração suficientes para os atrair? Pode dar exemplos?**

Não tem.

B) **Se não, o que fazem para acomodar estes visitantes ou incentivar a que os restaurantes e alojamentos, os recebam?**

Neste momento não têm planos.

Que medidas têm sido levadas a cabo pela autarquia local para aumentar o número de visitantes?

Recentemente surgiu a proposta de encontrar uma data para homenagear Aristides de S. Mendes e realizar um jantar de gala. A ideia fracassou no que respeita ao objetivo de receber alguns judeus por não terem comida *kosher*.

Parece-lhe que os diversos atrativos da cidade estão bem publicitados?

Usam os meios habituais. No entanto, a Casa do Passal ainda não está aberta ao público, por isso está ainda pouco publicitada.

Diria que este tipo de turismo é importante para a localização?

Não é particularmente importante. No entanto, veem a imagem de Aristides como importante para a imagem da vila, sendo este muitas vezes a âncora para o turismo da localização.

Existe na localização algum tour relativamente a este tema?

Existem vários passeios, mas nenhum sobre Aristides de S. Mendes ou sobre os judeus.

6 <u>Ourém – Fernando Paquim – Responsável pela divisão do turismo</u>

Na sua opinião, de onde são os estrangeiros que mais visitam o local? Dos que visitam estas localizações, que percentagem diria pertencerem à religião judaica ou possuírem raízes judaicas?

Muitos dos visitantes que têm, vêm ou vão para Fátima. Como tal, são os turistas católicos em peregrinação os que mais visitam a localização. São maioritariamente espanhóis, italianos, polacos, ingleses, brasileiros, sul-coreanos, etc. Quanto à existência de raízes judaicas, não sabe. Não é perguntado e por isso, não têm essa informação.

Dentro dos turistas judaicos existem dois tipos: seculares e ortodoxos. Os seculares maioritariamente, não necessitam de grande diferença de tratamento em relação a turistas não judeus. São exceção os que não comem alimentos que não sigam as leis *kosher* nomeadamente, não poderem comer porco. Os judeus ortodoxos têm grandes limitações e diferenças no tratamento. Começando pelas leis *kosher* na comida (que seguem na íntegra), a não poderem usar durante o *Shabbat* (sábado), nada que utilize tecnologia. Nestes últimos inclui-se o uso de portas elétricas e transportes, necessitando de estar aos sábados, a uma distância que permita ir a pé até à sinagoga. Sendo assim:

A) **Tendo em conta as limitações e caraterísticas destes turistas, a localização tem capacidade hoteleira, atrações e restauração suficientes para os atrair? Pode dar exemplos?**

Esta é uma questão complicada. Durante o decorrer de um evento, foi necessário pedir a um hotel local para estar preparado para estes turistas.

B) Se não, o que fazem para acomodar estes visitantes ou incentivar a que os restaurantes e alojamentos, os recebam?

Não têm conhecimento. Diria que não.

Que medidas têm sido levadas a cabo pela autarquia local para aumentar o número de visitantes?

Não tem havido nenhuma medida em particular.

Parece-lhe que os diversos atrativos da cidade estão bem publicitados?

O marketing que tem sido feito está mais direcionado para o turista em geral. Contudo, assume que através deste, exista atração para o turismo judaico.

Diria que este tipo de turismo é importante para a localização?

Não é determinante, mas é importante.

Existe na localização algum tour relativamente a este tema?

Não. Mas existem na localização tours de caráter mais geral.

7 <u>Vila Cova à Coelheira – Jorge Oliveira Pinto – Já foi vereador da câmara e agora é jornalista no jornal de Vila Cova à Coelheira</u>

Na sua opinião, de onde são os estrangeiros que mais visitam o local? Dos que visitam estas localizações, que percentagem diria pertencerem à religião judaica ou possuírem raízes judaicas?

Afirma que estes são maioritariamente da Alemanha, Suíça, Brasil e nacionais.

Dentro dos turistas judaicos existem dois tipos: seculares e ortodoxos. Os seculares maioritariamente, não necessitam de grande diferença de tratamento em relação a turistas não judeus. São exceção os que não comem alimentos que não sigam as leis *kosher* nomeadamente, não poderem comer porco. Os judeus ortodoxos têm grandes limitações e diferenças no tratamento. Começando pelas leis *kosher* na comida (que seguem na íntegra), a não poderem usar durante o *Shabbat* (sábado), nada que utilize tecnologia. Nestes últimos inclui-se o uso de portas elétricas e transportes, necessitando de estar aos sábados, a uma distância que permita ir a pé até à sinagoga. Sendo assim:

A) Tendo em conta as limitações e caraterísticas destes turistas, a localização tem capacidade hoteleira, atrações e restauração suficientes para os atrair? Pode dar exemplos?

Tanto quanto sabe, não.

B) Se não, o que fazem para acomodar estes visitantes ou incentivar a que os restaurante e alojamentos, os recebam?

Não há nenhuma medida implementada. Tanto quanto sabe.

Que medidas têm sido levadas a cabo pela autarquia local para aumentar o número de visitantes?

Argumenta que a construção do Centro, é uma tentativa de aumentar o número de visitantes. Sendo, no entanto, a única.

Parece-lhe que os diversos atrativos da cidade estão bem publicitados?
Não sabe bem. Mas a certa altura, tentou fazer uma publicação sobre a história dos judeus. Devido a problemas técnicos, acabou por não ser feito.

Diria que este tipo de turismo é importante para a localização?
Diria que sim. Faz parte da história da região e seria uma nova fonte de rendimento.

Existe na localização algum tour relativamente a este tema?
Não existe.

8 Sabugal – Manuel Manata – Técnico de Turismo

Na sua opinião, de onde são os estrangeiros que mais visitam o local? Dos que visitam estas localizações, que percentagem diria pertencerem à religião judaica ou possuírem raízes judaicas?
São maioritariamente de Portugal, Espanha, Reino Unido e França. Esporadicamente podem ser do Brasil, ou do Canada. Não sabe relativamente a quantos terão raízes judaicas.

Dentro dos turistas judaicos existem dois tipos: seculares e ortodoxos. Os seculares maioritariamente, não necessitam de grande diferença de tratamento em relação a turistas não judeus. São exceção os que não comem alimentos que não sigam as leis *kosher* nomeadamente, não poderem comer porco. Os judeus ortodoxos têm grandes limitações e diferenças no tratamento. Começando pelas leis *kosher* na comida (que seguem na íntegra), a não poderem usar durante o *Shabbat* (sábado), nada que utilize tecnologia. Nestes últimos inclui-se o uso de portas elétricas e transportes, necessitando de estar aos sábados, a uma distância que permita ir a pé até à sinagoga. Sendo assim:

A) **Tendo em conta as limitações e caraterísticas destes turistas, a localização tem capacidade hoteleira, atrações e restauração suficientes para os atrair? Pode dar exemplos?**

Não existem.

B) **Se não, o que fazem para acomodar estes visitantes ou incentivar a que os restaurantes e alojamentos, os recebam?**

Não é feito nada.

Que medidas têm sido levadas a cabo pela autarquia local para aumentar o número de visitantes?
Aumentaram a divulgação das Aldeias Históricas, do Roteiro 5 vilas. Mas no turismo judaico não foi feito nada.

Parece-lhe que os diversos atrativos da cidade estão a ser bem publicitados?
Sim, através das redes sociais e com recurso a folhetos.

Diria que este tipo de turismo é importante para a localização?
Não, é um turismo pouco expressivo.

Existe na localização algum tour relativamente a este tema?
Têm vários percursos pedestres, mas nenhum de património judaico. Esporadicamente podem ter, se for pedido à Câmara. Trabalha na Câmara um arqueólogo que pode fazer estes percursos.